



Departamento de Antropologia

A Criação da Categoria *Imigrantes em Portugal* na Revista  
Visão - Jornalistas entre Estereótipos e Audiências

**Alexandre Costa**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Antropologia

Orientador:  
Doutor Paulo Raposo, Professor Catedrático,  
ISCTE-IUL

Julho, 2009

*Resumo:* Esta tese analisa o modo como a categoria Imigrantes em Portugal é criada e veiculada pela *newsmagazine* Visão. Enquanto publicação dentro do espaço simbólico português, é marcada pelo contexto de um Estado-nação pós-colonial, com os imigrantes enquadrados numa lógica de inferioridade. Sendo portugueses a maioria dos leitores da Visão, a cobertura do assunto surge no âmbito do falar sobre os Outros, de Nós para Nós, com os jogos de poder inerentes. No período analisado, entre 2002 e 2008, houve fortes alterações demográficas; a imigração em Portugal continuou a aumentar e a diversificar-se, e depois abrandou. Os artigos da Visão revelam preocupação em dar uma imagem positiva dos imigrantes, mas, ao fazê-lo, os jornalistas jogam com os estereótipos e conceitos naturalizados no senso comum, por vezes procurando desmontá-los, noutras ficando dentro deles mesmo sem se aperceberem. A categoria ‘imigrantes em Portugal’ costuma restringir-se aos que afluem aqui por razões financeiras; estrangeiros ricos escapam em geral à categoria. A defesa da tolerância e dos direitos humanos, desde sempre ligada à identidade da Visão, passou a jogar com a pressão das audiências; artigos em tom negativo arranjam espaço mais dificilmente. O tema não é dos mais apelativos na lógica das audiências. Durante o período analisado os artigos sobre imigração em Portugal surgiram esporadicamente, registando-se actualmente a sua diminuição. A ligação à perspectiva do senso comum é algo activamente procurado, embora não necessariamente com a obrigação de concordar. Os jornalistas tendem a não se afastar muito dos conceitos naturalizados.

*Palavras chave:* media, imigração, jornalismo, Portugal, estereótipos

**ABSTRACT** This paper examines how the category ‘immigrants in Portugal’ is created and disseminated by the newsmagazine *Visão*. As a publication within the symbolic space of a post-colonial country; immigrants are framed within a logic of inferiority. Since most *Visão* readers are Portuguese, coverage happens as a discourse about the Others, from Ourselves to Ourselves, with all the power games such process implies. The period considered, between 2002 and 2008, is marked by strong demographic changes, with the continuing increase and diversification of immigration in Portugal, and its later slowing down. There is concern with giving a positive image of immigrants, but doing so means engaging with common-sense stereotypes and concepts, sometimes dismantling them, sometimes being so inside of them that they are unconsciously reaffirmed. The category ‘immigrants in Portugal’, generally speaking, corresponds to that of foreigners who are brought here by economic difficulties; rich foreigners tend to evade the category. An intention to promote tolerance and human rights, which is part of *Visão*’s identity, has become enmeshed with the pressure to gain or keep audiences; stories with a depressing side get ever less space. Articles about immigrants in Portugal are not the most appealing, within a logic of audience share. During the period under analysis, they appeared sporadically, with diminishing frequency. A closeness to common perspectives is something actively pursued, not in the sense that journalists have to agree, but must at least engage them. Journalists tend not to stray far from ‘naturalized’ concepts.

*Keywords:* media, immigration, journalism, Portugal, stereotypes

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	1
1.1. A escolha da área dos media e a Antropologia em casa	3
1.2. A escolha da Visão	5
1.3. Metodologia	7
1.4. Os artigos sobre Imigrantes em Portugal na Visão	9
1.4. Estrutura da tese	13
<b>2. NOVOS FLUXOS MIGRATÓRIOS E A COBERTURA MEDIÁTICA NO CONTEXTO DO ESTADO-NAÇÃO PORTUGUÊS</b>	15
2.1. O Estado-nação e a etnicização dos imigrantes no Portugal pós-colonial	15
2.2. O fenómeno recente da imigração em Portugal	22
2.3. Os imigrantes enquadrados na lógica ‘lusófona’	25
2.4. O papel dos media na criação da identidade nacional	30
2.5. Os estereótipos e os jogos de poder na representação dos media	35
2.6. A monitorização dos media efectuada pelo Observatório da Imigração	38
<b>3. A REVISTA VISÃO</b>	42
3.1. Nascimento e percurso da Visão	42
3.2. A herança e identidade da Visão	43
3.3. A liderança no sector das <i>newsmagazine</i>	45
3.4. O modelo <i>newsmagazine</i>	46
<b>4. OS ARTIGOS DA VISÃO SOBRE IMIGRANTES EM PORTUGAL ENTRE 2002 e 2008</b>	49
4.1. 2002 – Os novos imigrantes de leste e os brasileiros, no ano da formação do Governo PSD/CDS-PP quando Portugal acompanha a tendência da União Europeia de restringir as entradas	49
4.2. 2003 – Imigrantes, o elo mais fraco com a chegada da crise, no ano da guerra do Iraque	53
4.3. 2004 - Espreitar o “mundo” dos imigrantes ucranianos, a favela brasileira da margem sul e os chineses invisíveis	57
4.4. 2005 - A descoberta dos “nossos brasileiros”, os receios do império chinês, das crises de identidade e de que os tumultos dos subúrbios franceses sejam contagiosos	63
4.5. 2006 - Dos europeus, os estrangeiros que escapam à categoria, aos imigrantes inconformados e empreendedores	67

4.6. 2007 - Olhar para os que já cá estão, na altura em que se acentua o declínio no número de imigrantes	70
4.8. 2008 - O pouco original racismo e a descoberta dos marroquinos iguais a nós	75
4.9. Primeiras conclusões em torno dos artigos	79
<b>5. A REDACÇÃO DA VISÃO</b>	86
5.1. As reuniões	88
5.2. A perspectiva dos jornalistas, dos directores, dos editores e dos redactores	95
<b>6. CONCLUSÃO</b>	103
<b>7. BIBLIOGRAFIA</b>	108

## 1. INTRODUÇÃO

De que modo os imigrantes em Portugal são representados numa *newsmagazine* de grande tiragem e abrangência nacional? Como ocorre a criação dessa categoria específica veiculada nas páginas da revista? Estas são as questões centrais de partida, para as quais procurarei respostas ao longo desta tese.

Os mais recentes fluxos migratórios, oriundos da Europa de Leste e do Brasil, representaram uma profunda mudança no mosaico social de um país que até um passado recente estava sobretudo familiarizado com o fenómeno inverso, o da emigração. Após a instauração da democracia, com o 25 de Abril de 1974, Portugal abandonou o seu papel de potência colonial e veio a integrar a Comunidade Económica Europeia, actual Comunidade Europeia. Na década de 1970 ocorreu a chegada maciça de pessoas provindas das ex-colónias e a partir daí Portugal passaria a ser destino de fluxos de imigração. Mas a predominância da imigração sobre a emigração só se tornaria num fenómeno estrutural a partir da década de 90, com a adesão ao acordo de Schengen, altura em que passaria a receber pessoas de países com os quais não tinha ligações históricas.

Dentro do espaço simbólico e operativo de um Estado-nação, os media são um dos locais onde ocorre o processo de interacção e competição entre grupos e indivíduos na redefinição e criação de novas identidades e valores. São um dos palcos onde tem sido dado a conhecer esse Outro recém-chegado, o forasteiro ainda não totalmente enquadrado, o desconhecido alvo fácil de desconfiança, que surge como concorrente ao mercado de trabalho, potencial invasor do ‘país dos brandos costumes’.

O Observatório da Imigração<sup>1</sup> tem monitorizado e analisado a forma como os media portugueses abordam a imigração, dando conta como frequentemente ajudam a criar e sedimentar estereótipos. Nesse sentido, é apontada como especialmente preocupante a frequente associação da imigração ao crime e à

---

<sup>1</sup> Criado em 2003, o Observatório da Imigração é uma unidade informal do Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (à data denominado como ACIME - Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas), da Presidência do Conselho de Ministros, que se apresenta com os objectivos de “estimular o diálogo entre a academia e as decisões políticas no que diz respeito à proposta, discussão e avaliação de políticas públicas em matéria de integração de imigrantes em Portugal”. Coordenado pelo engenheiro Roberto Carneiro, o organismo tem desenvolvido diversos estudos que pretendem contribuir para “a desconstrução de mitos, de representações e/ou estereótipos acerca dos imigrantes ou da imigração em geral que teimam a ser veiculados na sociedade portuguesa”.

prostituição, num jornalismo que, na sua disputa pelas audiências, ganha contornos sensacionalistas. A tendência é também apontada em alguns outros estudos<sup>1</sup>. O estigma é acentuado por se destacar a diferença (o ser de outra etnia ou ter outra nacionalidade que não a portuguesa) dos autores dos crimes, em contraponto com a “normalidade”, que tende a não ser nomeada.

Mas ao contrário do que acontece entre os tablóides, na imprensa de referência tem havido uma tendência crescente em não fazer essa discriminação. Essa preocupação é especialmente notória na *Visão*, cujos artigos denotam uma clara vontade de transmitir uma imagem positiva da imigração em Portugal. A *Visão* é a *newsmagazine* mais vendida em Portugal e descende de *O Jornal*, um semanário que nasceu no contexto bastante politizado do pós-25 de Abril, com um posicionamento ideológico de esquerda.

Esse factor não invalida que inevitavelmente seja entre os estereótipos e os conceitos tidos como naturais e normais no senso comum e na generalidade dos media que os artigos da *Visão* se movem. De diversos modos, eles acabam por estar sempre presentes, como adiante iremos dar conta.

A *Visão* não surge em nenhum dos estudos do Observatório da Imigração sobre a cobertura mediática da imigração em Portugal (que aqui genericamente apresentaremos como indicativos do contexto mediático em que a cobertura da *Visão* se insere). Esta tese afastar-se-á também dos dados inscritos nesses estudos, porque efectuará a análise dos conteúdos jornalísticos sobretudo na perspectiva de compreender os processos que os originaram. Mais do que saber qual a imagem dos imigrantes em Portugal veiculada pela revista, esta tese pretende investigar as circunstâncias, as inter-relações, que levam ao surgimento desse retrato. Devido a que factores e em que moldes esses grupos e indivíduos se tornam, ou não, jornalística e editorialmente interessantes. Utilizar o método etnográfico com pesquisa de terreno, para abordar a redacção da *Visão* numa perspectiva que contribua para perceber como as relações aí existentes determinam a representação dos imigrantes em Portugal veiculada nas páginas da revista *Visão*.

Nesse sentido, não serão tanto os imigrantes em Portugal que estarão aqui em foco, mas sobretudo os jornalistas, como actores e agentes de um complexo

---

<sup>1</sup> Como é o caso de *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa*, levado a cabo em 2003 pelo OBERCOM para o ACIME; ou de “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”, a tese apresentada por Luciana Pontes em 2004.

processo que leva ao surgimento dessa determinada categoria. Por uma questão de delimitação do objecto de estudo, esta tese não procurará, aliás, analisar os efeitos que essa categoria tem sobre os indivíduos nela representados. A análise ficará do lado dos jornalistas e da dinâmica existente dentro de uma redacção de uma publicação informativa, no caso uma *newsmagazine*.

Antes de mergulhar no campo, começarei por dar conta dos diversos factores que ali estarão em jogo, o contexto mais geral: como surge o fenómeno categorizado na revista, como a imigração se enquadra num Estado-nação pós-colonial, e o caso específico de Portugal, assim como o papel que os media têm desenvolvido nesse espaço e na cobertura do assunto Imigração em Portugal.

### **1.1. A escolha da área dos media e a Antropologia em casa**

A escolha de um tema de tese sobre o modo como as interacções existentes dentro de uma redacção de um órgão de comunicação social levam a criação de uma determinada representação de um Outro, surgiu-me como uma tentativa de cruzar a Antropologia com o meio onde exerço a minha actividade profissional.

Sendo jornalista, o desafio não era perceber algo que me era estranho, mas, o oposto, partindo da vivência do meio, sair um pouco da sua lógica inerente, para dela poder ter uma outra percepção. Parte do interesse era não me colocar simplesmente de fora (o que no limite seria impossível), mas fazer uso do *insight* que possuo, consciente de que a opção de me colocar entre campos cruzados seria inevitavelmente acompanhada de diversas tensões e condicionamentos.

A compreensão do Outro e a consciência do relativismo cultural (na medida em que enquadrámos o Outro dentro dos padrões da nossa cultura) e da intersubjectividade (criada pela relação estabelecida entre o observador e o observado) tem sido central na Antropologia. Mas se no cenário tradicional da ciência, o etnógrafo estudava um Outro ‘exótico’, geográfica e culturalmente distante, a “Antropologia em casa” leva a uma problemática sobreposição de identidades. Antropólogos como M. N. Srinivas (1966) e José Cutileiro (1973) reflectiram sobre a sua observação-participante enquanto etnógrafos nativos, constatando que a sua posição lhes permitiu darem-se conta de subtilezas que passariam despercebidas a alguém de fora, mas por outro lado a sua inserção no meio facilmente lhes condicionava o acesso à informação, seja por factores sociais, políticos, ou outros.

Srinivas, que se viu confrontado com as vantagens e desvantagens de ser um brahman indiano a estudar a ‘sancritização’ (processo através do qual as castas inferiores hindus imitam o estilo de vida dos brahmins) notou que o seu envolvimento emocional com o assunto podia ser fonte de erro, mas ao mesmo tempo (indo ao encontro das ideias do etno-psiquiatra George Devereux) esse factor também lhe poderia dar mais um *insight* sobre a situação.

Devereux (1967) considera que as ciências comportamentais frequentemente ignoram a inter-subjectividade e o inerente fenómeno da contra-transferência, através de resistências, mascaradas de metodologias, mas que essa estratégia defensiva acaba por ampliar a perturbação, tornando-a uma incontável fonte de erros. Sendo impossível eliminá-la, este etno-psiquiatra defende que deve antes ser levada em conta como um dos dados da investigação e fonte de conhecimento. E nesse sentido o cientista deve abdicar da ilusão de conseguir abolir toda a subjectividade e tentar perceber-se a si próprio como investigador.

Marilyn Strathern (1987) nota que o dilema doméstico passa pela relação com os informantes num meio onde se está prévia e posteriormente inserido, mas também pelo impacto que a etnografia terá junto deles, ao mesmo tempo que terá de ser validada pelos colegas. Refere, por isso, que em casa o antropólogo facilmente ganha a conotação de mistificador, parcial e, ao mesmo tempo, óbvio, redundante e trivial.

Mascarenhas-Keyes (1987) refere que a antropologia em casa coloca o antropólogo numa situação de divisão entre um “self nativo” e um “self profissional”. Em certa medida essa divisão está também presente na actividade dos jornalistas. E no meu caso, como académico a realizar um trabalho sobre jornalistas, mas também como jornalista, a sobreposição de papéis é ainda maior. Trata-se de estar duplamente em casa – estar a realizar trabalho de campo no meu país e ao mesmo tempo junto da minha classe profissional. Trabalhar no semanário Expresso, uma publicação concorrente da Visão, mas do mesmo grupo económico (o grupo Impresa, de Francisco Pinto Balsemão), facilmente poderia ter criado entraves no trabalho de campo junto da sua redacção – pois implicava, nomeadamente, ter acesso a

informação dos trabalhos em curso<sup>1</sup>. Sinto o dilema de estar a falar simultaneamente de dentro para fora e para dentro a partir de dentro. E se, como vulgarmente acontece no exercício de qualquer profissão, esta tende a ser acompanhada de uma boa dose de autocrítica, é-se em geral mais susceptível quando as críticas vêm de fora. Tendo esses factores em conta, a escolha deste tema surge-me motivada por uma vontade de ter outra perspectiva do jornalismo através da perspectiva antropológica, mas também por uma vontade de enquadrar dentro dela as subtilezas e condicionantes, que me parecem frequentemente escapar a quem está de fora.

Do curso de Ciências da Comunicação ficou-me a perspectiva do jornalista Adelino Gomes, de que nos anos 70 em Portugal esteve no auge o modelo de jornalista “revolucionário” (empenhado em contribuir para a construção de um regime democrático, dentro da recém-chegada liberdade de imprensa), que nos anos 80 imperou o de jornalista “partidário” (cada qual procurando apresentar a perspectiva do seu respectivo partido) e de nos anos 90 ter chegado o do jornalista “publicitário” (obcecado com a obtenção de audiências, num meio cada vez mais competitivo e onde se tornou cada vez mais difícil quebrar a barreira da indiferença e captar a atenção do público, face à quantidade cada vez maior de informação com que este passou a ser diariamente bombardeado, em parte devido à multiplicação da informação televisiva que na altura ganhou uma posição ainda mais preponderante).

De então para cá a obsessão pelas audiências não parece ter-se atenuado. Bem pelo contrário. O aparecimento dos novos media – seja a Internet (onde um enorme manancial de informação passou a poder ser acedida livremente, entre a qual conteúdos jornalísticos) ou os jornais gratuitos – fez com que a concorrência seja cada vez maior. Os media tradicionais empenham-se agora em reinventar-se, sob a ameaça de a médio prazo não conseguirem sobreviver. Dentro desse contexto, tem-se assistido à contínua agregação dos media privados em grandes grupos de comunicação, com uma lógica de aumento de produtividade e de maximização dos recursos, onde a actividade jornalística é encarada na óptica da produção de conteúdos.

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, devo agradecer à equipa da Visão, em especial ao director Pedro Camacho e ao editor Paulo Chitas, pela confiança que em mim depositaram, que em muito contribuiu para atenuar esse factor junto dos restantes elementos da redacção.

Da minha experiência como jornalista trazia bem presente a noção de que uma das primeiras perguntas que se procura responder quando se começa a perspectivar um novo artigo e a convencer o respectivo editor do seu potencial é a de saber: Porque há-de aquele assunto interessar ao leitor? (Tendo como ponto assente que, à partida, qualquer pessoa facilmente se interessa por tudo o que tenha uma implicação directa na sua vida.) Interessou-me ver como essa premissa se cruza com o assunto imigração em Portugal, em publicações destinadas a um vasto público, onde a generalidade desse público, assim como dos jornalistas, não faz parte desse grupo. Ou seja, como ocorre esse falar sobre os Outros, de Nós para Nós.

## **1.2. A escolha da Visão**

De início pensei em analisar a representação dos imigrantes em Portugal veiculada pelos serviços noticiosos das três principais estações televisivas portuguesas, pelos principais jornais nacionais e pela agência Lusa, mas depressa me apercebi que seria um projecto demasiado ambicioso e amplo, dificilmente concretizável, dadas as limitações de espaço imposta para a tese e a minha disponibilidade de tempo (especialmente, tendo em conta que pretendia fazer trabalho de campo nas diferentes redacções). A discussão no espaço seminal do Mestrado com colegas levou-me então para a ideia de me centrar em apenas um órgão de comunicação social, o jornal onde trabalho, o semanário Expresso. Acabei contudo por pôr igualmente essa ideia de lado, por pensar que acarretaria uma demasiada sobreposição de papéis e que a minha demasiada familiaridade com a redacção me dificultaria a sua observação.

A Visão surgiu então como a publicação mais apropriada, por conjugar uma série de factores: ser uma revista generalista, onde os artigos sobre imigração em Portugal têm de competir por espaço com os mais diversos acontecimentos, em áreas que vão desde a política, sociedade, economia, desporto ou cultura; ser uma das publicações noticiosas nacionais de maior tiragem (a *newsmagazine* mais vendida), destinada a um vasto leque de leitores, o que lhe confere significativo impacto; ser uma redacção com a qual não tinha anteriormente quase nenhum contacto; e ao mesmo tempo, sendo uma publicação do mesmo grupo do Expresso, ficar localizada no mesmo edifício onde trabalho, factor determinante na gestão do meu tempo para conseguir concretizar o trabalho de campo para esta tese.

### 1.3. Metodologia

Esta tese foi feita com recurso aos métodos de pesquisa bibliográfica e análise de literatura relevante, assim como a análise de conteúdos de todos os artigos sobre imigração em Portugal publicados na revista *Visão* entre 2002 e 2008. Foi com base nessa amostra que parti para o trabalho de campo que realizei ao longo de cerca de seis meses (os artigos dos últimos meses de 2008 seriam recolhidos e analisados já após ter praticamente terminado o trabalho de campo).

A par das entrevistas individuais - ao director Pedro Camacho, ao subdirector Rui Tavares Guedes, ao coordenador do gabinete editorial, José Carlos de Vasconcelos, aos editores Paulo Chitas e Paulo Pena, respectivamente das secções *Sociedade e Portugal*, e a 9 jornalistas autores de artigos sobre imigração em Portugal - a observação das reuniões de preparação da *Visão* foram centrais no trabalho de campo, em especial as reuniões semanais da secção *Sociedade* (secção que tradicionalmente tem um lugar de destaque dentro de uma *newsmagazine* como a *Visão* e onde foram publicados o maior número de artigos sobre o tema em questão).

Assisti a cinco reuniões semanais e a uma reunião de análise dos conteúdos publicados nos meses anteriores da secção *Sociedade* (entre Abril e Junho de 2008), a duas reuniões semanais da secção *Portugal* (Maio de 2008) e apenas me foi permitido assistir a uma reunião semanal de editores (2 de Julho de 2008).

À parte de me ter inicialmente apresentado, optei por não intervir ao longo das reuniões, de modo a atenuar o efeito da minha presença. O grupo de pessoas que participam nestas reuniões varia bastante. É frequente que elementos da equipa estejam fora ou ocupados a realizar diversos trabalhos de modo que não compareçam. Por outro lado estão também frequentemente presentes na reunião da *Sociedade* jornalistas *freelancers* que colaboram com a secção. É no entanto muito invulgar a presença de alguém que não se encontre nestas circunstâncias. No meu caso, facilmente poderia ter criado um duplo constrangimento. Pois para além de ser um académico que estava ali a observar e analisar o funcionamento da redacção, era um jornalista de uma publicação concorrente, embora do mesmo grupo.

Nas entrevistas o facto de ser jornalista estava também obviamente presente. O ponto de partida das minhas questões tinha inerente o meu conhecimento interno do funcionamento das redacções, mas ao mesmo tempo procurei ao máximo que me fosse explicado esse funcionamento e não deixar resvalar as entrevistas para

conversa entre jornalistas, que facilmente reduziria parte da conversa ao ‘tu sabes como é’, ‘é o normal’.

Se as reuniões me serviram sobretudo para observar a interacção entre os diferentes jornalistas e chefias hierárquicas durante o processo em que a generalidade dos temas para artigos começam por ser apresentados. Ou seja, os factores mais gerais que estão em jogo nesse processo. As entrevistas serviram para, partindo desse contexto geral, chegar às circunstâncias em que surgiram e foram desenvolvidos os diversos artigos sobre imigrantes em Portugal.

Realizei entrevistas semi-estruturadas. Aos directores e editores coloquei questões sobre como definem a revista, qual o tipo de publicação e abordagem noticiosa, o modo de funcionamento da redacção e coordenação da equipa. Para que público se dirigem. Se o tema da imigração em Portugal é ou não facilmente apelativo junto dos leitores. Que estratégia usam para os aproximar do assunto. Que postura acham dever ter na abordagem no assunto. Que análise fazem da cobertura feita pela Visão do tema imigrantes em Portugal. Qual a receptividade que tem junto da equipa da Visão. Para além de dados biográficos dos mesmos, nomeadamente, o contacto com a imigração fora do contexto profissional.

Quanto ao coordenador do gabinete editorial (um dos únicos elementos e o único que entrevistei que se mantém na publicação desde o início) coloquei sobretudo questões sobre os antecedentes e criação da Visão, o modo como a estrutura foi alterada e como isso influenciou no modo de funcionamento da redacção.

As entrevistas aos jornalistas autores de artigos sobre imigração em Portugal tiveram por base esses artigos, que colocava à sua frente ao mesmo tempo que lhes perguntava como tinham surgido, de quem foi a ideia inicial, que orientações tinham recebido e como tinha sido desenvolvido, para além de lhes questionar qual a receptividade do tema junto dos editores, junto do público da Visão. Qual a postura que pensam que a Visão deve tomar. E como analisam a cobertura que têm feito do assunto. Para além de dados biográficos e sobre o seu contacto com a imigração fora do contexto profissional.

Dentro da medida do possível procurei colocar as questões sem juízos de valor ou pressupostos que influenciasses as respostas. A opção de colocar os artigos à frente dos seus autores ia no sentido de os fazer mais facilmente recordarem o contexto em que os mesmos surgiram, mas também de os fazer falar mais

espontaneamente.

Mantive ainda conversas mais informais com o editor fotográfico, Gonçalo Rosa da Silva, e com o fotógrafo, Luís Barra (sobre a cobertura fotográfica do tema e do modo como o desenvolvem em parceria com os jornalistas redactores) e com o editor de Cultura, Pedro Dias de Almeida (sobre a forma de funcionamento das reuniões de editores e da filosofia editorial da Visão).

A generalidade das entrevistas foram realizadas no bar ou no refeitório do edifício do grupo Impresa, na maior parte das vezes em situação de suficiente isolamento para ter alguma privacidade, noutras com a confusão à volta a acabar por gerar o alheamento de terceiros em relação à conversa. No caso do directo Pedro Camacho e do director-adjunto decorreram em salas de reuniões da Visão. Apenas a entrevista ao editor Paulo Pena decorreu no meio da redacção. Henrique Botequilha foi entrevista num gabinete da agência Lusa.

Apesar de analisar a cobertura feita entre 2002 e 2008, dou mais destaque ao período mais recente, por estar mais vivo na memória dos jornalistas entrevistados e corresponder à estrutura da redacção que existia durante o trabalho de campo (para além do director, também os editores das secções Sociedade e Portugal actuais não são os mesmo de 2002).

#### **1.4. Os artigos sobre Imigrantes em Portugal na Visão**

Pensada inicialmente para ter entre 100 a 116 páginas, a Visão chega a ter 200. A dimensão de cada edição semanal é determinada pela publicidade angariada, que tem de corresponder a uma determinada percentagem do espaço total da revista, havendo no entanto alguma latitude dentro desse rácio, nomeadamente para não ir nunca abaixo das 100 páginas.

Entre 2002 e 2008 foram publicados na Visão 56 artigos sobre imigrantes em Portugal (59 se contarmos com os 3 artigos de opinião do antigo secretário de Estado Adjunto do Ministério da Presidência, Feliciano Barreiras Duarte, publicados em 2007).

De fora desta amostra ficaram os artigos que incidem sobre imigrantes mas onde estes não surgem designados como tal. O critério deve-se a estar a analisar o processo em torno de uma categoria específica - imigrantes em Portugal – o que implica não estar atento ao modo como eles são retratados nos casos em que não surgem dentro da categoria em causa. Como a Visão tem em geral atenção em não

realçar a nacionalidade dos autores de crimes e em particular não os designar como imigrantes, ficam de fora grande parte dos artigos sobre criminalidade, restando desta área sobretudo os que denunciam situações em que os imigrantes surgem como vítimas. O critério leva também a que os dados aqui recolhidos não possam ser directamente comparados com os dos relatórios anuais do Observatório da Imigração (onde a revista não surge).

Os artigos sobre Imigrantes em Portugal não têm forte presença nas páginas da revista (à semelhança do que acontece na generalidade dos media, se deixarmos de lado os artigos da área de crime). Pode-se constatar pelos números - 2002 - 9 artigos, 2003 - 10 artigos, 2004 - 13, 2005 - 6, 2006 - 8, 2007 - 5 (8 contando com os artigos de opinião) e em 2008 - 5 - que surge apenas ocasionalmente, não estando presente na maioria das edições e actualmente a tendência é para a sua diminuição. Mesmo que por vezes seja abordado em artigos de várias páginas, em apenas um caso (“As novas escravas”, 1 de Março de 2007, um artigo sobre o tráfico de mulheres imigrantes para exploração sexual) surgiu como capa da revista.

O número de artigos sobre Imigrantes em Portugal conhece alguma oscilação entre 2002 e 2008. Se nos três primeiros vai aumentar, atingindo o pico máximo em 2004, a partir daí sofre uma significativa redução. O aumento corresponde ao período em que se registou a continuação do grande crescimento do número dos imigrantes de Leste, em especial de cidadãos ucranianos, que têm preponderância nos artigos desses 3 primeiros anos (em alguns casos surgindo em contraponto com os PALOP<sup>1</sup>, que num artigo de 2002 é referido serem ainda largamente maioritários), seguidos pelos artigos sobre imigrantes brasileiros, cujo número também estava a aumentar significativamente (um artigo de 2004 dá conta de estarem prestes a tornar-se no maior grupo).

Os artigos procuram acompanhar essas tendências, surgindo muitas vezes como retratos desses grupos, frequentemente a pretexto de outros assuntos que estão a marcar a actualidade, como por exemplo a presença dos ucranianos numa “radiografia” do país actual, por ocasião das eleições legislativas. Em 2004 a Visão envia um repórter à Ucrânia para conhecer o país e as famílias dos imigrantes. A Presidência Aberta de Jorge Sampaio dedicada à imigração em 2003 dá azo a uma reportagem que aborda o racismo e a discriminação, tema que já havia sido focado

---

<sup>1</sup> Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

nesse ano pela mesma jornalista a propósito de uma alteração legislativa. Algumas reportagens abordam de vários ângulos a nova realidade “multicultural” do país. Uma reportagem procura revelar os “chineses desconhecidos”, enquanto os imigrantes africanos apenas têm destaque nesse período através de Francis Obikwelu<sup>1</sup> – que dá origem a dois artigos – mas sempre na perspectiva do seu caso particular, do perfil do imigrante da Nigéria que se tornou campeão de atletismo.

Entre 2005 e 2008 o número de artigos baixa significativamente. Apesar dos artigos sobre imigrantes de Leste perderem a sua preponderância, vão ainda manter-se. Aumenta a presença de artigos que abordam a nova realidade multicultural, enquanto outros dão conta do que é apresentado como um novo género de imigração, de imigrantes da União Europeia.

A pretexto do encontro entre o Presidente Lula da Silva e o primeiro-ministro José Sócrates em 2005 surge um retrato sobre os imigrantes brasileiros da ‘segunda vaga’. Diversos artigos desses quatro anos surgem em sequência e procurando desmontar algum alarme gerado entre a opinião pública, seja os receios da invasão do comércio chinês, de que o drama de africanos que iam dar à costa das Canárias se repetisse em Portugal, ou que o caso “arrastão”<sup>2</sup> de Carcavelos seja um sinal de que o mesmo tipo de distúrbios ocorridos em França possam ocorrer por cá. O único artigo analisado que deu direito a capa, sobre tráfico sexual, surge em 2007 num número que teve grande destaque, marcando o arranque de um novo modelo gráfico da Visão

Os autores de três artigos, publicados na Visão no período em análise, foram contemplados com o prémio “Imigração e Minorias Étnicas – Jornalismo pela Tolerância” atribuído pelo ACIME. Questionado sobre a abordagem que a sua publicação tem efectuado sobre o assunto e se lhe deveriam dar maior ou menor destaque no futuro, o director Pedro Camacho referiu: “Acho que temos tratado de forma equilibrada, atendendo à revista que somos, ao espaço que temos e à variedade de assuntos que tratamos (...) Nos últimos anos tem tido alguns altos e baixos. Já

---

<sup>1</sup> Natural da Nigéria, Francis Obikwelu naturalizou-se português em 2001, ganhando grande destaque pelas medalhas que conquistou para a selecção nacional, nomeadamente uma medalha de ouro no Campeonato da Europa de Atletismo de 2002 e uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 2004 em Atenas. A Associação Europeia de Atletismo elegeu-o como o melhor atleta europeu de 2006. Em 2008, após não ter conseguido bons resultados nos Jogos Olímpicos em Pequim, abandonou o atletismo.

<sup>2</sup> O caso “arrastão” foi um estranho fenómeno de empolamento mediático onde se criou, sem qualquer base, a ideia de que a praia de Carcavelos fora subitamente invadida por gangues de adolescentes negros.

existiram mais tensões na sociedade portuguesa com imigrantes do que existem agora, também porque houve um retrocesso do fenómeno (referência à diminuição da chegada de novos imigrantes e a saída de parte dos que cá estavam). A nível mundial acho que tendencialmente vai ser um problema cada vez pior. Acho que uma das graves tendências do mundo é precisamente essa, por várias razões, por motivos políticos, económicos, religiosos e até climatéricos, acho mesmo que vai ser um dos grandes dramas que vamos ter de enfrentar” (Camacho, Março de 2008).

A categoria de imigrante em Portugal veiculada pela Visão corresponde em geral à de indivíduos que afluem ao nosso país devido a uma difícil, muitas vezes desesperada, situação financeira, de grande vulnerabilidade, e que facilmente se tornam alvo de estigmatização. Em contraponto com esse quadro, muitos dos artigos da Visão surgem na perspectiva de realçar a maior riqueza e diversidade cultural ou as vantagens económicas trazidas por esses indivíduos. Algo que foi referido pelo editor da secção Portugal, Paulo Pena, a propósito da postura que deveriam tomar na cobertura do tema: “Temos a obrigação deontológica/cidadã de trazer o que a imigração representa de bom. Ou seja, não conotar o fenómeno da imigração com coisas como a insegurança, a precariedade, o desemprego, a pobreza, etc. Vamos trazer o contrário. O que é que os imigrantes nos trouxeram, o que é que é importante nessa miscigenação. Se somos ou não uma sociedade mais cosmopolita por causa da imigração” (Pena, Março de 2008).

A associação à categoria de imigração dominante no senso comum leva a que fiquem também de fora aqueles que não se enquadram nesse padrão de desfavorecimento social, legal e económico, seja o presidente da TAP, Fernando Pinto, ou cidadãos do espaço Schengen, como os ingleses e alemães que escolheram o Algarve para residir, que quase nunca surgem designados como imigrantes.

A Sociedade foi a secção da revista onde o tema teve mais forte presença, com 29 artigos, seguindo-se Portugal (secção dedicada à cobertura dos assuntos de ordem institucional e política) com 11 (14 contando com os artigos de opinião), 5 no Radar (secção noticiosa), 4 no Mundo, 1 na Economia, 1 na Cultura, 1 Roteiro Sete e 3 em dossiers especiais.

Os artigos assinados<sup>1</sup> são de autoria de 34 jornalistas, em alguns casos trabalhos conjuntos.

### **1.5. Estrutura da tese**

Após este capítulo de introdução, no próximo apresentarei o enquadramento em que o tema desta tese se insere. Começarei por dar conta como surgiu o actual modelo de Estado-nação, recorrendo a Miguel Vale de Almeida (2004) para mostrar como essa forma de organização serviu para a consolidação das nações europeias e simultaneamente para a construção dos seus impérios coloniais. E de como os conceitos então criados, permanecem de algum modo presentes no modo como as ex-metrópoles têm enquadrado a nova realidade multicultural, trazida pelos fluxos migratórios. Referirei as ideias de Benedict Anderson (1983) que mostram como o nacionalismo surgiu dentro da ideologia liberal como uma forma de substituição do pensamento e crenças religiosas, e as de Eric Hobsbawm (1997) que evidenciam como as práticas nacionalistas se inserem dentro de tradições inventadas, um processo que Anthony Giddens (1991) mostra servir para conferir uma segurança afectiva. Hannerz (1997) mostra como as suas fronteiras vieram servir como defesa no contexto com o Outro no mundo actual.

De seguida apresentarei os números que dão conta do fenómeno recente da imigração em Portugal, para depois, com base num inquérito à população portuguesa, levado a cabo pelo Centro de Estudos e Sondagens da Universidade Católica, mostrar o modo como se manifesta algum racismo subtil junto de uma parte significativa da população. Uma perspectiva que alicerço nas ideias de Igor José de Renó Machado (2004 e 2006), segundo o qual os imigrantes foram enquadrados em Portugal dentro da ideia de um mundo lusófono, herdeiro de um passado colonial e da propaganda do Estado Novo que fez uso do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, para defender a suposta imunidade dos portugueses ao racismo.

Ainda dentro desse capítulo de enquadramento, com recurso sobretudo a Tamar Liebes e James Curran (1998), apresentarei o actual papel dos media e dos eventos mediáticos na sociedade civil da democracia liberal. O processo de confluência de influências de redes pessoais e a construção de identidades. Enquanto Michael Pickering (2001) me ajudará a ver como os estereótipos surgem dentro dessas

---

<sup>1</sup> O que constitui a generalidade dos mesmos, apenas não acontecendo em algumas notícias de pequena dimensão.

relações de poder e de relação com o Outro. Terminarei o enquadramento com referência aos relatórios sobre Media, Imigração e Minorias Étnicas nos quais o Observatório da Imigração monitoriza a cobertura efectuada pela televisão e imprensa nesta área.

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação da *Visão*, o modo como surgiu a *newsmagazine*, herdeira do semanário O Jornal, o modo como ocorreu essa transição e como se repercutiu na estrutura, modo de funcionamento e linha editorial. Apresento os seus números de vendas e oscilações durante o período em análise, assim como o perfil dos seus leitores, comparando os números com os das restantes publicações do sector, em especial as outras *newsmagazines*, a *Sábado* e a *Focus*. A terminar esse terceiro capítulo refiro como foi criado o modelo das *newsmagazines* e que tipo de publicações se trata. As diversas publicações que surgiram dentro do género, tanto a nível mundial como em Portugal, para enquadrar o actual tipo de abordagem informativa existente na *Visão*.

Ao longo do quarto capítulo apresento os artigos sobre Imigração em Portugal publicados entre 2002 e 2008. Será sobretudo a partir daí que começarei a expor os resultados do trabalho de campo, pois para lá descrição sucinta do essencial e aspectos dos artigos que considere mais relevantes para o tema da tese, contextualizo muitos deles com as citações que recolhi nas entrevistas aos jornalistas que os criaram, não fazendo aí sua interpretação. A apresentação de cada artigo é antecedida pela descrição da capa da respectiva edição da *Visão*, de modo a fornecer o contexto mais geral em que se insere, nomeadamente quais as apostas editoriais, o tipo de assuntos a que a *Visão* dá maior destaque. Termino esse capítulo com a análise dos artigos e do modo como surgiram, tendo em conta as declarações dos seus autores.

No quinto capítulo descentrarei a perspectiva do tema específico para o enquadrar dentro do ambiente geral em que ele surge na redacção, dando conta do que observei sobretudo durante reuniões, assim como de dados que recolhi nas entrevistas aos jornalistas, procurando perceber que elementos influem na criação dos artigos, nomeadamente as relações entre os jornalistas e seus superiores hierárquicos. Para tal, relaciono o que observei na *Visão* com o meu conhecimento de redacções, obtido na minha vivência enquanto jornalista. Depois, desenvolvo essa perspectiva, novamente dando voz aos actores envolvidos, primeiro com as declarações de directores e editores, depois com as dos redactores.

O último capítulo cruzará essas diversas linhas. O que observei no trabalho de campo, a análise dos artigos sobre imigrantes em Portugal e a base teórica de que parti.

## **2. NOVOS FLUXOS MIGRATÓRIOS E A COBERTURA MEDIÁTICA NO CONTEXTO DO ESTADO-NAÇÃO PORTUGUÊS**

### **2.1. O Estado-nação e a etnicização dos imigrantes no Portugal pós-colonial**

O Estado-nação, conforme o conhecemos hoje, surgiu como uma forma ideal de organização política, social e cultural que corresponde a um território, o exercício de soberania por um Estado, uma língua nacional e um povo. Num texto intitulado “Estado-nação e multiculturalismo”, Miguel Vale de Almeida (2004) nota que esse modelo organizativo é bastante recente e que a sua implementação ocorreu no século XIX europeu, prolongando-se pelo XX, com recurso a violências, tanto reais como simbólicas, de exclusão do Outro e de invenção do Mesmo.

A consolidação de algumas nações europeias teve correspondência com a construção dos seus grandes impérios coloniais, aliando o fervor nacionalista à “missão civilizadora”. Se o Estado-nação surgia como comunidade que elidia as diferenças e desigualdades internas, a Colónia assegurava a ordem “natural” de desigualdade hierárquica, entre os povos superiores e inferiores, de acordo com o pensamento evolucionista e etnocêntrico.

É dentro do universo da “coisa colonial” e da “coisa nacional” que são construídas as noções de “povo”, “etnia” e “raça”. “As raças serviam para diferenciar colonizadores e colonizados; os povos ou nações para diferenciar unidades nacionais supostamente imemoriais no seio da diversidade europeia; as etnias para conferir um conceito universal que abrangesse as diferenças entre grupos endogâmicos, distinguidos sobretudo pelo critério linguístico” (Vale de Almeida, 2004: 83).

Vale de Almeida (idem, *ibidem*) refere que este modelo ainda se mantém como a nossa principal referência apesar de ter entrado em crise profunda há já algumas décadas, com a implosão da coisa nacional com o nazi-fascismo e a explosão da coisa colonial com a independência e autodeterminação das colónias.

Benedict Anderson (1983) recorda que o dealbar do nacionalismo, no século XVIII, coincidiu com o ocaso dos modos religiosos de pensamento. O Iluminismo trouxe consigo o obscurantismo moderno. A desintegração do paraíso e o fim da salvação tornou a fatalidade arbitrária. Foi por isso imprescindível uma transformação secular da fatalidade em continuidade, da contingência em sentido. A magia do nacionalismo é converter o acaso em destino. A inclusão dentro desse projecto comum e eterno procede como uma forma de colmatação das crenças religiosas.

Anderson (idem) refere que o nacionalismo não deve ser entendido como ideologias políticas conscientemente defendidas, mas no âmbito dos dois sistemas culturais contra o qual se constituiu: o reino religioso e o reino dinástico, no seu tempo quadros de referência inquestionados, em parte como a nacionalidade é hoje.

O Iluminismo e a ideologia liberal trouxeram transformações sociais e políticas radicais, a sua crítica às tradições levou a que o passado tenha deixado de fornecer vínculos sociais e hierárquicos, aceites nas sociedades precedentes, ao mesmo tempo gerando vácuos que foram preenchidos com tradições inventadas.

Eric Hobsbawm (1997) começa o livro *A Invenção das Tradições* constatando que nada parece mais antigo e ligado a um passado imemorial do que a pompa que cerca a realeza britânica nas cerimónias públicas, apesar de, na sua forma actual, esses rituais datarem dos séculos XIX e XX.

O autor diz que as tradições inventadas se caracterizam por estabelecer com um passado uma continuidade bastante artificial procurando inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição. Este tipo de tradições tanto podem ser construídas e formalmente institucionalizadas, como tendo surgido de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo, por vezes de forma muito rápida.

As tradições inventadas distinguem-se do costume, vigente nas sociedades tradicionais, que tinha a dupla função de motor e volante e não impedia algum grau de inovação, desde que se mantivesse idêntico ao precedente. O costume permitia, desse modo, tanto resistir à mudança, como dar a qualquer mudança desejada a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história.

O objectivo das tradições é a invariabilidade, o passado, real ou forjado, a que se referem, impõe práticas fixas tais como a repetição. Mas ao contrário do costume, as tradições inventadas não são baseadas em rotinas pragmáticas, pelo contrário é justamente ao afastarem-se desse lado prático que elas ganham a sua maior força simbólica.

Hobsbawm (idem) refere que as sociedades desenvolvidas a partir da Revolução Industrial foram naturalmente obrigadas a inventar, instituir ou desenvolver novas redes de convenções e rotinas com uma maior frequência do que antes. A técnica suscitou novas convenções e rotinas, enquanto motivações ideológicas levaram às tradições inventadas.

O autor distingue três categorias de tradições inventadas desde a Revolução Industrial: as que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; as que estabelecem ou legitimam as instituições, status ou as relações de autoridade; as que têm como principal intuito a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Enquanto as antigas práticas eram práticas sociais específicas e altamente coercivas, as tradições inventadas surgem dentro do espírito do racionalismo individualista, tendendo a ser bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuram inculcar nos membros de um determinado grupo: patriotismo, lealdade, dever ou espírito escolar. Contudo, Hobsbawm (idem) refere que, apesar de vagas, as práticas que simbolizam estes valores como o hastear da bandeira, o cantar o hino nacional ou a aprendizagem da língua nacional surgem muitas vezes como compulsórias.

Anthony Giddens (1991) afirma que a compulsão, quando socialmente generalizada, é efectivamente tradição sem tradicionalismo, surgindo como uma repetição que barra o caminho à autonomia ao invés de a promover. Ela é a confiança congelada. No quadro da modernização reflexiva, Giddens explica as tradições como um meio de organização da memória colectiva, normalmente implicando um ritual, uma prática para a sua preservação.

A tradição tem um carácter moral e normativo que oferece um grau de segurança ontológica aos que a ela aderem. Os alicerces psíquicos que fornece são afectivos. Geralmente a tradição implica profundos investimentos emocionais. O passado é recriado ou criado em função do presente. Surge como um contraponto a uma civilização moderna em que a vida emocional foi excluída da filosofia do Iluminismo e era estranha às forças científicas e tecnológicas. Estabelece um paralelismo entre os antigos guardiães das tradições e os especialistas das sociedades modernas (médicos, advogados, economistas,) às quais se recorre para se lidar com sistemas abstractos que não se domina.

Contudo, enquanto quem recorre aos peritos não consegue fugir da incerteza das escolhas (quanto mais não seja porque existe um diferente leque de peritos entre os quais será preciso escolher), optar pelas tradições surge na pós-modernidade como uma tentativa de fugir a esse jogo da escolha entre as diversas possibilidades.

Giddens refere também a importância das rotinas do quotidiano sem a qual o ser humano teria dificuldade em funcionar. E a tendência para se reproduzir padrões

interiorizados na infância, um mecanismo que leva a um condicionamento das opções, na medida em que o indivíduo não se apercebe que está a operar dentro desse sistema e assim tem tendência a permanecer no único mundo que conhece.

As tradições sempre discriminaram entre os de dentro e os outros. São um meio de identidade tanto pessoal como colectiva, uma identidade que resulta da constância ao longo do tempo. A tradição fornece uma base de apoio, de confiança básica, central na continuidade da identidade. A familiaridade é uma peça essencial da confiança e é muitas vezes mantida pelos seus próprios rituais.

As civilizações tradicionais eram segmentárias e dualistas. No Estado moderno inicial a vigilância continuava a depender de fontes tradicionais de legitimação, com o poder alicerçado no direito divino. Só com a consolidação do Estado-nação e com a generalização da democracia nos séculos XIX e XX é que a comunidade local se começou a dissipar. Até aí os mecanismos de vigilância eram sobretudo do tipo de cima para baixo. O Estado-nação e o capitalismo trouxeram novos tipos de vigilância garantindo uma inédita integração social através do tempo-espaço, esvaziando os contextos locais. Giddens (idem) recorda que essa transição foi um processo complexo e as instituições modernas iniciais não só dependeram das tradições pré-existentes como inventaram as novas tradições referidas por Hobsbawm.

Na primeira fase da globalização essas tradições inventadas no âmbito do Estado-nação foram expandidas pelo Ocidente através do processo colonial, contudo com o fim do colonialismo e com o avançar desse processo globalizador ocorreram mudanças radicais. A descontextualização criada pelos sistemas abstractos provocou a descentralização, cortando a conexão orgânica com o lugar, aspecto de que dependia a tradição. Não só a vida dos indivíduos está implicada em sistemas abstractos que não dominam, mas como esses sistemas passaram a constituir-se numa dimensão global que passam por cima de instituições como o Estado-nação.

Mantendo uma distinção analítica entre o social e o cultural, Fredrik Barth (1969) ressaltou (em *Ethnic Groups and Boundaries*) que a etnicidade é melhor entendida como uma questão de organização social. Hannerz (1997) diz que os trabalhos de Barth nos anos 1960 nos levam a pensar nos limites como algo através do qual se dão os contactos e interacções, algo que pode ter um impacto na forma e extensão desses contactos, mas que não contém dentro das duas fronteiras “isolados naturais”, acrescentando que a distinção entre o social e o cultural foi feita de modo a

permitir que a relação entre ambos pudesse ser problematizada.

Os teóricos da aculturação definiram os “mecanismos de manutenção de limites” como “as técnicas e ideologias por meio das quais um sistema limita a participação na cultura a um grupo claramente reconhecido”. Hannerz (idem) constata que eles parecem aceitar a visão que Barth viria a formular mais tarde dos limites como algo que canaliza a participação em relações sociais. Contudo, nota que a discussão sobre os sistemas culturais na década de 50 transformou os limites do grupo em limites de culturas sem que ninguém tenha prestado muita atenção a isso.

Na política da identidade, nos debates sobre o multiculturalismo, o termo tem-se tornado num fundamento para a formação e mobilização de grupos, em geral implicando pertencimentos atribuídos. Ou então transforma-se num instrumento de exclusão social por maiorias dominantes. Essa retórica da cultura surge com frequência estreitamente associada tanto ao poder quanto aos recursos materiais. Na estratégia de vincular o cultural ao social, a cultura torna-se capital totêmico.

Hannerz (idem) defende que na etapa da globalização do final do século XX, muitas pessoas têm cada vez mais experiência tanto dos fluxos das formas culturais que costumavam localizar-se em outros lugares quanto daqueles que acreditam pertencer à sua própria localidade. Para além disso algumas correntes de cultura são dificilmente identificáveis como pertencentes a qualquer lugar específico, pois estão enredadas em diversas correntes. Assim sendo, as identidades atribuídas ao grupo não precisam mais de ser todo-poderosas. Os fluxos culturais através das distâncias estão a tornar-se também cada vez mais polimorfos.

Defende que se deve por isso tentar ter uma compreensão mais geral da aquisição cultural como um processo constantemente em curso, como algo suficientemente pluralista. Nesse sentido, não parece necessário entender o fluxo cultural no espaço, nem as suas descontinuidades, como profundamente diferentes do fluxo mais localizado no tempo. O conhecimento adquirido sobre a aquisição de cultura, nas dimensões cognitiva, motivacional, situacional, institucional e outras, poderia ser aplicado ao estudo da migração de significados e de formas significativas a longa distância.

Em 1954 os teóricos da aculturação defenderam num simpósio da Social Science Research Council que não se devia construir o conceito de cultura em qualquer outro nível que não fosse amplamente inclusivo como a sociedade, sob o argumento que

“o analista ficaria limitado a tratar culturas tão particularizadas como às de famílias ou os mesmo de indivíduos” (Hannerz, 1997: 17). Mas nesta época de justaposições, parecemos de algum modo estarmo-nos a aproximar mais do modo de entendimento da cultura pelos difusionistas, segundo o qual era feita de retalhos e remendos.

Recorrendo à análise do historiador americano Frederick Jackson Turner, Hannerz (1997) repara também na importância que a noção de fronteira tem ganho. A “terra selvagem” domina o colonizador, uma vez que ele é despojado da sua bagagem supérflua da civilização. A fronteira surge mais como uma zona ecológica do que uma confluência de correntes culturais.

Os cenários das zonas de confluência de culturas parecem cheios de vida mas não completamente seguros. Para alguém sobreviver e prosperar neles é necessário agilidade cultural. A deculturação, advinda do despojamento de uma sobrecarga de cultura permite ganhar liberdade de movimento. Contudo, a deculturação em excesso traz o risco da desumanidade, de tornar-se um animal perigoso. A liberdade da zona fronteira é explorada com mais criatividade por deslocamentos situacionais e combinações inovadoras, organizando recursos de novas maneiras, fazendo experiências. Nas zonas fronteiriças há espaço para o manejo da cultura.

O contacto e adaptação ao Outro cria não só uma duplicidade, como tem a possibilidade de reconciliação, uma vez que essa outra cultura surja como fonte de renovação cultural, que exista a possibilidade de se criar uma fusão. A questão é qual a forma é que essa fusão toma e qual modo mais adequado de a designar.

Uma das conclusões de Hannerz (idem) é que o mundo actual tornou-se cada vez mais reflexivo, o que significa que os leigos, os “nativos”, prestam atenção ao que os especialistas dizem sobre eles e muitas vezes os refutam.

Muitas vezes as pessoas não vêem a cultura com um “fluxo”, preferem acreditar que os seus modos de viver são puros, estáveis ou eternos.

Miguel Vale de Almeida (2004) nota que nos países de acolhimento o imigrante é representado como alguém que não lhe pertence, alguém que tem uma terra de origem à qual, mais tarde ou mais cedo, deve retornar. O ponto de vista é simétrico, pois o imigrante tende justamente a construir a sua identidade como alguém que está de passagem no país de acolhimento. Esta dinâmica insere-se na dinâmica da crise pós-colonial. No seu país de origem são encarados ou como um desaculturado ou um novo-rico, ou numa perspectiva positiva como alguém que ultrapassou as adversidades. No

país de acolhimento, surge como mão-de-obra para tarefas desprestigiadas, o Outro que não consegue integrar-se e transporta consigo os hábitos bárbaros. Marcado simultaneamente pela subalternidade e pela ameaça à ordem social, torna-se num potencial alvo da xenofobia. Se ele permanece mais tempo no país e tem aí os seus filhos, passa então a ser integrado na categoria de minoria étnica. E embora já existam minorias étnicas que não advêm do fenómeno das migrações, mas de franjas que se cristalizaram como identidades minoritárias dentro do modelo hegemónico do Estado-nação, as novas minorias étnicas criadas pelos recentes fluxos migratórios tendem a ser ainda mais frágeis e mais desprestigiadas.

A minoria étnica tende mesmo a ser associada ao conceito de raça vindo do colonialismo, num regresso que tem ocorrido na Europa às categorias excludentes do racismo. Embora usando-se muitas vezes os termos etnia ou cultura para os mesmos fins.

As ex-metrópoles coloniais tornaram-se espaços de grande segmentação de desigualdades que vivem lado a lado. Segmentação que mistura os critérios de diferença étnica, racial e outros critérios de desigualdade económica e social. E “se a situação colonial estabelecia as regras da separação (...) a situação pós-colonial das urbes industrializadas modernas não o consegue fazer. Aceita o gueto ou a assimilação plena. Não aceita o meio-termo ou a transcendência daquela dicotomia Aceita a aculturação ou o *separatismo*. (...) A ‘contaminação’ – o fim dos puros, o nascimentos dos híbridos – dá-se em dois sentidos. Num deles, produtos culturais do imigrante/minoria étnica/diásporas contaminam a sociedade de acolhimento: comida, música, dança, estão na linha da frente, e não por acaso, pois entram pela porta do corpo e dos sentidos, não pela da racionalidade e da ordem social. No outro, as instituições e leis da sociedade de acolhimento contaminam os grupos chegados de fora”. (Vale de Almeida, 2004: 87)

## **2.2. O fenómeno recente da imigração em Portugal**

Segundo nos dão conta os números referidos em *Os imigrantes e a população portuguesa - imagens recíprocas* (Observatório da Comunicação, 2006), até um passado recente os imigrantes eram pouco numerosos em Portugal.

Em 1890, o terceiro recenseamento geral da população portuguesa indicava que representavam somente 0,8% e daí até 1950 houve uma queda sistemática da sua percentagem. Em 1970 eram 0,29%. Posteriormente o seu número começou a

aumentar significativamente, passando para 1,10 em 1981, 1,29 em 1991, 2,19 em 2001 e 2,39 e, 2002. Em 2003 o número atinge os 4,15 (434 352), se forem tidas em conta as autorizações temporárias de residência.

O ciclo de imigração contemporâneo iniciou-se na segunda metade da década de 1970, com a chegada maciça de pessoas provindas das ex-colónias que se haviam tornado independentes. Os anos 1980 correspondem a uma segunda fase desse ciclo caracterizado pela diversificação da origem nacional dos imigrantes, com um aumento substancial dos asiáticos (sobretudo chineses) e sul-americanos (sobretudo brasileiros).

Dos 58 000 estrangeiros a residir legalmente em território nacional, em 1980, 48% eram originários de África, 31% da Europa e 11% da América do Sul. Em 1990 o número de estrangeiros a residir legalmente em Portugal era de 107 767, 42% dos quais de África, 29% da Europa e 16% da América do Sul.

No início dos anos 1990, altura da adesão de Portugal ao acordo de Schengen, consolida-se uma nova fase do ciclo migratório, caracterizado pela crescente tendência para a diversificação das nacionalidades presentes em Portugal. É apenas a partir dessa altura que predominância da imigração sobre a emigração se tornou num fenómeno estrutural.

O aumento da população estrangeira foi grande ao longo da década de 90, atingindo um crescimento anual de perto de 7%. Mas apesar disso, no ano 2000 os estrangeiros a residir legalmente em Portugal eram apenas 207.607 – cerca de 2% da população do país. Os imigrantes ainda eram maioritariamente originários das ex-colónias portuguesas em África e do Brasil (76% em 1999, e 77% em 2000).

Foi só a partir dessa altura que se verificou uma súbita e inesperada modificação na paisagem da imigração em Portugal. O país passou a atrair imigrantes económicos de múltiplas origens, entre as quais de países com os quais não tinha laços privilegiados. Imigrantes ucranianos, romenos, moldavos ou russos passaram então a surgir no topo das estatísticas. Do ano 2000 para 2001 o número de imigrantes a residir legalmente em Portugal cresceu 68% passando de 208.198 para 350 503. Esta entrada maciça de novos imigrantes levou a que o quadro das nacionalidades tivesse registado em 2002 profundas alterações, passando os ucranianos a formar o grupo mais numeroso com 62 041 residentes, seguido pelos cabo-verdianos 60 368, brasileiros 59950, angolanos 32 182, guineenses 23349,

moldavos 12 155, romenos 10 938, de São Tomé e Príncipe 9208 e chineses 8316.

A estes desenvolvimentos há a adicionar a oportunidade de legalização criada especificamente para os brasileiros a viver em Portugal, fruto dos acordos bilaterais entre os dois países em 2003, estendida em 2004 a trabalhadores de outras nacionalidades que satisfizessem determinados requisitos.

O número de estrangeiros em Portugal será, contudo, bastante superior pois haverá que somar a estes números fornecidos pelo SEF (e que nem coincidem inteiramente com os do INE) todos os que se encontrem a residir em situação ilegal no nosso país.

O período sobre o qual incide esta tese – entre 2002 e 2008 (sobre o último ano ainda não há dados) – corresponde à fase final do grande aumento dos fluxos de imigração em Portugal, incrementados em especial pela chegada de imigrantes da Europa de Leste (cujo número iria entretanto diminuir significativamente ao longo do período analisado) e de brasileiros, que iriam ultrapassar os ucranianos e tornar-se no maior grupo de imigrantes. Após o crescimento extraordinariamente alto verificado em 2001, em 2002 Portugal mantinha ainda uma forte tendência de crescimento do número de estrangeiros, mas num nível já bastante mais baixo, situando-se agora o aumento nos 17,84%. Uma redução que se acentuaria mais ainda nos anos seguintes. Em 2003 o crescimento seria de +4,87% e em 2004 de +3,11%. Em 2005 a tendência seria mesmo invertida (-7,28%), sendo a primeira vez em décadas que o número de estrangeiros em Portugal diminuía. Mas nos anos seguintes o número voltaria a ser positivo: os dados ainda provisórios do SEF apontam para +1,33% em 2006 e +3,70% em 2007. É de notar que apesar do refreamento do aumento do número de estrangeiros em Portugal, ele apenas foi negativo durante um ano e que em 2007 residiam legalmente em Portugal perto de 436 mil estrangeiros, número apenas superado no passado recente do país pelo registado no ano de 2004.

Em 2003 Lisboa, Faro, Setúbal e Porto continuavam a agregar 75% dos estrangeiros. Os africanos encontravam-se sobretudo concentrados nos distritos de Setúbal e Lisboa. Os da Europa de Leste encontravam-se bem disseminados pelo país, assim como os brasileiros. Os da União Europeia são maioritários em Viana do Castelo e Faro, registando ainda percentagens significativas em Beja e Coimbra e sobretudo em Lisboa. Apesar de perto de metade da população asiática se encontrar em Lisboa, os restantes asiáticos encontravam-se bastante dispersos pelo país.

### 2.3. Os imigrantes enquadrados na lógica ‘lusófona’

Reduzido à condição de pequeno país, Portugal pós-colonial passou a depositar as esperanças de desenvolvimento dentro do projecto da Europa comunitária. A ideia de lusofonia surgiu então como a hipótese de capitalizar o seu passado, permitindo-lhe apresentar-se como um interlocutor privilegiado com os países do «mundo lusófono». A ideia de lusofonia tem estado também reflectida nos fluxos migratórios com que o país foi confrontado.

Até 1998 a maior parte da imigração em Portugal foi composta por gente das ex-colónias. O antropólogo brasileiro Igor José de Reno Machado (2006) nota que os fluxos de imigrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e posteriormente de brasileiros, permitiu enquadrá-los num quadro de imigrantes do mundo lusófono, numa lógica que se relaciona com as ordens estabelecidas desde o Império. Machado considera que a organização simbólica das alteridades, a forma como os imigrantes foram hierarquizados pela ideologia nacionalista hegemónica em Portugal, é consequência do pensamento colonial português e das convicções evolucionistas que no século XX foram transpostas para as teorias do lusotropicalismo de Gilberto Freyre, que paira sobre o conceito da lusofonia.

Os fundamentos do lusotropicalismo foram lançados em 1933 na obra *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre. A doutrina criada pelo sociólogo brasileiro (que nos anos 50 foi introduzida em Portugal, por Adriano Moreira<sup>1</sup>, onde viria a ser operacionalizado pelo Estado Novo no discurso de defesa da manutenção das colónias), defendia a existência de um “modo português de estar no mundo”, supostamente imune ao racismo e dotado de uma vocação universalista. Os portugueses teriam uma forma específica de se relacionar com os outros, marcada pela valorização positiva: tolerante, humana, fraterna, cristã (Castelo, 1998). Freyre considera que na colonização portuguesa o preconceito de raça foi insignificante e a mestiçagem foi uma força psicológica e social. Apesar da situação política portuguesa se ter entretanto alterado radicalmente, parte das crenças do luso-tropicalismo (como a ideia dos portugueses serem os criadores da miscigenação) permanecem ainda bastante presentes junto da generalidade dos portugueses.

---

<sup>1</sup> Adriano Moreira foi docente da Escola Superior Colonial que dirigiu e transformou no Instituto Superior de Ciências Sociais e Administração Ultramarina. Foi ministro do Ultramar entre 1961 e 1963.

*Os imigrantes e a população portuguesa Imagens recíprocas – análise de duas sondagens* de Outubro de 2006 – a publicação do Observatório da Comunicação de um estudo do Centro de Estudos e Sondagens de Opiniões da Universidade Católica Portuguesa – dirigido pelo professor Mário Lages – baseado em dois inquéritos a portugueses e a imigrantes – dá-nos conta que as atitudes da população portuguesa face à imigração em geral são algo contraditórias. Os autores apontam para a falácia da imagem que Portugal tem de si, de ser “um povo acolhedor e de brandos costumes”, que encobre por vezes um racismo subtil. “Se comportamentos declaradamente racistas têm pouca visibilidade e são em número reduzido comparativamente com os ocorridos noutros países europeus, a verificação da existência de comportamentos xenófobos tem chamado atenção (...) Mais do que pelos comportamentos, a análise das atitudes, crenças e estereótipos, torna claro haver algumas manifestações de racismo em aproximadamente 1/4 da nossa população” (Carneiro, 2006: 27).

A grande maioria dos indivíduos revela atitudes de aceitação dos estrangeiros – o que era previsível num contexto social em que o racismo e a xenofobia passaram a ser encarados com uma conotação fortemente negativa. Não ficaria bem ser racista à ‘nação que deu novos mundos ao mundo’ e que sempre se orgulhou da miscigenação conduzida em tempos de colonização e dos ‘brandos costumes’.

Por um lado os inquéritos mostram que entre 2002 e 2004 verificou-se um acréscimo muito significativo na percentagem de pessoas que reconhecem os imigrantes como fundamentais para a vida económica do país. Quatro em cada cinco dos inquiridos consideram que os imigrantes fazem os trabalhos que os portugueses não querem. Em 2004 a maioria passou a pensar que os imigrantes não dão prejuízo ao Estado português, não recebendo mais do que dão. A maioria defendeu os direitos dos imigrantes (de voto, nacionalidade, reagrupamento familiar,) desde que trabalhem e não cometam crimes.

Mas ao mesmo tempo, um pouco mais de metade (53%) não apenas rejeita a vinda de mais imigrantes, como afirma mesmo que devam ir-se embora os que cá estão. Há maior oposição aos provenientes dos países africanos, assim como maior desejo de ver diminuído o número de imigrantes económicos, o que parece confirmar um certo racismo e maior intolerância perante certos grupos.

Quando se trata de aspectos percebidos como pondo em causa a ordem estabelecida ou os interesses económicos, as atitudes positivas de reconhecimento dos direitos recuam, vincando-se a fronteira entre os ‘de dentro’ e os ‘de fora’.

Quanto aos provenientes de países ocidentais – os imigrantes não económicos – a resistência à sua vinda é menor, mas ainda assim forte.

Igor Machado (2006) nota que, até meados da década de 1990, os fluxos migratórios para Portugal permitiam que a classificação se restringisse à normalidade lusófona (o antropólogo chama a atenção para o facto de que os imigrantes dos países ricos não eram, nem são etnicizados no discurso político ou académico, surgindo como estrangeiros e não como minorias étnicas). Mas a chegada dos imigrantes do Leste Europeu, que incluiu uma variedade de nacionalidades – russos, ucranianos, moldavos, romenos, entre outros – veio a escapar a essa classificação. Pela primeira vez surgiam brancos pobres, refere Machado (*idem*), considerando que os brasileiros são encarados como mulatos. Os novos imigrantes, que depressa passaram a ter uma elevada expressão demográfica (como atrás foi referido os ucranianos chegaram a ser por um breve período o maior grupo de imigrantes em Portugal, tendo entretanto o seu número diminuído significativamente, e o maior grupo ter passado a ser o dos imigrantes brasileiros) escapavam assim à lógica pós-colonial e até à sua chegada a ‘branquitude’ era sinónimo de português. Integrados numa única etnicidade, os ‘de leste’ (uma categoria étnica que permitia desbranquizá-los e manter operante essa definição de branco=português) acabariam por ser colocados numa posição hierárquica entre os brasileiros e os africanos. Os brasileiros surgiam no topo da classificação dos imigrantes, encarados, pelo menos numa fase inicial com o ‘povo irmão’.

Em relação aos de Leste, Machado (*idem*) nota que os inquéritos revelam que o seu alto nível de qualificações suscita alguma desconfiança, que venham a ocupar lugares de maior importância que muitos portugueses. Os oriundos de países africanos, ainda novos na experiência de mestiçagem surgem, portanto, como os mais pretos. Havendo entre as diferentes nacionalidades – cabo-verdianos, moçambicanos, angolanos, guineenses – um maior ou menor grau de negritude atribuída.

Ainda segundo os dados dos inquéritos levados a cabo pela Universidade Católica, mais de metade dos portugueses (52%) afirmam que os imigrantes de Leste são os que mais trabalham, enquanto em relação aos africanos o número desce para

35% e para 26% no caso dos brasileiros. A maioria pensa que os imigrantes recebem menos dinheiro pelo mesmo trabalho. Dois terços dos portugueses julga são sobrequalificados para os trabalhos que fazem, apenas 15% julga o mesmo acerca de africanos e brasileiros.

Os dados confirmam que parte significativa dos imigrantes de Leste exerciam, antes de emigrarem, profissões superiores às que conseguiram em Portugal e que a correlação entre o seu nível de instrução e a profissão deixa de existir quando se inserem no mercado de trabalho português. Mas em certa medida o mesmo também acontece nos outros grupos de imigrantes, tendo em geral dificuldade em encontrar trabalho de acordo com as suas habilitações, ficando tendencialmente confinados a posições laborais mais baixas.

A imagem dos imigrantes em relação a empenho no trabalho é claramente positiva, mas também aí os imigrantes de Leste ultrapassam os outros dois grupos.

Os portugueses consideram os brasileiros o grupo com o qual mais se identificam; 85% atribuem-lhes características muito positivas. Os africanos são o grupo a que menos portugueses atribuem características muito positivas (68%). Os brasileiros e os africanos são vistos como alegres, mas piores profissionais, menos competentes e não tão sérios. Com os imigrantes de Leste passa-se o oposto, são vistos como bons profissionais e competentes mais do que como pessoas alegres ou simpáticas. Os portugueses vêem-se a si próprios como mais competentes e rectos do que os brasileiros e os africanos, enquanto reconhecem a superioridade dos imigrantes de Leste em termos de competência.

Quanto a desvios sociais, os africanos são os mais associados à violência e ao tráfico de droga, os brasileiros à prostituição e os imigrantes de Leste ao crime organizado.

Machado (idem) refere que nos discursos étnicos produzidos por fontes oficiais, as antigas categorias raciais tendem a ser simplesmente substituídas por novas categorias étnicas, os negros transformam-se em ‘africanos’, os mestiços em ‘brasileiros’. Nota ainda que os órgãos estatais que lidam com os imigrantes tratam apenas dos que se encontram em condições simbólicas de subalternidade.

Machado (idem) afirma que as principais características esperadas dos trabalhadores brasileiros são a alegria, simpatia e cordialidade o que, embora os mantenha na condição de subalternos, lhes confere uma posição privilegiada na

hierarquia das diferenças, acabando por ser capitalizada pelos próprios, que procuram inserir-se nesses estereótipos num processo de auto-subordinação que lhes permite uma mais fácil inserção no mercado de trabalho. Essa tropicalização dos brasileiros, que havia aliás sido iniciada pelo próprio Estado brasileiro para fins de turismo, torna-se assim uma realidade.

Outra antropóloga brasileira, Luciana Pontes (2004), chama contudo a atenção que se no caso dos homens a tropicalidade e exotismo tem uma conotação positiva, no caso das mulheres acontece o oposto, levando a que sejam discriminadas no trabalho. Ocupam mais facilmente trabalhos de mais baixo estatuto e remuneração. Parecendo existir uma incidência significativa da prostituição entre as imigrantes brasileiras.

Regressando aos inquéritos realizados pela Universidade Católica, os dados indicam que quem vive em zonas com mais imigrantes tem atitudes mais liberais. Tendencialmente são os indivíduos residentes em meio urbano quem mais concorda com a atribuição de direitos aos imigrantes ilegais. Os mais jovens e os mais instruídos, os que não professam nenhuma religião e os mais de esquerda também são mais liberais. As pessoas com 65 anos ou mais são as que mais se opõem à imigração. Quanto aos grupos profissionais que mais se opõem são as domésticas, os desempregados e os reformados. Ao contrário do que se poderia supor, os dados apontam para que a insegurança económica não se relaciona com as posições face à imigração, uma vez que não são as pessoas com a situação económica mais insegura as que mais recusam a vinda de mais imigrantes.

A aceitação dos imigrantes parece antes estar relacionada com a variável subjectiva de satisfação com a vida, pois são as que se dizem mais satisfeitas, as que mais aceitam a manutenção ou o aumento do número de imigrantes. Os antigos emigrantes têm uma atitude mais favorável à vinda de mais imigrantes que os que nunca imigraram. É tanto maior o número de portugueses que acham que o número de imigrantes deve diminuir quanto mais são orientados por valores materiais.

As pessoas com maior instrução associam em menor percentagem os imigrantes ao crime, enquanto as com menos instrução estão menos predispostas a indicar estereótipos positivos.

No entanto, mais de um terço dos inquiridos não aceitaria ter como chefe um imigrante e não colocaria os seus filhos numa escola com muitos imigrantes. Os

imigrantes de Leste e os imigrantes africanos são os que reúnem mais respostas negativas. Um pouco mais de um terço dos inquiridos mostrou-se de alguma forma incomodado no caso de um familiar directo (filho ou irmão) casar com um imigrante africano, brasileiro ou de Leste, sendo a diferença ligeiramente maior em relação aos africanos.

Há uma transferência no processo de diferenciação relativamente a aspectos relacionados com a cultura, em detrimento de aspectos fenotípicos (como a cor da pele) ou genotípicos (como a etnia). Os de Leste, seguidos dos africanos, são aqueles que em 2002 os portugueses consideraram mais diferentes. Os portugueses mostram também mais preconceitos em relação aos de Leste do que em relação aos brasileiros.

Os indivíduos mais escolarizados tendem mais a exagerar a diferença cultural dos imigrantes. São também os indivíduos com maiores rendimentos que mais tendem a perceber os imigrantes em geral, e os brasileiros em particular, como culturalmente diferentes. Os africanos são mais destacados negativamente – principalmente entre os que exageram as diferenças culturais.

Para além de ser claro haver algumas manifestações de racismo em perto de um quarto da nossa população, esse valor quase dobra quando se observa o exagero da diferença cultural, percebida, particularmente no que toca os imigrantes de Leste e imigrantes africanos.

Embora demonstrativos da posição assumida pelos diferentes grupos em relação aos imigrantes, os inquéritos realizados não são acompanhados por etnografias detalhadas que permitam densificar as práticas desses grupos sociais associadas a tais representações sociais.

#### **2.4. O papel dos media na criação da identidade nacional**

A par do sistema de educação em massa, os media continuam a ser um dos elementos de criação e manutenção da identidade nacional, um local onde são veiculadas narrativas, histórias, um corpus de informação, referências e valores comuns. A imprensa, a rádio, a televisão vieram fazer a ponte entre o local e o nacional, constituindo pontos de encontro que ajudam a manter um sentimento de pertença a essa comunidade imaginada. A globalização, a Internet e os novos media alteraram um pouco esse cenário, mas o papel preponderante da dimensão nacional

está ainda longe de ter desaparecido e em certa medida tem vindo mesmo a reafirmar-se.

“A vasta maioria dos produtos de empresas culturais do mercado de massa que atravessam as fronteiras aos borbotões origina-se nos Estados Unidos e nas sociedades ocidentais. Mas os dados disponíveis, de acordo com os cépticos, sugerem que as culturas nacionais (e locais) continuam robustas; em muitos Estados as instituições nacionais continuam a ter um impacto central na vida pública; a televisão e o rádio nacionais continuam a desfrutar de audiências substanciais; a organização da imprensa e a cobertura do noticiário preservam sólidas raízes nacionais; e os produtos estrangeiros são constantemente entendidos e reinterpretados de novas maneiras pelas plateias nacionais” (Miller; 1992; Liebes e Katz, 1993; J. B. Thompson, 1995) (Held & McGrew, 2000, pág. 42)

Elihu Katz (Liebes & Curran, 1998) argumenta que as mudanças nas comunicações enfraqueceram a democracia liberal, nomeadamente pela dispersão e fragmentação entre uma multiplicidade de canais ter levado a que a televisão tenha no geral deixado de ser um espaço público partilhado. Contudo, na generalidade dos países europeus, a multiplicação dos canais de televisão não levou à fragmentação total, na medida em que alguns canais ainda continuam a concentrar a maior parte do público.

Portugal encontra-se nessa situação. Os baixos níveis de literacia e de índices de leitura de jornais levam a que televisão mantenha uma posição especialmente preponderante dentro dos media, e três dos quatro canais de acesso livre concentram ainda a maioria das audiências (a maioria da população não tem sequer acesso aos canais de cabo), e dentro dos espaços informativos, os noticiários de horário nobre (das 20 horas) têm enorme destaque e capacidade de delinear as agendas mediáticas, como demonstram as opções de líderes políticos em marcarem as suas intervenções para essa hora, a fim de conseguirem surgir na abertura desses noticiários.

Dayan e Katz (idem, ibidem) enfatizam o papel de eventos mediáticos, como integradores da sociedade, afirmando os seus valores comuns, legitimando as suas instituições e reconciliando diferentes elementos sectoriais.

“They are generally reported uncritically by broadcasters. And they reach a mass audience who interrupt their normal routines or attach a special significance to what is being broadcast. Media events are thus monopoly communications, uncritically

reproduced, that function as collective rites of communion (Liebes & Curran, 1998: 4).

Competições desportivas, eleições políticas. Conquistas como o regresso vitorioso do papa João Paulo II à Polónia, a coroação (rituais de passagem dos grandes), o casamento do príncipe Carlos e de Diana Spencer, são alguns exemplos de eventos mediáticos.

Os eventos mediáticos servem as necessidades de sociedades cujos membros não se podem reunir directamente. Fornecem rituais e símbolos comuns. E não podem ser entendidos apenas numa perspectiva cognitiva, precisando de ser enquadrados no seu contexto cultural.

Elaborados entre as narrativas mais apelativas da sociedade civil, fornecem bases culturais para ligação ao imaginário social da sociedade civil, pontos de intriga para actualizar as narrativas em curso da sociedade civil e da Nação. Dayan e Katz (Liebes & Curran, 1998) enfatizam o papel dos eventos mediáticos como integradores da sociedade, afirmando os seus valores comuns, legitimando as suas instituições e reconciliando os diferentes elementos sectoriais. Os eventos mediáticos incorporam uma forma particular de narrar o social, uma forma selectivamente delineada a partir de um leque disponível de fragmentos narrativos. Vindos do coração do *establishment*, podem também surgir também como motivadores da mudança.

Mas é curioso verificar que a par desses exemplos cuidadosamente coreografados, referidos por Dayan e Katz (*idem, ibidem*), também a morte da princesa Diana e o impressionante destaque que obteve se pode enquadrar como um evento mediático, embora com características um pouco diferentes, uma vez que não parte de um acontecimento criado para ser um evento mediático, mas que acabaria por ganhar esses contornos por uma série de circunstâncias que o rodearam. O desaparecimento de Madeleine McCann, o “arrastão” de Carcavelos, as “mães de Bragança”, o caso Casa Pia, as notícias sobre insegurança que se seguiram ao assalto a uma dependência bancária (com as imagens da intervenção policial para libertar os reféns que acabou com a morte de um dos assaltantes a serem transmitidas em directo pelas televisões) ou o caso de uma aluna que surgia em imagens colocadas no *You Tube* a fazer frente a uma professora que lhe retirou o telemóvel na sala de aula, são alguns dos exemplos verificados no contexto português, que parece ser cada vez mais prolífico neste tipo de eventos.

Crimes e casos que tenham imagens com potencial de causar grande

impacto são ingredientes frequentes destes eventos, que em geral se despoletam na televisão (ou mesmo que surjam noutra tipo de media, só após terem destaque no horário nobre televisivo ganham essa dimensão avassaladora). Perante a luta pelas audiências, esse tipo de eventos denotam uma capacidade de atrair largas camadas de audiência, pelo que ganham um impressionante espaço na generalidade dos media. Possuem um efeito de contágio. O impacto inicial, que lhes permite quebrar a barreira da indiferença perante a generalidade da população, gera a curiosidade em torno deles, à imagem de uma novela em que após se ter começado a assistir, de se ter criado um envolvimento emocional com as personagens, se fica preso no querer acompanhar o desenvolvimento das suas histórias.

As audiências transportam os media para processo de regulação inter-pessoal. Gitlin (idem, ibidem) refere a argumentação dos críticos da actual situação da esfera pública, que estará em sarilhos devido ao declínio da participação política, declinando também os parâmetros públicos, com os media a serem tomados pela tabloidização.

Katz (idem, ibidem) conclui que os media são um serviço de cafetaria que utiliza e satisfaz as audiências seleccionadas na base das motivações e necessidades. Os significados são criados através da interacção entre os telespectadores e os programas. Desse modo, a TV já não transmite mensagens aceites ou rejeitadas, mas estrutura símbolos potencialmente acessíveis a interpretações plurais. As audiências não são meras agregações de indivíduos, são membros de redes inter-pessoais que influenciam as respostas dos media.

Katz (idem, ibidem) passa por isso a encarar o papel dos media meramente como um tributo que junta uma complexa confluência de influências dentro destas redes sociais. As pessoas situam-se entre subculturas que dão formas às suas compreensões dos programas de TV.

Dayan e Katz (idem, ibidem) consideram que os media articulam e medeiam elites e audiências massivas, centro e periferia, grupos antagónicos, passado e presente, ideias e práticas pragmáticas da sociedade, o que os leva a entender que os media sejam mais um veículo do que uma fonte de influência, um meio onde os efeitos ocorrem em vez de serem a sua origem.

Mas esse entendimento do papel de articulação dos diferentes grupos leva Katz (idem, ibidem) a deixar de ver os media como uma influência relativamente

marginal, engolida entre as audiências e as relações interpessoais, para passar a encará-los como centrais à organização e funcionamento da sociedade.

As estruturas narrativas e códigos comuns permitem uma intersubjectividade e comunicação cruzada entre os diferentes públicos. A elaboração de narrativas de eventos e crises, compreendidas como dramas sociais, são cruciais para fornecer um sentido de continuidade histórica face às crises. Construções episódicas de solidariedades universais que continuamente formam e reformam a sociedade civil.

Numa primeira instância, a sociedade civil não está relacionada com as organizações *per se*, mas com a diferenciação de um tipo particular de relações sociais que incorpora a solidariedade universalista. O que significa que a sociedade civil deve ser entendida não apenas como um mundo de associações voluntárias, eleições, ou mesmo de direitos e deveres, mas também, numa muito significativa essência, da comunicação simbólica. Aqueles que são ou serão incluídos na sociedade civil envolvem-se em conversações simbólicas, corporativas e conflituais, sobre quem merece ser membro e até que ponto as obrigações não-civis dos seus membros se estendem.

A integração na sociedade civil é definida por certas qualidades intemporais de motivação pessoal, relações sociais e organizações de grupo. Instituições e procedimentos específicos são necessários para a criação e recriação de uma esfera cívica viável. São essas comunicações simbólicas que permitem a construção de identidades e solidariedades comuns.

A incorporação dos anteriormente excluídos não pode ocorrer simplesmente através da reestruturação das relações de poder ou como uma extensão dos direitos legais. Estes passos não serão efectivos, a menos que os grupos excluídos sejam redefinidos em termos das qualidades intemporais que os cidadãos integrados possuem. Essa incorporação não será um objectivo motivacional bem sucedido, positivo, a menos que definido como uma luta. Tem de ser dramaticamente narrado como um triunfo heróico sobre o desafio de ideais utópicos de solidariedade universalista.

Katz (idem, ibidem) refere a importância dos media na construção de identidades e solidariedades comuns. Num nível micro, isto significa que filtram através de múltiplas comunidades, múltiplas redes interpessoais de relações e múltiplas identidades. Num nível macro, sugere que os media estão preocupados não apenas com

a difusão da informação para um público massivo, mas também (e é particularmente verdade nos eventos mediáticos) com a dramatização da sociedade civil, na criação de uma perspectiva/base cultural comum para a construção de identidades. Considera que como uma instituição comunicativa da sociedade civil os media produzem um *output* que não é controlo autoritário, mas uma influência, num fenómeno não uni mas multidireccional. Os media ganham influência colocando afirmações específicas contra o contexto mais generalizado das crenças comunitárias e dos seus *commitments*.

Os media tendem a particularizar, mas a relação global/local já não é vista como simplesmente homogeneizadora. A ideia do centro dominador e da periferia dominada foi abandonada. O local é feito não só de vítimas mas também de actores. O local tornou-se também cosmopolita. Diásporas de trabalhadores migrantes desenvolveram-se em referência às culturas dos anfitriões.

Os processos de identidade no fim do século XX surgiram caracterizados por um poderoso retorno aos temas nacionalistas. A manutenção da diversidade envolve uma rejeição do universalismo. Mas os motivos particularistas não têm necessariamente de rejeitar o universalismo, na realidade estão longe de serem monolíticos. Os media que asseguram a continuação da sobrevivência de certos grupos tendem a oferecer a esses grupos visões competitivas da sua identidade.

A forma pública simbólica dos media é um local onde os significados são forjados não apenas através de competição entre grupos e indivíduos mas através de um processo de interacção (*idem, ibidem*).

“Mesmo nos casos em que a criação de uma identidade nacional foi um projecto político explícito das elites, raras vezes ela foi uma invenção completa destas” (Held & McGrew, 2000, pág. 38 e 39).

## **2.5. Os estereótipos e os jogos de poder na representação dos media**

“Mediation is a political process in so far as control over mediated narratives and representation is denied to individuals and groups by virtue of their status or their capacity to mobilise material and symbolic resources in their own interests (...) Minorities appear, or more often do not appear, in mainstream media; and when they appear it is often through stereotypical and alienating images (...) Media then provide frameworks for inclusion, and by the same token, frameworks for exclusion (Silverstone and Georgiou, 2007: 434 e 435)

Conforme nota Michael Pickering (2001) as representações públicas têm o poder de seleccionar, compor, dar prioridade a certas acepções e ideais sobre diferentes tipos de pessoas. A representação envolve o 'falar para' e 'falar de'. Os estereótipos surgem dentro do processo cultural e psicológico de construção do Outro, na relação do *self*/Outro. A sua perspectiva leva-nos a afastar da visão simplista do media/social como uma relação de realidade, na qual o discurso dos media apenas reflectia uma determinada realidade social.

A questão é não só quem fala por quem e com que consequências, mas também de como os estereótipos se relacionam com conceitos tidos como 'naturais' e 'normais', como criam e mantêm um senso comum de limites adequados do que é aceite, legitimado e certo.

Categorias como utensílios cognitivos não são o mesmo que estereótipos. Tal como as categorias, os estereótipos operam de um modo a impor um sentido de ordem no mundo social, mas a diferença crucial é que os estereótipos procuram negar qualquer flexibilidade dentro das categorias.

Os estereótipos são normalmente considerados inadequados por causa do modo como retratam um grupo social ou categoria como homogéneos. Eles conferem um sentimento de segurança e superioridade, os que são estereotipados são fixos numa posição marginal ou num status subordinado e julgados em conformidade.

Enfatizar valores normativos e estabelecer convenções através da estereotipização envolve sempre alguma forma de julgamento sobre as diferenças, por vezes como forma de poder.

Segundo a visão de Walter Lippman (Pickering, 2001), colunista e analista político norte-americano na década de 1920, os estereótipos são um dos problemas da modernidade, mas as representações dos media surgem como inadequadas e manipuladas não necessariamente por planos malévolos mas por motivos comerciais, dando justamente como exemplo a amplificação jornalística dos estereótipos de estrangeiros. Encara os estereótipos como uma inevitabilidade, um modo necessário de processar a informação, especialmente em sociedades altamente diferenciadas, como uma forma de criar ordem, fora da grande e atordoante confusão da realidade.

Os estereótipos envolvem a perda da compreensão individualizada dos Outros – que surge assim para Lippmann (*idem*, *ibidem*) como inevitável perante a confusão da realidade, ao mesmo que reconhece a importância ideológica dos

estereótipos e da propaganda social que veiculam. Pickering (idem, ibidem) dúvida contudo desta inevitabilidade. Para Gordon Allport (idem, ibidem), toda a categorização dá azo a demasiada simplificação e generalização, mas isto só é prejudicial quando o conhecimento não leva a uma revisão e mudança, quando os Outros passam a ser encarados de uma forma rígida. O lado prejudicial dos estereótipos não é sobre nós próprios mas sobre os Outros. Os estereótipos surgem assim como arma de análise ideológica (supostamente baseada em factos conhecidos). O passarem a ser encarados de uma forma rígida, patológica, não tem de ser encarado como uma parte necessariamente inerente ao processo cognitivo social, que levaria a uma naturalização da estereotipização. As categorias são elásticas e podem ser usadas em conjugação com a compreensão individualizada.

Os estereótipos estão relacionados com a auto-estima e modo como se relaciona com fora do grupo e dentro do grupo. Eles surgem dentro da relação entre o *self*/grupo/nacional e amor-próprio com as ligações entre estes obviamente problemáticas. O nacionalismo é uma ideologia da primeira pessoa no plural e da terceira pessoa no plural. Os estereótipos são usados de uma forma não uniforme mas como uma cultura partilhada de valores.

Gilman (idem, ibidem) diz que a estereotipificação patológica – a rigidez das linhas de marcação entre o *self* e Outro desenvolvem-se e ganham força quando a auto-integração está ameaçada. Quando a ansiedade mira o sentido de ordem e de controlo. Também neste caso Pickering (idem, ibidem) mostra algumas reticências perante esta visão, considerando que ela levaria a encarar o discurso colonialista como uma doença mental em vez de uma ideologia histórica.

Quando as pessoas julgam os outros demasiado rapidamente, fazem-no frequentemente de acordo com os estereótipos disponíveis. Os estereótipos operam como ritual de exorcismos sociais na manutenção das fronteiras. São tomados como garantidos nos lugares comuns do quotidiano, mas não existem como lugares comuns durante todo o tempo, têm uma base histórica.

O Outro estereotipado surge como uma estratégia de exclusão, ritual de exorcismo mundano, usado para controlar a ambivalência e criar zonas de demarcação. Constrói a diferença, em termos de divergência para com o que é central, seguro, normal e convencional. O Outro estereotipado é uma negação da história. Funciona como um obstáculo à mudança e transformação e nesse sentido é uma componente do

mito no sentido barthesiano (na sua abordagem de desmitificação de signos, símbolos e imagens da cultura de massas). Quando a categoria social se torna um estereótipo ganha uma aura de mito nesse sentido – uma concha de “legitimação segura”. Estereótipos operam através de mitos porque ambos envolvem uma combinação de repressão das políticas e da história, perpetuam a exclusão social e as desigualdades económicas.

As sociedades ocidentais classificam-se a si próprias como modernas e civilizadas, baseadas fortemente no contraste entre o seu próprio sentido de avanço e na ideia racial de sociedades inferiores. O inferior, dentro da lógica de identidade nacional no ocidente, torna-se entendido como o Outro – correspondente à construção do primitivo, vindo do pensamento evolucionista darwinista em que a ideia de progresso leva a encarar os não europeus como primitivos.

Mas condenar os estereótipos pode ser apenas um exercício simplista. Homi Bhabha (1997) diz que se deve antes mergulhar na efectividade dos estereótipos – para perceber que a sua normatividade está sempre ligada a uma política normativa particular. O trabalho simbólico que o Outro estereotipado opera na construção da diferença depende da ilusão que cria de não realizar esse trabalho. Ao tornar-se Outro a dialéctica hegeliana sujeito-objecto é congelada, tornando-se como natural e assim sendo inalterável. O discurso do Outro está sempre ligado a relações de poder. O Outro é um sinónimo de não pertença. O sentido de identidade nacional e pertença é avançado não apenas como positivo, mas também como necessário e certo.

## **2.6. A monitorização dos media efectuada pelo Observatório da Imigração**

Durante as Jornadas do Observatório da Imigração do ACIDI, que tiveram lugar a 6 de Maio de 2008 na Fundação Calouste Gulbenkian, o coordenador da organização, engenheiro Roberto Carneiro, chamou a atenção para os media serem actualmente os principais veiculadores dos mitos e estereótipos presentes entre os portugueses<sup>1</sup>. No mesmo *workshop*, introduzindo a apresentação dos últimos dados da monitorização e a análise da actuação dos media no campo da imigração e

---

<sup>1</sup> A esse propósito no artigo “Hibridação e aventura humana” da revista Comunicação e Cultura (2006:38) Carneiro cita as recomendações dirigidas aos responsáveis políticos (Appadurai, 2001:138): “A política deve desenvolver um esforço concertado para desacoplar etnicidade e cidadania, de molde a substituir gradualmente as formas de cidadania monoétnicas e exclusivas por outras que acomodem a hibridização e a diversidade humanas (...) Os Estados devem encorajar o papel positivo dos media na criação de uma esfera pública que estimule e circule imagens e narrativas de hibridação e de identidades mistas.”

minorias étnicas (que o Observatório efectua desde 2003) uma das coordenadoras do projecto, Isabel Ferrin, realçou que a imagem difundida está ainda longe da de um Portugal intercultural positivo e que a espectacularização da cobertura noticiosa dos acontecimentos tem suscitado diversos efeitos negativos.

Iniciado em 2003, o Projecto Media, Imigração e Minorias Étnicas – uma parceria da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas – tem levado a cabo a análise quantitativa das peças de imprensa e televisão, acompanhada pela análise de discurso.

Na análise dos noticiários do horário nobre (das 20h às 22h) dos canais televisivos em sinal aberto RTP1, SIC e TVI, entre 2005 e 2007, o crime continua a surgir como tema dominante, representando 11,3% das peças sobre imigração e minorias étnicas (estando aqui englobados os casos em que os imigrantes ou os membros de minorias étnicas são autores dos crimes e os em que são apenas ou também vítimas), segue-se a prostituição (7,9%), clandestinidade (6,7%), integração (5,8%) e a legalização (5,5%).

Os assuntos mais mediatizados em 2007 foram a tentativa de adopção de uma menina russa, a operação de combate à imigração ilegal no norte de África, a nova lei de imigração, o julgamento do caso Passerele, a propaganda do PNR (Partido Nacional Renovador). Willy Filho, responsável pela análise dos dados televisivos, realçou que a partir de 2006 os imigrantes passaram a ser menos autonomizados, aparecendo cada vez mais apenas inseridos na categoria imigrantes. Quanto ao tom dominante das peças, a partir de 2003 (quando o tom negativo imperou devido às inúmeras peças sobre prostituição que surgiram na sequência do caso “Mães de Bragança” e da capa da revista Time sobre o assunto), passou a ser cada vez mais neutro, representando nestes últimos dados 74,5%, enquanto o negativo representa 16%.

A análise da imprensa incidiu sobre o Público, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Correio da Manhã, 24 Horas e Expresso. O crime surge também na imprensa como tema dominante (17,7% - sendo o Correio da Manhã o jornal que deu mais notícias sobre este tema), seguido da clandestinidade (15,1%), acidentes (7,2%) e legislação (6,8%). Também aqui o tom neutro domina (92,0%), seguido pelo negativo (4,3%) e positivo (3,6%). São sobretudo as fontes institucionais que têm voz (Governo - 12,1%, seguido pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - 10,8%), ao

contrário dos imigrantes, que raras vezes são ouvidos. Domina a argumentação assertiva (62,9%), seguindo-se a política (13,2%), social (12,4), securitária (6,4%), económica (3,2%) e demográfica (1,1%).

Estes valores, apresentados nas Jornadas do Observatório da Imigração, somam os registos de 2007 aos de 2005 e 2006, publicados no último volume de *Media, Imigração e Minorias Étnicas*. A análise de imprensa desses dois anos registava o aumento do número de peças em relação a 2003 e 2004, apesar da base da amostra ter passado a contar com menos dois jornais, A Capital (cuja última edição teve lugar a 30/07/2005) e O Independente (última edição 1/09/2006). 2005 teve um maior número de peças do que 2006. O fecho dos dois jornais poderá ter também contribuindo para esse facto, mas o aumento deveu-se sobretudo ao carácter excepcional do número de peças registadas em Junho de 2005, na sequência do ‘arrastão de Carcavelos’ e aos efeitos que se terão prolongado na imprensa até ao final desse ano. O caso do ‘arrastão de Carcavelos’ deu origem a um conjunto de agendas políticas e mediáticas levando a que as segundas gerações de imigrantes tenham ganho grande visibilidade nos meios de comunicação. “Este acontecimento incitou à reflexão sobre os racismos subtis adormecidos sob a capa do politicamente correcto” (Carneiro, 2008: 45).

O fenómeno foi despoletado com imagens transmitidas nas televisões, levando a que 2005 fosse o ano com maior número de peças televisivas, 313, enquanto 2006 registou 245, um número também inferior ao de 2004 (319 peças).

Clara Almeida Santos (Carneiro, 2008) enquadra os números relativos à imprensa com um contexto explicativo que marcou os diferentes anos. Em 2003 a Presidência Aberta de Jorge Sampaio dedicada à imigração, em 2004 o início da discussão da lei da Nacionalidade e as legalizações dos imigrantes brasileiros, em 2005 o epi-fenómeno “Arrastão de Carcavelos”, em 2006 a preponderância do Crime, com um peso considerável do tema máfia.

Nos artigos da imprensa sobre crimes, os imigrantes surgem como autores em 71,1% dos casos em 2005 e em 69,0% em 2006. Como vítimas em 11,1% em 2005 e 20,6% em 2006. Como ambos em 17,9% em 2005 e 10,4% em 2006.

A comparação entre a Imprensa e a televisão mostra que no primeiro caso há maior presença de actores e vozes oficiais (Governo, Forças de Segurança, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), enquanto na televisão há uma clara supremacia dos

actores e vozes dos imigrantes e dos populares. Em relação à visibilidade dos diferentes grupos de imigrantes e da comunidade cigana é comparada. Tanto na imprensa como na televisão sobressaem as referências aos brasileiros, “apesar de não lhes ser proporcionalmente concedida Voz” (Carneiro, 2008: 110). Os cidadãos dos países de leste, que em 2003 chegaram a estar bastante próximos dos brasileiros em presença nas peças de imprensa, registaram nos anos seguintes um gradual e acentuado declínio, que estará relacionado com o progressivo abandono de Portugal destes cidadãos.

O relatório nota que na imprensa e televisão cresceu o número de peças referentes ao conjunto de imigrantes, surgindo uma nova modalidade – “Estrangeiros” - evitando a nomeação da origem do cidadão em conformidade com a recomendação de organizações como o ACIDI. A mesma recomendação que levou à diminuição de peças sobre a comunidade cigana e sobre as “2<sup>as</sup> gerações” - uma vez que grande parte têm como tema o Crime e como fonte as Forças de Segurança. Procedimentos que por um lado limpam a consciência e esbatem as diferenças, mas por outro permitem manter leituras subliminares da opinião pública.

### 3. A REVISTA VISÃO

#### 3.1. Nascimento e percurso da Visão

A Visão nasceu a 25 de Março de 1993, como herdeira do semanário O Jornal que encerrara no ano anterior na sequência do declínio de vendas. Fundado em Maio de 1975, O Jornal pertenceu à sociedade de jornalistas Projornal, também proprietária do semanário cultural Se7e, do humorístico O Bisnau, do quinzenário Jornal de Letras, do mensário Jornal de Educação e da revista História e da estação de rádio que se começou por apresentar como “TSF – Rádio Jornal”.

Joaquim Letria foi o primeiro director de O Jornal, sucedido por José Carlos de Vasconcelos e José Silva Pinto. Chegou a ser o semanário mais vendido, lugar que acabou por perder para o semanário Expresso. Nos anos 80, assumiu uma posição política muito crítica a Mário Soares e de apoio à recandidatura presidencial de Ramalho Eanes e ao PRD (Partido Renovador Democrático).

José Carlos Vasconcelos (actual coordenador do gabinete editorial da Visão), que foi director de O Jornal até ter abandonado o cargo para fundar o PRD, recorda assim a orientação ideológica do início da publicação: “O Jornal foi sempre um jornal de esquerda independente, pluralista para usar um termo que depois do PREC<sup>1</sup> se usou muito. Defendíamos um modelo de democracia representativa e independente. As coisas foram mudando, porque este país também mudou muito. O Jornal quando apareceu (e essa era até muito a minha própria postura) vertia muito na linha até do que era o MFA<sup>2</sup> e dentro do MFA da chamada linha dos Nove”<sup>3</sup> (Vasconcelos, Novembro de 2008) .

Após o declínio dos resultados, a Projornal foi adquirida pelo grupo suíço Edipresse, de Pierre Lamunière, que decidiu transformar O Jornal numa *newsmagazine*, aproveitando o facto de não existir na altura em Portugal nenhuma forte publicação nesse sector. A equipa de O Jornal transitou para a Visão. O último director, José Silva Pinto, ficou como presidente da administração da empresa. O

---

<sup>1</sup> Período Revolucionário em Curso – designação do período compreendido entre o derrube do regime do Estado Novo a 25 de Abril de 1974 e a aprovação da Constituição.

<sup>2</sup> Movimento das Forças Armadas – grupo de militares que levou a cabo o derrube do regime do Estado Novo a 25 de Abril de 1974.

<sup>3</sup> Grupo centrado nos militares que diziam recusar tanto o modelo socialista da Europa de Leste, como o modelo social-democrata da Europa Ocidental, defendendo um projecto socialista alternativo, baseado numa democracia pluralista

director-adjunto (outro dos fundadores de O Jornal), Carlos Cáceres Monteiro, assumiu a direcção da nova revista.

José Carlos de Vasconcelos recorda que o acordo com o grupo suíço salvaguardava a manutenção da independência editorial, mas que, inevitavelmente, o modo e lógica de funcionamento passaria a ser outro, a começar pelo facto da direcção deixar de ser eleita por jornalistas para passar a ser nomeada pela administração<sup>1</sup>: “Nunca houve da parte dos suíços qualquer intervenção nessa área (da definição dos conteúdos editoriais), mas isso, aliado à própria evolução do país,... é natural que as coisas passem a funcionar de forma diferente. A própria pressão que é natural numa empresa, que passa a ser uma empresa em que há um investimento grande – porque de facto o investimento dos suíços para o lançamento da Visão foi grande. É evidente que influi” (idem, ibidem)

Em 1999 a Edipresse associou-se à Abril Controljornal - união da editora brasileira, de Roberto Civita (proprietária da *newsmagazine* brasileira Veja), com a empresa do grupo de Francisco Pinto Balsemão. A Visão passou assim a integrar um dos grandes grupos de media em Portugal (actual Impresa, cujo vasto conjunto de publicações se estende agora desde os canais SIC, ao Expresso, Jornal de Letras, Jornal da Região, Exame, Caras, Cosmopolitan, FHM ou Blitz).

Vasconcelos (idem) considera que por essa altura o grupo inicial de jornalistas já tinha muito pouco poder em relação à direcção da publicação e que mesmo que Silva Pinto ainda fosse presidente da administração, na prática já não tinha nenhuma influência.

Nos anos seguintes o grupo de Pinto Balsemão reforçaria a sua posição com a aquisição das acções que pertenciam à Abril. Mas até 2008 metade do capital da Edimpresa (à qual, para além da Visão, pertencem também o Jornal de Letras, Caras, Activa, TV Mais, FHM, Stuff, Rotas do Mundo, entre outras) foi detido pelo grupo suíço Edipresse, que nesse ano vendeu as suas acções ao grupo Impresa, que se tornou assim no seu único proprietário.

### **3.2. A herança e identidade da Visão**

O estatuto editorial da Visão define-a como uma “revista de informação geral que pretende dar, através do texto e da imagem, uma ampla cobertura dos mais

---

<sup>1</sup> Actualmente a direcção da Visão é nomeada pelo Conselho de Gerência e para se tornar efectiva tem depois de ser aprovada pelo Conselho de Redacção, composto por jornalistas eleitos pela redacção.

importantes e significativos acontecimentos nacionais e internacionais, em todos os domínios”, expressando o seu vínculo aos “valores da democracia pluralista e solidária”.

Os termos remetem para a postura ideológica inicial de O Jornal. Enquadram a Visão como uma publicação que pratica um jornalismo ‘socialmente empenhado’, aberto à pluralidade de opiniões, mas regendo-se por determinados valores (nomeadamente os direitos humanos, como foi referido por alguns jornalistas durante as entrevistas) e que em alguns momentos é capaz de tomar posição e manifestar-se em relação a acontecimentos e causas.

Exemplo disso foi a guerra no Iraque, em relação à qual a Visão, na altura ainda dirigida por Carlos Cáceres Monteiro, tomou uma posição bastante crítica, dedicando amplo espaço ao acontecimento. Essa postura está também presente na forma como aborda diversos tipos de assuntos, nomeadamente a Imigração. Apesar de todas as transformações por que tem passado, esse elemento faz parte da identidade da Visão, embora conjugado com inúmeros factores, em especial com os de ordem comercial, sendo que também aí pode ser visto como uma mais-valia, um elemento diferenciador da Visão em relação à concorrência.

Cáceres Monteiro é recordado como alguém que teve um papel fulcral na definição da identidade da Visão. Começou a sua carreira como repórter das revistas Flama e Século Ilustrado, antes de ter sido um dos fundadores de O Jornal. Foi director da Visão até 2005 (afastado devido à doença, da qual viria a falecer), altura em que foi substituído pelo actual director, Pedro Camacho, que antes de ter entrado para a Visão em 2001 como subdirector, foi editor de Economia do Diário de Notícias e do Público. Em contraponto com o gosto pela reportagem e pelo “forte instinto jornalístico” com que Cáceres Monteiro é recordado, Pedro Camacho é encarado como alguém que tem uma postura mais de supervisão e menos interventiva junto das diferentes secções da redacção.

Mas as mais recentes mudanças na linha editorial da Visão começaram a ocorrer antes do desaparecimento de Cáceres Monteiro, surgindo num contexto de crise na imprensa e aparecimento de novas *newsmagazines*. E se a Visão reagiu ao aparecimento da Focus com substanciais investimentos, a mais recente concorrência da Sábado e a actual recessão no sector dos media tem na levado a arriscar menos em temas de capa que possam não ser facilmente apelativos para um amplo número de

potenciais leitores.

### 3.3. A liderança no sector das *newsmagazines*

Apesar das oscilações que tem registado, a Visão é líder de mercado entre as *newsmagazines* semanais, posição que manteve ao longo do período de análise deste trabalho. Segundo dados da Associação Portuguesa para Controlo de Tiragens e Circulação relativos à circulação paga, em 2002 vendeu uma média de 108.771 exemplares, 107.390 em 2003, 102.354 em 2004, 97.465 em 2005, 92.748 em 2006, 101.446 em 2007 e 100.201 em 2008.

Lançada em 1999 pelo grupo Impala, a concorrente Focus importou o modelo da revista homónima alemã. Mas se de início causou algum impacto no sector, as suas vendas vieram a decair, e o principal rival da Visão é actualmente a Sábado, que, embora ainda a alguma distância, tem vindo a aproximar-se. Esta revista do grupo Cofina, que recuperou o nome de um título extinto, foi lançada na primeira semana de Maio de 2004, dirigida por João Govern, que já tinha sido director da Visão e director-adjunto da Focus. Logo no primeiro ano, ultrapassou largamente as vendas da Focus, com uma circulação média a rondar os 45 mil exemplares. Em 2006 registava uma subida de 30%, atingindo quase os 59 mil exemplares, mais ou menos o número que a Visão perdeu durante o mesmo período de tempo, como assinala o artigo de Carla Rodrigues Cardoso “Nascimento e ascensão das *Newsmagazines*” da Revista Jornalismo e Jornalistas, uma publicação do Clube dos Jornalistas.

O Anuário da Comunicação (da Obercom - Observatório da Comunicação), mostra também que no sector das *newsmagazines* a Visão registou quebras contínuas entre 2002 e 2006 (no primeiro ano menos 1,3% e nos seguintes menos 4,7, 4,8 e 4,8), tendência que foi invertida no ano seguinte passando a registar um aumento de 9,4%. A Focus ainda registou entre 2002 e 2003 um aumento muito significativo (+22,4%) mas essa tendência seria invertida nos anos seguintes (-8,6%, -28,8%, 7,9% e -4,8%). Já a recém criada Sábado teve um aumento de vendas de 33,5% entre 2004 e 2005, e de +16% e +15,2% nos anos seguintes.

Dados relativos a 2008 indicam que a Visão vendeu 100.201 por semana, enquanto a Sábado vendeu 74.194 exemplares e a Focus 11.306.

Quanto a quotas de mercado no segmento dos semanários e *newsmagazines* de informação geral, o Anuário da Comunicação mostra que o jornal

Expresso manteve a liderança, embora baixando dos 39,11% de 2002 para 35,9% em 2007. A Visão nunca viu ameaçada a segunda posição: com 30,4% em 2002 e 30,8% em 2007 (no ano anterior tinha chegado ao seu nível mais baixo com 27,3%). A Sábado passou dos 10,5% em 2004 para 19,7 em 2007. A Focus situava-se nos 5,9% em 2002 e nos 4,5% em 2007.

Uma parte muito significativa das vendas da Visão 41 722 são feitas por assinatura – o que permite ter dados concretos sobre os assinantes: 61% homens e 32% mulheres, 7% empresas, 34% têm entre 25 e 54 anos, 13% são *senior e middle managers*.

Os cálculos do Bareme Imprensa, apresentados pelo marketing na captação de publicidade para a revista, indicam que a Visão é lida em média por 685 mil indivíduos, 42% pertencem às classes A/B; 47% têm entre 25 e os 44 anos, 27% são *senior e middle managers*, 51% vivem em grandes cidades. O *target* traçado pelo departamento de marketing são as classes A/B/C1, entre 25 e 44 anos, *senior e middle managers*, o que corresponde a 447 mil indivíduos.

Quanto à distribuição geográfica, parte substancial dos leitores da Visão são da região de Lisboa. O Anuário da Comunicação, relativo ao período compreendido entre 2005 e 2007, indica que a região representou entre 42,52% e 44,91% do total, enquanto a região do Porto representou entre 12,24% e 12,52%.

### 3.4. O modelo *newsmagazine*

No artigo já acima mencionado, Carla Rodrigues Cardoso refere que o modelo *newsmagazine* surgiu em 1923 com a Time, criada por Briton Hadden e Henry Robinson Luce, dois jovens jornalistas que, face a um mercado norte-americano saturado de publicações periódicas, resolveram apostar num novo formato. A Time pretendia apresentar as notícias de uma forma curta e clara, colocando a ênfase nas personalidades que protagonizavam as histórias, que eram apresentadas de uma forma interpretativa.

Rodrigues Cardoso recorda aliás que a opção da “introdução da opinião como fio da trama narrativa das estórias leva alguns autores a considerarem a primeira *newsmagazine* como a fundadora do jornalismo interpretativo”. Apesar da desconfiança, inicial o modelo fez sucesso. Uma década depois, surgia a concorrente Newsweek. Inúmeras *newsmagazines* iriam aparecer em diversos países. Na

Alemanha, o Der Spiegel apareceu em 1947. O L'Express e o Nouvel Observateur, as principais *newsmagazines* francesas, nasceram em 1964.

Em Portugal, o formato foi experimentado pela Flama, Vida Mundial, Opção e pela Sábado original. Mas nenhuma destas publicações existia à data da criação da Visão, que esteve sozinha no mercado das *newsmagazines* durante alguns anos.

Actualmente o cenário modificou-se, e, para além da concorrência da Sábado e da Focus, a Visão tem de lidar com a quebra generalizada de vendas, em especial dos jornais, face ao aparecimento dos gratuitos e da Internet, o que tem causado grandes alterações na linha editoriais dos diferentes media.

O director da Visão refere a esse propósito: “A distinção entre os vários tipos de informação está cada vez mais ténue (...) o resto da imprensa tem-se aproximado do modelo das *newsmagazines*. Tendencialmente, a notícias puras e duras estão nos diários e as coberturas mais analíticas dos acontecimentos nos semanários. E as *newsmagazines* têm a tendência de fazer abordagens mais abrangentes, mais explicativas, com maior enquadramento das notícias. Além disso, existem de facto alguns temas que historicamente são mais característicos das *newsmagazines*. Claramente, tudo o que tem a ver com comportamento, notícias sobre a família ou sobre a organização social, sobre tendências, moda – não apenas roupa, mas em sentido amplo, de atitudes” (Camacho, Março de 2008)

O formato *newsmagazine* leva a que uma significativa parte dos artigos sejam reportagens, com grande destaque para a imagem. No caso da imigração, é frequente a estratégia de apresentar alguns imigrantes como o rosto de uma comunidade, como o retrato que personifica os dados de entidades oficiais ou de associações. O editor da secção Portugal, Paulo Pena, refere que “uma das regras do ‘livro de estilo’ (da Visão) é teres que ter para um assunto um caso que o illustre. A pessoa, a idade, a fotografia tanto quanto possível (...) Dar rostos. Uma revista, *newsmagazine*, vive muito disso. De figuras, de pessoas, de histórias de vida. Por contraponto aos mensários e aos diários. Os mensários vivem mais de ideias, os diários mais de acontecimentos. Nós vivemos ali no meio-termo, entre as ideias e os acontecimentos, que são as pessoas” (Pena, Março de 2008).

Apesar de a Visão liderar entre as *newsmagazines*, o seu público corresponde a uma pequena fatia da população portuguesa. Os dados apontam para

que se trate de uma faixa etária relativamente jovem, com um nível de instrução superior à media nacional e residente em grandes centros urbanos, em especial Lisboa e Porto. O que coincide com a faixa da população que tem um posicionamento de maior aceitação da imigração (embora sendo também a que mais tende a transferir a discriminação dos aspectos fenotípicos e genotípicos para os da cultura, exagerando essa diferenciação cultural)

À partida, será a estes leitores que os jornalistas da Visão se dirigem, com o enquadramento próprio de uma *newsmagazine*. Mas a linha editorial da revista tem uma ligação à ‘actualidade’<sup>1</sup>, que em grande medida (até pela periodicidade semanal da revista) surge como definida a priori por agentes exteriores, entre os quais a generalidade dos media, em especial a televisão que se dirige a um público mais abrangente e que tende a adoptar coberturas marcadas por uma espectacularização dos acontecimentos. E é a esta narrativa que a Visão irá dar continuidade. Os jornalistas da Visão sabem que a percepção dos seus leitores sobre os acontecimentos vem marcada por essa cobertura mediática. E sabem-no em grande medida porque eles próprios também comungam dessa dimensão de consumidores de informação. E se por um lado vão procurar intervir, fornecendo novos dados para essa narrativa, também eles estão à partida influenciados por ela.

A etnografia da redacção irá procurar ver como actuam esses agentes, produtores de informação, marcados por essas suas múltiplas dimensões e como esses factores se manifestam na relação entre os jornalistas e nas cadeias hierárquicas da Visão.

#### **4. OS ARTIGOS DA VISÃO SOBRE IMIGRANTES EM PORTUGAL ENTRE 2002 E 2008**

---

<sup>1</sup> Esse factor, o procurar fornecer ao leitor dados sobre os “acontecimentos mais marcantes da semana”, seria vincado pelo editor Paulo Chitas (Março de 2008) como uma opção que diferencia a Visão da sua concorrente mais directa a Sábado

#### **4.1. 2002 – Os novos imigrantes de leste e os brasileiros, no ano da formação do Governo PSD/CDS-PP quando Portugal acompanha a tendência da União Europeia de restringir as entradas**

A 7 de Março de 2002, a *Visão* dedica a capa às eleições legislativas que teriam lugar daí a uma semana. Essa edição conta com o dossier especial “O estado da Nação”, dentro qual surge o artigo intitulado “Migrações”, sobre as mudanças que levaram Portugal, ao longo do século XX, a passar de país de emigração (nos anos 60) para destino dos novos imigrantes de Leste. O artigo refere o alerta do investigador responsável pelo Livro Branco da Segurança Social, Victor Martins, “para a necessidade de abrir os braços aos estrangeiros”, assim como um estudo das Nações Unidas que questiona se os fluxos migratórios não serão uma solução para o envelhecimento da população europeia, para depois referir o novo quadro de imigrantes em Portugal, dentro do qual ganham preponderância os imigrantes de Leste, embora ainda sejam apenas um quinto dos que provêm dos PALOP.

“Transplantes - dar vida a quem se ama” é o tema de capa de 24 de Abril. A revista conta também as chamadas de capa “O pesadelo Le Pen”, relativo à subida eleitoral da extrema-direita em França, “SIC Radical – ela despe-se no telejornal”, sobre o novo programa do canal pertencente ao grupo da *Visão*, e “Américo Amorim – Quem é o salvador das Antas”. Nessa edição é publicado o artigo “Chegaram os ‘roms’” (secção Sociedade), do jornalista Mário Rui Cardoso, sobre romenos que surgem a mendigar junto aos semáforos da capital e de outras cidades do país. “Mentem quando se lhes fazem muitas perguntas. Às vezes são agressivos” refere o destaque do artigo, dos poucos em que um grupo de imigrantes é apresentado numa perspectiva claramente negativa. O artigo começa com uma discrição e algumas citações dos imigrantes a propósito da sua forma de actuação, para depois enquadrar a história com dados oficiais, nomeadamente do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, referindo que se calcula existirem “mais de um milhar de ciganos romenos praticando mendicidade” em Portugal, tendo já sido detidos 207 que se encontravam em situação ilegal no país.

A 29 de Maio, aproveitando a realização do Mundial de Futebol e a atenção mediática gerada em seu torno, a *Visão* faz capa com: “Luís e Rui – A história milionária das estrelas que nos fazem sonhar com o mundial”, com as chamadas “Viagem ao interior da Maçonaria - reportagem”, “Fome em Angola – 2ª

foto-reportagem” e “Geração MMS – chegaram os telemóveis da era multimédia”. Nessa edição, o artigo “Portugal a Leste” (Sociedade) fala da nova “comunidade de imigrantes de Leste” começando por referir que “apesar de, por vezes, se sentir ‘escravizada’, a comunidade de imigrantes de Leste – que constitui 65% do total dos estrangeiros – integra-se”. Para evidenciar esse facto, apresenta o exemplo de uma família ucraniana que adoptou hábitos portugueses, desde comer caracóis até aporuguesar os seus nomes no modo como se tratam em família. O artigo, dos jornalistas Luís Ribeiro, Rosa Ruela e Oriana Alves, indica que, apesar de alvo de alguma discriminação, a nova comunidade tem-se integrado bem devido às suas características, culturais e de fenótipo. No geral, existe uma confluência entre o discurso jornalístico e o das fontes citadas, com a perspectiva alicerçada em dados oficiais e comentários de académicos e responsáveis de instituições. O enquadramento dos novos imigrantes tem implícito um contraponto com as anteriores vagas de imigrantes oriundos das ex-colónias africanas.

Rosário Farmhouse, antropóloga coordenadora da área social do Serviço de Jesuítas para os Refugiados<sup>1</sup>, descreve deste modo a “comunidade de Leste”: “São pessoas pacatas e educadas, com alguma facilidade de integração e com uma bagagem cultural e formação elevadas. Isso encantou os portugueses”. Ao mesmo tempo, explica que a “boa aceitação” se deve também às memórias que os portugueses têm enquanto emigrantes. A par da apresentação de exemplos de outros imigrantes de Leste, surge mais adiante o chefe da Igreja Ortodoxa Grega em Portugal, que refere a existência de “algum racismo por parte dos portugueses”, “mas não sendo a cor de pele diferente, (os imigrantes de Leste) acabam por se integrar”.

A socióloga Elsa Sertório refere que “a lei é discriminatória e uma boa parte da população portuguesa é ‘intolerante’ para como os imigrantes de Leste”. Um elemento da associação Solidariedade Imigrante diz que “os africanos já conhecem melhor as leis laborais, são mais reivindicativos”, expressando o receio que o favorecimento dos imigrantes de Leste venha a fomentar ódios raciais.

“Destinos de sonho – grandes ideias para férias no estrangeiro” é a capa de 6 de Junho, com as chamadas “Mundial – porque falhou a nossa selecção”, “Dossier: O que é ser funcionário público” e “Imigrantes – Portugal vai fechar a fronteira”. (As restrições à imigração na União Europeia seriam abordadas nesse ano em diversos

---

<sup>1</sup> Actual Alta Comissária para Imigração e o Diálogo Intercultural

outros artigos - num dos casos foi mesmo tema de capa - mas estes ficam fora do nosso campo de análise, por nunca se referirem especificamente aos imigrantes em Portugal). O destaque da capa surge a propósito das regras mais restritivas para a entrada de imigrantes que Portugal e a União Europeia estavam prestes a adoptar. O assunto é introduzido pelo artigo “Imigrantes que futuro?” (secção Portugal) em que os jornalistas Paulo Pena e Rosa Ruela começam por interrogar o que está por detrás das mudanças em curso, mencionando a subida da extrema-direita em França e na Holanda, os gigantescos contingentes de “clandestinos” que chegam à Europa, ao mesmo tempo que referem que Portugal precisa de imigrantes, “para combater o envelhecimento e para ocupar os postos de trabalho, mal pagos, que os portugueses não querem”. Volta a ser mencionado o passado de emigração, a propósito do modo como os portugueses têm recebido a imigração.

Uma família de ucranianos é apresentada como parte do “gigantesco contingente de quase 180 mil imigrantes que, desde a entrada em vigor da lei da imigração, se legalizaram em Portugal, com autorizações de permanência” (mais adiante surgem outros exemplos de imigrantes vindos de outros países, como a Guiné-Bissau, a Bielorrússia ou a Roménia). De acordo com os dados apresentados, os estrangeiros residentes haviam duplicado em dois anos, levando a que representem 4% da população portuguesa e 8% da população activa”. Mas, segundo referia o ministro da Administração Interna, as alterações legislativas, como aquelas que seriam aprovadas nesse dia, iriam “apertar” as condições para a entrada no país. A esse propósito é também citado o comissário europeu, António Vitorino. São mencionados números das receitas geradas pelos imigrantes para a Segurança Social, ouvido um representante da CGTP que declara que “a imigração está a ser utilizada pelo patronato português para manter o modelo de desenvolvimento – de baixa qualificação, sem direitos”. O sociólogo Rui Pena Pires expressa o seu cepticismo sobre as medidas estritamente fronteiriças para a diminuição dos “ilegais”. O SEF e Roberto Carneiro são citados a propósito o número indeterminado de “ilegais” em Portugal.

O artigo antecede a entrevista ao ministro da Administração Interna, intitulada “Ministro defende ‘imigração selectiva’”, na qual o governante fala sobre as alterações legislativas e os seus propósitos.

“Morais Sarmiento – o ministro das guerras difíceis” faz a capa de 27 de

Junho. As chamadas vão para “Onde pôr os seus filhos nas férias”, “Bin Laden – Escondido no Paquistão?” e “Brasileiros – Como eles vivem em Portugal”. A reportagem de Gabriela Lourenço, Henrique Botequilha e Miguel Judas, “Portugal brasileiro” (Sociedade) surge como um retrato daquele que é denominado como o “povo do Brasil” recém-chegado ao nosso país. É seguida a abordagem habitual de introduzir casos específicos, falando das suas dificuldades e da sua relação com Portugal (traçando no geral um quadro de boa integração), enquadrando a reportagem com dados oficiais que os integram no cenário geral.

A capa de 14 de Agosto vai para “Emigrantes – como eles venceram lá fora”. Chamadas: “PJ – Para que servem os infiltrados”, “Quem é Francis Obikwelu”, “Elvis 50 anos”, “IURD o regresso do bispo Macedo”, “IPE – os desempregados de luxo”. Com o título “Francis Obikwelu, raça africana” (Sociedade), o artigo de Miguel Judas conta a história do “novo ídolo do atletismo português que nasceu na Nigéria e sentiu na pele o calvário que é ser imigrante africano na Europa” (...) “o português que, na semana passada, se sagrou vice-campeão da Europa dos 100 e dos 200 metros”.

“Um dia na vida de Portugal”, um trabalho efectuado por 30 repórteres em 15 diferentes zonas do país, faz a capa de 3 de Outubro. “Furacão Lula – enviado especial – Brasil” e “O Romance de Catarina (Talon) são as chamadas de capa. Dentro do tema de capa (secção Portugal), Miguel Carvalho faz uma reportagem em Braga sobre o “dia dos ucranianos que trabalham na construção de um dos estádios do Euro”. O artigo refere que vivem em camaratas junto do futuro estádio, entre angolanos, guineenses, brasileiros, moldavos e romenos. Que trabalham todo o dia, por turnos, exceptuando aos domingos.

“Quando os pais raptam os filhos” foi o tema de capa de 21 de Novembro, acompanhado pelas chamadas “As consequências da maré negra”, “Perfil – Ana Gomes, a nova estrela do PS”, “O ‘outro Espírito Santo’” e “O novo Harry Potter”. Distinguido no primeiro ano do prémio “Imigração e Minorias Étnicas – Jornalismo pela Tolerância”, na categoria Escrita, “Retalhos da vida de um médico” (Sociedade) é um artigo publicado nessa edição sobre médicos oriundos da Europa de Leste que se encontram a desempenhar trabalhos pouco qualificados em Portugal e que aderiram a um programa da Gulbenkian que visa permitir-lhes a fazer uso da sua formação. Isabel Nery (Junho de 2008) diz que a ideia para o artigo surgiu na

sequência de uma pequena notícia publicada num jornal diário sobre o programa, e que se interessou pelo assunto porque conjugava imigração e saúde, duas áreas sobre as quais gosta de trabalhar. “Foi sugerido por mim. Na altura ainda era o Cáceres (Monteiro) director. Ele disse: ‘Ah a SIC já fez um programa grande sobre isso e tal...’ Mas eu fiz um ar tão triste, porque já tinha investigado, já tinha falado com várias pessoas, que ele disse: ‘Ah, mas faz na mesma’”. A jornalista (idem) diz que o assunto conjugava vários ingredientes que a levavam a acreditar num potencial “artigo pela positiva”, em contraste com as histórias sobre “os bairros degradados e a criminalidade”: “Para mim já é um dado interessante uma instituição tão prestigiada como a Gulbenkian apostar nestas pessoas, para poderem exercer como médicos em Portugal. É uma das profissões mais prestigiadas, independentemente dos ordenados, do ponto de vista do estatuto (...) Sendo que estávamos ainda muito próximos desta vaga de imigração de Leste, os finais dos anos 90, inícios dos anos 200. Hoje já não é assim uma grande novidade, mas na altura ainda era”. O artigo parte das provas de português que estes imigrantes se encontram a prestar, para conseguirem vir a exercer em Portugal a sua profissão, e depois conta o seu percurso desde os tempos da União Soviética.

#### **4.2. 2003 – Imigrantes, o elo mais fraco com a chegada da crise, no ano da guerra do Iraque**

A capa da Visão de 13 de Fevereiro é umas de diversas dedicadas à situação no Iraque. “A nova desordem mundial – eventual intervenção militar no Iraque ameaça União Europeia, NATO e a própria ONU” é o título acompanhado pelas chamadas: “Pedofilia – a teia dos médicos”, “Portugal de excelência – NASA, Boeing e Microsoft recorrem à tecnologia nacional”, “Euro 2004 – consórcio dos manos Oliveira ganha negócio de 40 milhões”, “CIA monta escola em Lisboa” e ainda o destaque para “Guia dos Restaurantes – 2º fascículo – Grátis”. “Máfias do Leste” (Sociedade) surge como um artigo em que o jornalista Henrique Botequilha aproveita o facto de estarem a ser julgados diversos cidadãos de Leste acusados de crimes como auxílio à imigração ilegal, raptos e extorsões, para descrever o modo extremamente violento como estas redes mafiosas actuam. O enquadramento do artigo é no âmbito do crime. Só numa fase bastante adiantada do texto começa a surgir a palavra imigração, para denominar as vítimas das “máfias de leste”.

Em plena febre do caso de pedofilia na Casa Pia, a Visão dedica mais uma capa ao assunto. A 6 de Março, um mês depois da capa “Carlos Cruz – a queda de um anjo”, o destaque vai para outro dos arguidos no processo, com “A história de Ritto”. As chamadas vão para “PT revoluciona telefones fixos com imagem, SMS e vigilância à distância”, “Os ‘Jardins Secretos’ de Teresa C”, novamente acompanhadas pelo destaque para o Guia de Restaurantes grátis.

“Rejeitados” (Portugal) é um artigo de Alexandra Correia sobre a alteração da lei destinada a expulsar os “entre 30 a cem mil imigrantes ilegais” que se calcula existirem no país e a dar mais apoios aos que já estão legalizados, numa altura em que terminaram as grandes obras como o Alqueva, a auto-estrada para o Algarve ou os estádios de futebol e em que o Governo anuncia que o “mercado português está saturado”. Também contemplado com o prémio “Jornalismo pela Tolerância”, o artigo apresenta a realidade de alguns desses imigrantes, a actuação do SEF, situações de racismo referidas pelo ACIME (com alusões à sondagem que indica que os africanos são mais atingidos pelo racismo e preconceito e que ganham salários inferiores) e os números gerais dos imigrantes em Portugal. Os casos retratados de africanos são sucedidos pelos de imigrantes de Leste e brasileiros, que também se dizem vítimas de discriminação. O artigo antecede uma entrevista ao secretário de Estado adjunto do ministro da Presidência, Feliciano Barreiras Duarte (que posteriormente haveria de publicar três colunas de opinião sobre a temática da imigração), reforçando a ideia de que “os imigrantes não dão prejuízo ao Estado” (citação que serviu de título) e que têm impacto positivo nas contas do Estado, chamando a atenção de que com os novos fluxos de imigração “Portugal acordou de repente para um fenómeno para o qual não estava preparado”, referindo o aumento do orçamento destinado à integração de imigrantes.

“Bush, és fixe e o Sampaio que se lixe?” é a capa de 13 de Março, com as chamadas “Alimentação – A fuga das galinhas”, “Dossier A Guerra do Golfo II – contagem decrescente...” e o destaque para o guia dos restaurantes. Em “Presidência aberta – Sampaio num país às cores” (Portugal), Alexandra Correia volta a focar o mesmo assunto do seu anterior artigo, agora a propósito da iniciativa presidencial contra o racismo e xenofobia de percorrer áreas metropolitanas de Lisboa e Porto numa semana dedicada à imigração. A reportagem acompanha a visita aos bairros degradados.

A 21 de Março, na altura da eclosão do conflito militar no Iraque, a Visão faz uma edição extra denominada “A guerra”. Dentro do Dossier Guerra do Golfo II, “Iraquianos em Portugal – Imigrantes de luxo” é um artigo em que a jornalista Paula Serra mostra como vivem os iraquianos em Portugal e se têm ou não sentido a desconfiança do pós-11 de Setembro. O artigo apresenta uma “casta” de homens ricos bem inserida nos hábitos locais, que abandonou o Iraque por motivos políticos e económicos. Um dos iraquianos citados diz que, ao contrário do que acontece noutros países, em Portugal nunca se sentiu perseguido ou vítima de desconfiança. “Apesar de maioritariamente muçulmanos, os iraquianos residentes em Portugal não frequentam com regularidade as mesquitas, fazendo as suas orações quase sempre em casa”, descreve a determinada altura a jornalista. As críticas dos imigrantes iraquianos aos americanos são acompanhadas por outras ao regime de Saddam Hussein. Alguns sentem uma mistura de sentimentos em relação ao assunto, ao mesmo tempo temem tecer abertamente críticas devido à ligação que ainda têm ao Iraque. Segue-se “À espera do ataque” um outro artigo (de Tiago Fernandes) sobre os receios de um luso-iraquiano face ao conflito.

A capa de 10 de Julho é uma das inúmeras dedicadas pela Visão, em especial durante o período, a sugestões de férias. “Férias de Carro – os 12 melhores percursos em Portugal e na Europa” é acompanhado pelas chamadas “Entrevistas exclusivas: Catalina Pestana – Principais testemunhas do processo Casa Pia não aparecem na TV” e “Manuel Monteiro – Orçamentos do Estado combinados em troca de negócios privados”. Mais um artigo de Alexandra Correia, neste caso em parceria com Paulo Pena, “Imigrantes burlados pela defesa” (Portugal) é sobre o caso de seis advogados que lesaram imigrantes. O texto parte do caso de Oleg, um ucraniano de 46 anos enganado por uma advogada que lhe garantiu conseguir a sua legalização e por quem o contratou para trabalhar na construção civil. O presidente da Casa do Brasil indica que há centenas de brasileiros também burlados por advogados. Passa-se depois para a detenção, ocorrida na semana anterior, de uma advogada acusada desse tipo de crime.

“As noites do parque Eduardo VII” é a capa de 2 de Outubro, com as chamadas “Pornografia Infantil – FBI já identificou 300 portugueses traficantes e consumidores”, “Novo colunista – Mário Soares – artigo sobre a ‘situação preocupante’ do País”, “Exclusivo – Dez casos suspeitos da variante humana da

doença das vacas loucas em Portugal”, “Marques Mendes – ‘Evasão fiscal é uma forma de corrupção’”. “Bagão Félix . O que vai mudar no subsídio de desemprego”, “Inquérito – Está a Igreja a virar à esquerda?”, e o destaque para o terceiro dossier de Saúde de Harvard grátis.

“Imigrantes, Portugal disfarça as rugas” (Sociedade) - mais um artigo de Alexandra Correia, neste caso com Paulo Chitas (que obteve os dados do ACIME que foram o ponto de partida para criação do artigo) - indica que os imigrantes chegam maioritariamente no período de idade fértil das mulheres e que têm mais filhos do que os portugueses, contribuindo assim para atenuar a tendência de envelhecimento da população.

“O país dos escândalos sexuais – como Portugal passou a ser primeira página na imprensa internacional, pelos piores motivos” é a capa de 16 de Outubro, na sequência da capa da revista Time sobre a prostituição no norte de Portugal (o artigo da Visão é uma reportagem na cidade sobre as brasileiras, nunca apresentadas como imigrantes, que trabalham nas casas de alterne e sobre o seu impacto na cidade). Ainda na capa dessa edição, surge a chamada “João Paulo II – os 25 anos que mudaram o Mundo”, bem como os destaques para o dossier Harvard 5 e para a venda com aquela edição do 2º livro de reportagens de uma década.

Publicada nessa edição, “Crianças com três metros de altura” (Sociedade) é uma reportagem, de Fernando Dacosta, Marta Estêvão e Patrícia Correia, sobre uma escola de Almancil frequentada por filhos de imigrantes de dezasseis países. Elogiando a riqueza cultural adjacente, o artigo diz tratar-se de um fenómeno único “só possível entre nós”. O texto indica que grande parte dos alunos são filhos de imigrantes de luxuosas zonas do Algarve, cuja presença gerou uma série de actividades que por sua vez atraíram imigrantes de extractos sociais mais desfavorecidos: “De simples assentadores (negros) de tijolos a sofisticados peritos (loiros) de informática, os estrangeiros não se cruzam, no entanto, entre si, ao contrário do que acontece com os seus filhos no empolgante espaço da Escola E.B. 2,3”.

Enquadrando o exemplo de sucesso de “interculturalidade” ali conseguido pelos docentes, o artigo fala na “sensibilidade portuguesa (a que nos levou ao convivencialismo não ao colonialismo)” e numa referência aos descobrimentos refere “quando o amor emergia, a cor da pele deixava, aliás, de contar: casamentos,

mancebias, paixões multiplicaram-se rasgando frequentemente preconceitos e interesses”.

”Ferro abre o coração – entrevista – o político mais pressionado do País diz tudo o que pensa sobre o processo Casa Pia”, tema de capa de 13 de Novembro, é acompanhado pelas chamadas “Zara – as fábricas portuguesas do império espanhol”, “Viagens-fantasma: as dívidas que os deputados não pagaram”, “Paula Rego – ‘Regresso’ a Lisboa”, e ainda pelo destaque à venda de um filme em dvd.

“Os sem abrigo que vieram do frio” (Sociedade) é uma reportagem sobre a difícil situação de imigrantes sem abrigo numa altura de crise, introduzindo uma entrevista ao chefe da missão da Organização Internacional das Migrações em Portugal, programa que foi retomado nessa altura. Francisco Galope (Julho de 2008) diz que se ofereceu para fazer o artigo, sugerido em reunião de editores pela directora-adjunta, Cláudia Lobo, que se deparou com a situação de ucranianos e russos sem-abrigo num jardim junto à sua casa no centro de Lisboa. Galope (Junho de 2008) afirma que, mais do que pela denúncia de injustiças, gostou do tema pela situação humana, pelos casos humanos. A reportagem começa com o primeiro contacto do jornalista com os imigrantes que se encontravam a viver no jardim, depois enquadrando os seus casos com dados oficiais e declarações de responsáveis de organizações e instituições de apoio social.

#### **4.3. 2004 - Espreitar o “mundo” dos imigrantes ucranianos, a favela brasileira da margem sul e os chineses invisíveis**

“Miklos Fehér, 1979-2004 – Choque”, a morte inesperada do jogador do Benfica, à qual os portugueses assistiram através das imagens transmitidas pela televisão, faz a capa da Visão de 29 de Janeiro, onde também surgem as chamadas “Viagem ao mundo escondido dos chineses em Portugal”, “Escândalo de corrupção de Dick Cheney passa pela Madeira”, “Artigo de Mário Soares: ‘Até o patriotismo se esbate’”, “Os fóruns de Davos e Bombaim – vistos por Rui Vilar e Boaventura Sousa Santos” e o destaque para o décimo-terceiro dvd. “A comunidade invisível” (Sociedade) é a reportagem de Cesaltina Pinto e Rosa Ruela sobre os imigrantes chineses, que tem chamada de capa. “Não se passeiam na rua, não vão ao hospital, trabalham de segunda a domingo. Lojas e restaurantes são apenas a face mais visível dos mais de 9 mil chineses em Portugal”. O artigo propõe ir desse lado mais

conhecido dos imigrantes chineses, para penetrar na “bolha oriental”. Refere a pouca “aculturação” dos imigrantes chineses, mesmo nos casos dos que já se encontram há décadas em Portugal, apresentando depois algumas particularidades da sua cultura, alguns testemunhos, a par de dados do SEF. Rosa Ruela (Maio de 2008) diz que pretendeu fazer “um retrato”, mas que não conseguiu entrar bem nesta “comunidade”, em parte devido à barreira da língua. “Tive bastante tempo para fazer esse trabalho, várias semanas. É difícil chegar às pessoas. Tinha um que eles chamavam o dono de Porto Alto, que era o tipo da revenda, tinha uma médica... um de um restaurante, um de uma loja dos trezentos, o líder informal da comunidade....” (idem), refere, a propósito da diversidade que quis mostrar. O artigo foi sugerido por Ruela na sequência de uma outra reportagem sobre a diversidade cultural existente na Avenida Almirante Reis, em Lisboa, perto de onde residiu. Acabou por não concretizar esse artigo, mas os dados então recolhidos levaram-na a sugerir este, sobre a comunidade chinesa, que aproveitava o facto de se estar a celebrar o ano novo chinês. “Neste ano eles estavam numa de abrirem-se, serem mais compreendidos pela comunidade portuguesa – foi o primeiro ano em que falaram sobre o ano novo e em que tentaram fazer umas festividades abertas à comunidade portuguesa e apareceu nos jornais e tal (...) não é o tipo de trabalho que se faça como eu fiz, sem interprete, sem tradutor, e se calhar sem alguém a abrir a porta, porque tu tens muita desconfiança. Há pessoas que não querem aparecer nas fotografias, estão cá ilegais ou semi-legais” (idem).

Na semana seguinte, a edição de 5 de Fevereiro faz capa com “O pior ano da vida de Carlos Cruz”, com a chamada “As reformas douradas dos políticos” e os destaques para o primeiro fascículo grátis do Guia do Euro 2004 e para a venda do décimo-quarto dvd. Em “Imigrantes almas feridas” (Sociedade), a jornalista Patrícia Fonseca descreve o “Síndrome de Ulisses”, um “distúrbio psiquiátrico singular” ao qual os imigrantes são especialmente predispostos devido aos seus “medos e privações”. A propósito da forma como lhe surgiu a ideia e desenvolveu o artigo, Patrícia Fonseca recorda: “Durante algum tempo fiz algumas coisas sobre saúde mental, depois foi uma área que fui deixando de trabalhar, porque é sempre muito difícil vender esse tipo de temas, tudo muito deprimente... Foi uma vez em conversa com um psiquiatra, talvez no Júlio de Matos, não me recordo bem quem foi, que me falou no Síndrome de Ulisses. E depois fui à procura de coisas e descobri o psiquiatra espanhol que definiu a doença, falei com ele pelo telefone e depois fui à procura de

alguns casos cá, porque achei que era interessante (...) Depois foi muito engraçado porque descobri que havia também a questão ao contrário, ou seja, esta síndrome nos portugueses que emigraram para França nos anos 70” (Março de 2008). No artigo, a jornalista escreve que Portugal recebeu a maior vaga de imigrantes da sua história nos últimos cinco anos, “ a maioria oriundos do Leste da Europa, com poucas afinidades com o nosso país”, mas os problemas específicos que atingem estas comunidades continuam a merecer pouca atenção por parte dos profissionais de saúde mental, em contraste com o que acontece em França ou em Inglaterra.

“Como se faz uma RAINHA – Letizia Ortiz a noiva do futuro Rei de Espanha”, surge como a capa de 26 de Fevereiro, com as chamadas: “Aborto: as promessas e a realidade – reportagens e o artigo de Freitas do Amaral”, “Os 12 trabalhos de Ferro Rodrigues” e os destaques para a venda de “100 anos A história do Benfica” e para a oferta de mais um guia do Euro 2004. “Media Escrita em Dia” (Sociedade) é um artigo de Rosa Ruela com a entrada: “os jornais dirigidos às comunidades imigrantes são um negócio em vias de expansão. Apetecível até para os portugueses”. De seguida, o artigo apresenta uma das responsáveis pelo recém-criado “Correio do Brasil”, que realça o facto de a maioria dos artigos acabar por ser destinado não a brasileiros mas a portugueses que diz serem maioritariamente quem estava a comprar o jornal. O artigo refere que o mesmo grupo, Independente Global (o mesmo do semanário entretanto desaparecido), se prepara para lançar um outro título, África, destinado a todos aqueles que se interessam pela África lusófona. Depois surgem os casos de outros jornais como o Anglo-Portuguese News, o semanário em língua russa Slovo ou o em mandarim Sino.

A autora diz que o mote para o artigo foi o lançamento de um jornal brasileiro. “Penso que (a ideia) tenha vindo do José Carlos Vasconcelos (coordenador do gabinete editorial da Visão), Brasil é o ‘pelouro’ dele. Devia-se ter lançado um jornal brasileiro, sabia-se que eventualmente iria nascer um Correio de África (...) Na altura o que me pediram foi: ‘Olha vê lá o que é que há mais de jornais para as comunidades e faz’. Além do brasileiro sabia que ia avançar também o de África, conhecia o Emídio (Emídio Fernando, um dos mentores do projecto que acabou por não se concretizar) e telefonei-lhe. Como já tinha feito um trabalho sobre chineses, sabia que havia mais do que um jornal cá em chinês para a comunidade chinesa. E porque já tinha participado nuns trabalhos sobre os imigrantes de Leste sabia que

havia mais do que um jornal cá dirigido à comunidade. Foi simples. Isso foi feito em três dias. Fui eu que escolhi (os casos retratados) e limitei-me às comunidades mais conhecidas. A brasileira, que estava em crescendo na altura, África não era uma comunidade em crescendo, mas estão cá, e eram a ucraniana e chinesa porque eram as grandes e as mais diferentes, as que não liam os jornais portugueses” (Ruela, Maio de 2008).

“Um dia na vida de Cavaco” surge como a capa de 11 de Março, com as chamadas “Caçadores de tesouros: Alentejo a saque”, “Os sete pecados mortais de Mel Gibson”, “A hora das Espanhas – reportagem num país à beira das eleições” e o destaque para mais um guia do Euro 2004. “De relance Imigrantes” (secção Radar) é uma pequena notícia inserida na coluna Relance dá conta da iniciativa de Feliciano Barreiras Duarte de visitar associações de imigrantes para explicar novos diplomas relativos à imigração.

“Os relatos arrepiantes de abusos no Iraque” é o título que faz a capa de 13 de Maio. Trata-se de um trabalho da revista Time, com a qual a Visão tem um acordo para publicação em exclusivo dos seus artigos em Portugal. As chamadas vão para “O que a PJ investiga sobre Pinto da Costa e Nuno Cardoso”, “Fátima – a fé que resiste no tempo”, “Champalimaud – Para quem vai a herança”. Além dos destaques para a oferta do primeiro fascículo do Guia Visão Praias e para a venda de Disney As Aventuras no Portugal do Euro 2004, há ainda uma chamada para “Histórias de Metro”, o tema de capa do caderno de roteiro da semana Visão Sete (integrado dentro da revista). O artigo dá conta da enorme diversidade cultural existente no metropolitano de Lisboa onde se cruzam “turistas, trabalhadores da construção civil, imigrantes ilegais”, apresentando o Martim Moniz como “provavelmente, a estação mais multicultural e multirracial”. São descritos os percursos de vida e actual situação das diferentes pessoas que se cruzam neste “mundo subterrâneo”, com especial destaque para os imigrantes.

“O que é que Ronaldo tem? (grátis poster da selecção)” é a capa de 24 de Junho. “Entrevista a Bill Clinton – ‘A minha vida’ Exclusivo Time”, “Especial . No Rio com Chico (Buarque)”, “Maria José Morgado – A justiça e os poderosos” são as chamadas, acompanhadas pelos destaques para um dvd BBC e para o guia praias. “Imigrantes – Brasileiros serão a maior comunidade” (Radar) é mais uma pequena notícia originada pelo secretário de Estado Adjunto da Presidência, segundo o qual

“até ao fim do ano os brasileiros poderão tornar-se na maior comunidade de imigrantes em Portugal”.

“Santana fala de tudo – exclusivo primeira entrevista de fundo do primeiro-ministro” é a capa de 26 de Agosto, com as chamadas “Obikwelu – Como se fez um campeão”, “A aventura do pastel de nata português no mundo” e o destaque para a venda da revista Visão Júnior. Publicado por ocasião dos Jogos Olímpicos de Atenas, o artigo “Francis Obikwelu. Nascido para voar” (Sociedade) é apresentado como a “história de um antigo imigrante em Portugal com convicções fortes. E um final feliz”. O artigo de Rui Tavares Guedes cita diversos treinadores e especialistas em medicina desportiva que defendem a existência de características genéticas dos negros que lhes permitem serem melhores corredores de velocidade. Depois conta o percurso de Obikwelu, o imigrante nigeriano que aos quinze anos vivia numa barraca no Algarve e trabalhava como trolha nas obras, conseguindo mais tarde naturalizar-se português e tornar-se num campeão de atletismo.

“Ataque à classe média”, o título da capa de 23 de Setembro, é acompanhado por remissão para o artigo de Mário Soares “Um clima preocupante” e pelas chamadas “‘O Código Da Vinci’ desmascarado”, “GNR no Iraque – divergências entre Sampaio e Santana Lopes”, “Rui Gomes da Silva: ex-cliente acusa ministro”, “Enfermeiros – retrato de uma profissão em pé de guerra” e “Como é que o PS vai a votos reportagem”. “Imigrantes. Uma favela portuguesa” (Sociedade) começa por descrever a situação de Maurício, um brasileiro que imigrou para Portugal com o sonho de conseguir juntar dinheiro para montar um negócio no Brasil, mas que acabou por ser explorado por outros brasileiros. Do seu caso parte para a apresentação do bairro onde reside, onde vivem em condições de grande precariedade inúmeros brasileiros, grande parte dos quais não possuindo vistos de trabalho em Portugal.

O autor da reportagem, Luís Ribeiro (Abril de 2008), diz que procurou denunciar a situação e lamenta que o protagonista da história tenha vindo a ter muitos problemas e acabado por regressar para o Brasil, após ter “dado a cara” no artigo. Recorda que soube do bairro do Seixal, onde se encontravam inúmeros brasileiros, através do presidente de uma associação de imigrantes brasileiros. “Primeiro quis saber como é que eles viviam em Portugal. Perceber porque é que se juntavam todos no mesmo sítio. Ao fim ao cabo eles sentiam-se mais seguros todos juntos e a ideia

era um bocado essa. Depois, no terreno, descobri que havia só dois ou três proprietários de uma série de casas ilegais que alugavam ao quarto, sem papeis, aquelas casas. Faziam dinheiro com isto de uma forma ilegal. Mas sobretudo, faziam alguma chantagem psicológica com os imigrantes que se discordassem de alguma coisa seriam postos na rua, não tinham para onde ir”. Ribeiro diz que, como habitualmente neste tipo de trabalhos, começa por tomar contacto com a situação da generalidade das pessoas, para depois escolher uma ou duas mais interessantes, “ou porque a pessoa tem mais carisma, como era o caso do Maurício” (idem).

A foto de Marcelo Rebelo de Sousa surge na capa de 14 de Outubro sobre o dossier “Controlo dos media – o plano do Governo”, acompanhada pelas chamadas “As noites são mesmo perigosas? A polémica dos bares e discotecas” e da promoção da venda do livro e cd “Amália”. “Novos centros de apoio” (secção Radar) é uma notícia sobre a abertura de mais Centros de Apoio Locais ao Imigrante.

“Como eles se vão defender – Casa Pia revelações” é a capa de 18 de Novembro, com as chamadas “Os segredos das demissões na RTP”, “PSD/PP: Portas bate o pé a Santana”, “Portugal vai comprar avião espião”, “O novo álbum dos U2”, “Artigo de Mário Soares” e o destaque para a Visão Sete. “Viktor contra Viktor”, o artigo de João Dias Miguel sobre a segunda-volta das eleições que vai ter lugar na Ucrânia daqui a três dias, inclui a caixa “Ucranianos em Portugal quase não votam” (secção Mundo), que refere que, de entre os 67 mil legalizados, apenas votaram 1700, um número que um representante de uma associação de ucranianos diz se dever muito às dificuldades burocráticas e a apenas se poder votar em Lisboa.

“O naufrágio de Santana” é a capa de 2 de Dezembro, com as chamadas “80 anos da vida de Mário Soares”, “‘Carjacking’ a nova onda de assaltos”, “Crise na Ucrânia” e os destaques para a venda do dvd do 2º volume da história do século XX, a Visão Júnior e a oferta de um suplemento especial Natal. “Integração: como recebemos os imigrantes” (Portugal) é um artigo de Alexandra Correia, a pretexto do “Manual da Integração” editado pela União Europeia, onde as instituições portuguesas são elogiadas pelas suas boas práticas nesta matéria. Algumas páginas adiante, aparece o artigo da Time sobre as eleições ucranianas, intitulado “A revolução laranja” (Mundo), seguido por um outro de Luís Ribeiro, “‘Vin Povernuvs!’”, sobre a manifestação junto da Embaixada da Ucrânia em Lisboa, de ucranianos apoiantes de Iushchenko, com uma caixa que mostrava que os ucranianos

eram a maior comunidade de imigrantes em Portugal, seguidos pelos brasileiros, cabo-verdianos, angolanos e guineenses. Luís Ribeiro (Abril de 2008) recorda que fez o artigo numa altura em que já se encontrava a preparar “De Portugal com Amor” (23 de Dezembro – Mundo), a reportagem que valeria o prémio de Jornalismo pela Tolerância.

Este artigo foi publicado na edição que conta com uma capa vinda de um artigo da Time: “Os segredos do nascimento de Jesus”. A chamada para uma entrevista exclusiva a Woody Allen é seguida por “Ucranianos em Portugal” (em alusão ao artigo referido) e ainda as chamadas “Balanço do Ano – O mundo em 2004”, “Mário Soares – Conselhos do PS”, “Férias – Voar mais barato” e “A coluna de Ricardo Araújo Pereira”.

“De Portugal com amor” é uma reportagem na Ucrânia junto das famílias daqueles que se tinham tornado na maior comunidade de imigrantes no nosso país e que mostrava como eram utilizadas as remessas de dinheiro que estes enviavam. “Acho que isso atinge muito o coração dos portugueses (...) que com o dinheiro que cá ganhavam (os imigrantes ucranianos) conseguiam pôr os filhos na universidade (...) Também há aqui um paralelismo com a emigração portuguesa para França, sobretudo nos anos 60 e 70” (Ribeiro, Abril de 2008), refere o jornalista a propósito da estratégia que diz ter utilizado para criar proximidade dos leitores para com as histórias dos imigrantes ucranianos.

#### **4.4. 2005 - A descoberta dos “nossos brasileiros”, os receios do império chinês das crises de identidade e de que os tumultos dos subúrbios franceses sejam contagiosos**

A capa de 9 de Junho é dedicada a um dossier especial sobre “os grandes crimes ambientais em Portugal”. As chamadas vão para: “Maçonaria – como o ‘irmão’ Clinton apoiou Timor; Os rituais secretos dos maçons”, “Medicamentos – Porque são tão caros”, “Função Pública – a guerra vai começar”, com o destaque para guia grátis Férias Saudáveis. Em “Clandestino involuntário” (Portugal), Francisco Galope conta o caso paradoxal de um romeno que, apesar de ser membro do órgão consultivo do Governo português, encontra-se em situação ilegal no País. O artigo mostra o contexto em que expirou a sua autorização de residência, pouco tempo depois de ter ficado doente, acabando por ser notificado pelo SEF para abandonar o

país. Uma situação que o artigo indica ser semelhante à de muitos outros imigrantes. Um dado enquadrado por uma infografia com o número dos estrangeiros expulsos do país nos anos mais recentes. Francisco Galope (Julho de 2008) recorda que na altura em que estava a preparar o artigo recebeu um telefonema do padre Vaz Pinto, então Comissário para a Imigração, que lhe disse que o tornar o caso público poderia dificultar a sua resolução (o que acabou por acontecer após a publicação do artigo). O jornalista diz que na altura se chegou a exaltar porque interpretou o contacto como uma pressão para não publicar o artigo, embora refira que possa ter interpretado mal e o comissário estivesse “bem-intencionado” (idem).

“Álvaro Cunhal 1913-2005 – O homem, a vida e a lenda” é a capa da Visão de 16 de Junho. “Fundação Champalimaud – Leonor Beleza revela os seus segredos – Exclusivo” é a chamada acompanhada pelo destaque para a venda do álbum “África, 30 anos depois”. “Noites russas” (Sociedade) é uma reportagem sobre uma discoteca no Estoril que se havia tornado num ponto de encontro entre os imigrantes de Leste. “A música eslava é uma constante, mas já todos se renderam às bebidas portuguesas”, refere a entrada. O jornalista Luís Ribeiro (Abril de 2008) recorda que soube da história através de alguns amigos ucranianos que conheceu durante anteriores trabalhos (o jornalista viria mesmo a casar-se com uma ucraniana) “É quase um *fait-divers*, mas acho que é uma coisa interessante, uma situação que mostra também o mundo que se tornou a imigração em Portugal. Chegaram a haver 150 mil imigrantes e portanto já começava a haver serviços só para imigrantes (...) até discotecas que estavam a definhar e que viram ali um nicho de mercado, passando a ter um dj russo que alimentava a saudade dos imigrantes”.

A Visão de 14 de Julho faz capa com o dossier especial “As lições de Londres – o que a Europa terá de fazer para sobreviver ao terrorismo. “ A onda ‘Gato Fedorento’” e “Offshores – Bancos ‘dão a volta’ ao Governo” são as chamadas. “Filhos de uma pátria menor” (Portugal), reportagem de Alexandra Correia, surge a propósito das alterações à Lei da Nacionalidade. “São chamados imigrantes de segunda ou terceira geração. Falso. Nascidos e criados em solo luso, nunca imigraram para parte nenhuma. As leis dizem que Tchino e Silvino são cabo-verdianos, mas não conhecem Cabo Verde. David, brasileiro, ainda não respirou os ares do Brasil. E para Tânia Zhu Jie a China é tão longe...” lia-se no começo do artigo, após a entrada. O artigo enquadrava a alteração de jus sanguini para a introdução do jus soli – dando o

contexto dos casos de filhos de imigrantes que passariam a poder naturalizar-se, com uma infografia com números das naturalizações em Portugal e uma outra da legislação existente noutros países europeus e nos EUA. A propósito da criação desse artigo, Alexandra Correia refere: “Eu sou da secção da política, mas gosto destes temas que estão entre o político e o social. E então quando o Governo está a preparar uma lei nova, as minhas propostas é sempre com base em ir ao terreno, não é dar a notícia da lei, o que vai mudar... É mesmo encontrar... Encher a reportagem de histórias, de pessoas reais” (Correia, Julho de 2008). A jornalista refere que, a par da questão da nacionalidade, procurou mostrar a crise de identidade suscitada.

“Férias e boa mesa – os melhores roteiros gastronómicos” surge na capa de 21 de Julho, com as chamadas “Ponte Vasco da Gama – Lusoponte não cumpre regras de segurança”, “J. K. Rowling – Os segredos de Harry Potter”, “Economia – o império chinês em Portugal” e o destaque para a oferta do “Manual de bem conduzir”. “Negócios da China” (21 Julho, secção Economia) foi um artigo solicitado pela Economia à jornalista Patrícia Fonseca (da equipa da secção Sociedade), seis meses após o fim das barreiras comerciais à China. “Era um bocado para perceber o ponto da situação, se estava a haver um grande volume, de que forma estava a afectar o comércio português, depois há sempre aquelas queixas” (Fonseca, Março de 2008). Mais adiante a jornalista acrescentaria a esse propósito: “Na altura havia uma histeria assim grande nas coisas desse tipo: a ameaça chinesa. Vão controlar isto tudo, é impossível concorrer com eles”. O artigo procura amenizar os receios da concorrência chinesa, com a referência de um estudo do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais que indica que os empresários chineses também podem ser vistos como um “pólo de atracção de investimento na China”, nomeadamente através da criação de *joint-ventures* entre empresas chinesas e portuguesas. A foto de entrada é de Chen Jiang, com a legenda: “Um dos mais bem sucedidos empresários chineses em Portugal, proprietário do centro grossista de Porto Alto, com 3200 m<sup>2</sup>”. O mesmo empresário chinês já havia surgido no anterior artigo de Rosa Ruela, que lhe forneceu o contacto. Só bastante adiante no artigo é que os chineses são referidos como imigrantes.

A 13 de Outubro, numa altura em que os media dão grande destaque às imagens de inúmeros imigrantes africanos que morrem ao tentar chegar à costa espanhola em embarcações sobrelotadas, a Visão faz capa com “Viver e morrer às

portas da Europa”. “Escolas ‘chumbam’ na alimentação que dão às crianças”, “Autárquicas – o dia seguinte de Carmona e Rio”, “Retratos – os brasileiros que mudaram Portugal” e “Margarida Blasco – Entrevista à ex-directora do SIS” são as chamadas. O artigo “Os novos brasileiros” (Sociedade), referido em chamada de capa, surge por ocasião do encontro entre o primeiro-ministro, José Sócrates, e o Presidente Lula da Silva. “Manicures, empregados de restaurante, trabalhadores das obras – a segunda vaga de imigração brasileira diversificou a comunidade em Portugal”, diz a entrada do artigo de Rosa Ruela, que ao longo da reportagem fala da situação dos indocumentados, ouve académicos como Beatriz Padilla, refere que estes novos imigrantes brasileiros são percebidos pela opinião pública como pobres e sem instrução. Apresenta números da Casa do Brasil, com o apoio do Alto Comissariado, segundo o qual 22% trabalham na construção civil, 17% nos serviços domésticos e limpezas e 16% em restauração e hotelaria. Ruela diz que a ideia inicial era “retratar a comunidade cá. Com uma reportagem, com idas, nomeadamente a restaurantes na Costa da Caparica em que o ambiente é completamente brasileiro” (Ruela, Maio de 2008). Recorda que, após se ter documentado para o trabalho através dos contactos com académicos e com a casa do Brasil, foi à procura dos rostos para a sua reportagem. “Uma vez mais quis ter alguns tipos diferentes (de imigrantes). Quis ter uma pessoa da primeira vaga (não usei muito em termos de texto, porque ele não era muito interessante, era até um bocado racista com a segunda vaga, e estava-me a desviar do tema, não conseguia encaixá-lo bem) (...) Depois queria ter um que toda a gente identificasse como o brasileiro que tu conheces de todos os dias, que é o do restaurante, depois no cabeleireiro onde eu ia há muitas manicures e portanto sabia que era uma profissão que muitas mulheres tinham e depois queria coisas mais básicas como a construção civil e limpezas porque sabia que havia muitos também (...) Na cultura, o tipo da capoeira foi uma solução de recurso porque falhou-me o que eu tinha da música, da Casa do Brasil” (idem, ibidem).

“Lobo Antunes – As cartas de amor” é a capa de 10 de Novembro. As chamadas vão para “França – A explosão dos subúrbios – Pode a revolta chegar a Portugal? Opinião de Eduardo Lourenço”, “Inédito – Um conto infantil de Cunhal”, “Sociedade – Como vencer o stress”, “Presidenciais – Quem é quem nas comissões de honra” e o destaque para a oferta do mapa de Portugal Cultural. “Teste à tolerância”, com antetítulo “Imigração”, (secção Mundo) de Henrique Botequilha e

Sónia Sapage, repete na entrada a frase da capa “Pode a explosão social francesa repetir-se em Portugal?”, começando depois o artigo com “No último Dia de Portugal, o País foi sacudido pela notícia de um ‘arrastão’, na praia de Carcavelos”. O texto procura desmontar e relativizar o pseudo-acontecimento, mostrando que não se pode comparar com os fenómenos ocorridos em França. Para reforçar esta ideia, ouve o alto-comissário Rui Marques, um investigador dos Estudos Geográficos, um sociólogo e o dirigente do SOS Racismo.

#### **4.5. 2006 - Dos europeus, os estrangeiros que escapam à categoria, aos imigrantes inconformados e empreendedores**

“Cuidado com o crédito!” é o alerta da capa da Visão de 9 de Março. “Os homens que de facto influenciam Cavaco”, “Televisão – o novo visual dos Gato Fedorento”, “A incrível história de um ladrão de obras de arte” e “Especial – Nova Orleães a cidade adiada” são as chamadas. “Jovens, cultos e apaixonados”, (Sociedade) o artigo de Isabel Lacerda, refere na entrada: “O sol e a praia fixam cada vez mais estrangeiros em Portugal. São imigrantes de um novo género: não procuram melhores condições de trabalho, mas maior qualidade de vida”. O ângulo do artigo é justamente o facto de estes imigrantes saírem da ideia existente no senso comum de um imigrante, o que leva mesmo a jornalista considerar que se trata de um novo género. O artigo começa com o exemplo de uma austríaca, apresentando depois um inglês, uma japonesa, um espanhol e um francês.

Na edição seguinte, a 16 de Março, a capa vai para “Como se chega a Rei da banca”, com as chamadas “Saúde em Portugal – as receitas de dez médicos”, “Electrónica – Os brinquedos que vão mudar a sua vida este ano” e “Justiça – Os sem-terra da Cova da Moura”. Esta última chamada é referente ao artigo intitulado “Cova da Moura, parte II” (Sociedade), de J. Plácido Júnior, um dos vários publicados na Visão sobre aquele bairro, neste caso a propósito do usucapião reivindicado por alguns dos habitantes mais antigos, os da “vaga imigrante africana”, contra os mais recentes “imigrantes brasileiros e do Leste europeu”.

“O ‘milagre’ dos livros de auto-ajuda” é a capa de 4 de Maio, com as chamadas “Os ‘esquemas’ de corrupção em Portugal”, “Os filmes que aí vêm”, “O que vai mudar nas nossas reformas” e os destaques para a venda do primeiro dvd da série 24 e para a Visão Júnior. “SEF ‘expulsa’ 300” (Radar) é uma notícia sobre as

iminentes expulsões de brasileiros, relacionadas com uma legalização fraudulenta realizada por uma alegada rede que envolvia membros do próprio SEF.

A 15 de Junho, a capa é para o “Alerta Skin”, com as chamadas “Turismo – o último ataque ao litoral”, “Mundial – O Código Scolari” e “Rock português pais e filhos juntos ao vivo”. “Ganhar raízes” (Sociedade), uma reportagem de Rosa Ruela tem como entrada: “as comunidades ucraniana, chinesa e islâmica da Grande Lisboa têm escolas próprias. Para melhor preservar a língua, cultura e religião”. Na primeira foto surge uma menina numa carteira de escola, de véu e com o dedo no ar; mais adiante, fotos de meninos e uma professora da Escola Chinesa de Lisboa, um menino e a directora da Escola Ucraniana de Lisboa, e, por último, novamente raparigas do Colégio de Palmela com véu na cabeça, desta feita a jogarem matraquilhos. “Fiz muita força para que essa fotografia aparecesse nesse trabalho (...) era para mostrar a diferença, interessar o leitor que estaria curioso quanto à diferença, mas também para mostrar que eles não são assim tão diferentes de nós, pelo menos os miúdos não são (...) Era para mostrar que eram miúdas normais, que jogam matraquilhos, que até supostamente é um jogo de rapazes (...) um bocado para quebrar o estereótipo que é 'a menina devia estar quase a fazer renda com as amigas, porque coitadinha a religião dela não lhe permite outra coisa'. Eu gostava até que ela estivesse a jogar futebol, mas não apanhamos nenhuma aula de ginástica”. Ao mesmo tempo que refere essa tentativa de quebrar um retrato estereotipado do Outro, mostrando que “dentro das suas diferenças eles até eram parecidos connosco” (Ruela, Maio de 2008), a jornalista não se mostra totalmente tranquila quanto a essa opção, da procura de determinadas imagens específicas, como se tratando de uma demasiada intervenção sobre a realidade, próxima de uma manipulação que ultrapassa as fronteiras da isenção e objectividade jornalística.

Por outro lado, admite que, quando decidiu fazer um trabalho sobre as escolas destinadas a preservar a cultura dos imigrantes, optou por aquelas três pelo factor da atracção da diferença, que as torna jornalisticamente mais interessantes: “Eu ia fazer uma coisa sobre o Cervantes cá, ou sobre o Colégio luso-espanhol? Não ia. O Liceu Francês, as escolas americanas ou inglesas? Só se fosse um trabalho muito grande (...) É óbvio que o editor fotográfico cá queria uma menina de véu, é óbvio que queria um estereótipo, queria um menino de cabelo loiro muito branco num quadro e pronto o chinês tem os olhos em bico é fácil (...) Não querendo estar aqui a

desculpar-me, mas em termo de leitores tudo que é mais parecido connosco suscita menos dúvidas, mesmos curiosidade (...) Estes são os que os portugueses, eventualmente olhariam mais de lado (...) Eu tentei mostrar que dentro das suas diferenças até eram parecidos connosco” (idem, ibidem).

“A moda de ter casa no Brasil” é a capa de 24 de Agosto, com as chamadas “Gunter Grass: A entrevista polémica”, “Voos da CIA: Mapa das rotas suspeitas em Portugal”, “Beirute: A cidade que nunca morre” e “Assis Pereira: Confissões do ‘patrão’ do jogo”. “À espera da grande invasão” (Sociedade) é uma notícia sobre os receios e a estratégia do Governo português face a uma eventual onda de imigrantes africanos na costa portuguesa, à semelhança do que estava a acontecer (e a merecer grande destaque nos media) nas Canárias.

Na edição seguinte, de 31 de Agosto, a capa vai para o artigo da Time “A nova ciência dos irmãos – estudos revelam que os irmãos são quem mais nos influencia na vida”, com a chamada “Toda a história da falência pessoal de Cardoso e Cunha”. “Cultura imigrante” (secção Cultura) é um artigo de Susana Lopes Faustino que apresenta os eventos culturais do Fórum Imigração promovido pela Fundação Gulbenkian.

“Onde os políticos se tratam” é a capa de 5 de Outubro, com a chamada “Paixão por Portugal: Europeus ‘invadem’ interior” e os destaques para a oferta da colecção de saúde de Harvard “Saber comer melhor” e para a venda da Visão Júnior e de um cd dos Xutos & Pontapés. “I love Portugal” (Sociedade), o artigo da chamada de capa (de autoria de Patrícia Fonseca, com Joana Fillol e Joana Loureiro) sobre “os cidadãos da União Europeia que escolheram o nosso país para viver”, e que nunca são referidos como imigrantes. O termo surge apenas na legenda de uma infografia com dados do SEF que dá conta que o “número de europeus que imigram para o nosso país cresceu em todos os distritos nos últimos cinco anos”. Questionada sobre esse facto, Patrícia Fonseca (Março de 2008) parece só então se dar conta do mesmo, e refere que um dos factores que a levou a não lhes chamar imigrantes é os próprios não se encararem como tal. O artigo partiu de uma sugestão da direcção para se fazer um retrato de pessoas que tivessem escolhido vir viver para Portugal por se terem apaixonado pelo nosso país, e não por necessidade financeira.

“A vida alucinante de Durão” é a capa de 16 de Novembro, com as chamadas “Quanto pagamos mesmo de impostos”, “Ségolène: A hora das mulheres”

e os destaques para a oferta da revista *Visão Gourmet* e do 3º fascículo de imagens do foto-jornalista Sebastião Salgado. “Imigrantes os inconformados” (*Sociedade*), de Ricardo Fonseca com Mário David Campos, surge como uma reportagem em tom positivo, sobre “imigrantes ambiciosos e bem sucedidos” que no passado “trabalharam nas obras 16 horas por dia” e que “são mais empreendedores que os portugueses”. Começa com uma foto de um chinês, enquanto o texto abre com o caso de um brasileiro, surgindo também o exemplo de uma colombiana, um imigrante do Cazaquistão e outros da Ucrânia, referindo os diversos exemplos de negócios por eles montados. O empreendedorismo dos estrangeiros a residir em Portugal “que já representam 7% do PIB” é apresentado pelo comissário Rui Marques como argumento para a redução dos entraves legais.

#### **4.6. 2007 - Olhar para os que já cá estão, na altura em que se acentua o declínio no número de imigrantes**

“Mulheres vendidas – reportagem exclusiva – como as vítimas são enganadas, como operam as redes de tráfico sexual, como a escravatura do século XXI se instalou em Portugal” é a capa de 1 de Março, com as chamadas “Ana Moura – nova estrela do fado”, “Moçambique – nas cheias, com os desalojados”, “Os erros da Igreja – entrevista com D. José Policarpo” e os destaques para a oferta de filme em dvd e da Nova Sete. “As novas escravas” (*Sociedade*) de Henrique Botequilha e Isabel Marques da Silva, com Isabel Nery e Tiago Fernandes, é o único artigo que aborda a questão da imigração em Portugal e teve direito a capa. No entanto, o enquadramento é o do tráfico humano e da exploração sexual, apenas lateralmente surgindo o fenómeno associado à imigração, nomeadamente por declarações e dados de entidades oficiais. Durante a entrevista o próprio Henrique Botequilha começa por frisar espontaneamente esse aspecto. “Quero separar aqui o tráfico de pessoas, do assunto imigração. Não que eles não se relacionem, relacionam e muito, mas, do ponto de vista jornalístico o meu raciocínio não foi tanto por aí” (Botequilha, Julho de 2008). Recorda que o artigo representou um grande investimento e aposta da revista, tendo sido escolhido para o número que marcou o relançamento da *Visão* com um novo modelo gráfico, acompanhado por uma grande campanha de *marketing*. “Este texto, está incluído numa capa que vendeu mais de 200 mil exemplares, teve uma visibilidade louca” (idem, *ibidem*).

A dificuldade em conseguir que as organizações de combate ao tráfico de pessoas em Portugal facultassem o acesso às vítimas levou a que grande parte dos casos relatados no artigo tenham ocorrido em Espanha. Esses casos são depois relacionados com estudos como o Tráfico de Migrantes do ACIME que remetem para a realidade em Portugal. O artigo fala do contexto em que estas mulheres são exploradas e do modo em que operam as redes. “A vítima é também uma imigrante ilegal. Tem medo das redes e de ser expulsa do país”, refere o texto, após uma declaração de um jurista da APAV<sup>1</sup> que indica que mesmo que por vezes as vítimas saibam que se vão prostituir nos países para onde se deslocam, desconhecem que serão “agredidas, fechadas e roubadas”. Uma infografia apresenta em três mapas as principais zonas de onde são oriundas as mulheres traficadas para Portugal: Brasil, Europa de Leste e África, com as rotas mais habituais e as características das vítimas e dos traficantes.

Questionado sobre o motivo da escolha daquele artigo para capa, Botequilha responde: “É profundamente vendável este tema (embora essa não seja a minha especialidade, saber o que é vendável e o que não é). Basicamente, fui o autor do texto. Quem faz as capas são os directores. Tem um crime invulgar, invulgar do ponto de vista do conhecimento público, tem factos cá dentro, tem primeira pessoa, tem fotos, tem uma história que presumo estar bem contada e o tema é tão sórdido e potente que tem todas as condições para dar uma boa capa, como deu. A linha editorial da Visão alterna muito do geral para o particular e esta tinha as duas coisas: o panorama global e tinha histórias contadas na primeira pessoa, o que as humanizava. A partir desse instante temos a receita toda para uma história que se vende bem (...) de um tema que se sabe que entra”. Que se sabe que entra, porquê? “Não sei, é difícil perceber isso. É muito difícil entrar na cabeça das pessoas quando pensamos globalmente, já individualmente é o que é. Tem prostituição, tem tráfico, tem mulheres – as mulheres vendem mais do que os homens – isto é mesmo assim, friamente, é mesmo assim (...) tem um mau da fita. Agora, eu quando parto para esta história quero é contá-la bem. Depois, se aquilo vai vender bem ou não, não me diz tanto respeito... Que venda bem... espero que sim” (Botequilha, Julho de 2008).

“50 ideias simples para salvar o planeta” é a aposta da capa de 22 de Março, com as chamadas “Juros – qual a melhor taxa”, “Salazar está vivo?” e os

---

<sup>1</sup> Associação de Apoio à Vítima

destaques para a oferta de mais um filme em dvd e do Sete Especial Primavera. “Sociedade das Nações” (Sociedade), reportagem de Isabel Nery, mostra o exemplo de sucesso de integração de imigrantes nas escolas. “Integrar meio milhão de imigrantes é uma dor de cabeça? Para a escola António Sérgio tem sido um desafio. Vencido”, refere a entrada do artigo que mostra a diversidade de crianças existente na escola e o método que é usado para as integrar, que passa pela inter-ajuda, com tutores portugueses. “Não há gangs nem violência, ‘Tenho dois filhos nesta escola e nunca houve qualquer problema. Os melhores amigos dos meus filhos são africanos’, conta Fernanda Simões, 40 anos, há três presidente da Associação de Pais”.

Nery (Junho de 2008) recorda que lhe foi atribuído o artigo na sequência da visita do Presidente Cavaco Silva a uma escola que tinha levado vários canais a mostrarem a diversidade hoje existente nas escolas portuguesas. A ideia era “mostrar que no fundo o retrato de uma escola hoje é diferente de quando nós andávamos na escola. Se calhar, eu, no máximo, o mais parecido que tinha com imigração eram os colegas vindos das ex-colónias” (idem). A jornalista diz que ficou impressionada com os bons resultados escolares obtidos, especialmente pelos filhos de imigrantes do Leste europeu, e que viu aí uma oportunidade de desmistificar a ideia do “imigrante que só traz problemas”. Mais adiante na entrevista reforçaria essa ideia: “realmente é um tipo de imigração que veio possibilitar... dar outras perspectivas. Porque realmente o tipo de imigração que nós conhecíamos até esta vaga era de pessoas praticamente analfabetas, muito pobres (...) Não estou com isto a querer dizer que os que vêm de África são todos maus. O que eu acho é que o conjunto desses imigrantes permitiu criar uma certa perspectiva de superioridade/inferioridade, talvez até pela história das colónias, há uma série de coisas envolvidas nisto. De repente vêm uns senhores loiros, com tanta ou mais formação que a esmagadora maioria dos portugueses (...) Houve uma espécie de abertura mental que permitia que se falasse doutras coisas em relação à imigração. Estava ali uma porta aberta, vamos aproveitá-la (...) Por outro lado, há também uma perspectiva engraçada que é de alguma forma este tipo de imigração pode ser interpretado como um aumento de auto-estima dos portugueses” (idem).

Embora fora da amostra recolhida, vale a pena referir o artigo “O mundo dos ‘algarveans’”, (24 de Maio, secção Sociedade) que na sequência do destaque do caso “Maddie” foi espreitar o “mundo fechado” dos britânicos residentes no Algarve,

nunca referidos como imigrantes. Aliás, um dos autores, Francisco Galope (Julho de 2008), referiu só se ter dado conta que na verdade o são quando foi questionado sobre isso para esta tese.

“A nova lei da imigração”, “Natalidade: um desafio para o futuro” e “As migrações no mundo” três artigos de opinião, onde F. B. Duarte defendia as vantagens da abertura dos países à imigração. (publicados respectivamente a 14 e 19 de Junho e 6 de Setembro na secção Portugal)

A edição de 16 de Agosto tem como capa “Mediterrâneo – Férias com História”, com as chamadas “França – A misteriosa Cécilia Sarkozy”, “Cinema – o fenómeno Ratatui”, “Crimes de Verão – 3º conto – Luísa Costa Gomes” e os destaques para a venda de um livro e um jogo e um cupão de desconto para a exposição da World Press Photo. “Cascais de todas as cores” (Portugal) é um artigo de oito páginas de Alexandra Correia. A jornalista (Julho de 2008) diz que viu uma pequena notícia no site do Alto Comissariado para a Imigração que falava das 112 nacionalidades existentes no concelho de Cascais, e achou interessante fazer um artigo que mostrasse essa diversidade étnica e social. “Os ‘meninos da Linha’ não são apenas os Bernardos, os Diogos e os Manueis Marias, a quem os pais lhes oferecem topos de gama” refere o princípio do texto, a propósito do qual a jornalista comenta: “Impressionou-me o facto de haver tantas nacionalidades diferentes (...) depois atraiu-me o contraste que há em Cascais. E como se apresenta sempre uma imagem de imigração... os pobres, as barracas, o crime... é sempre uma imagem muito negativa (...) E realmente nós nunca pensamos em considerar um espanhol que cá viva como imigrante (...) É sempre os africanos, os de leste, os chineses...” (idem).

O artigo refere que a comunidade imigrante mais numerosa no concelho de Cascais é a brasileira: “Eles são empregados de comércio, os serviços, da restauração e domésticos, mas também patrões ou quadros técnicos”, falando depois numa primeira vaga de brasileiros “de áreas intelectuais, científicas ou investigadores” e da segunda vaga com menos qualificações escolares, apresentando depois exemplos dos dois casos. Segue-se um moldavo formado em Engenharia Física que trabalha nas obras. Mais uma vez é referida a discriminação mais acentuada em relação aos africanos, o que é ilustrado com a experiência de imigrantes guineenses, e os problemas de estigmatização de bairros como o do Fim do Mundo. Dentro das estruturas criadas pelos imigrantes, é destacado o caso dos ingleses que aparecem

também com uma forte presença, gerando “igrejas, escolas, lares de idoso, obras de caridade, clubes desportivos e de convívio”.

A edição de 20 de Setembro tem como capa “Ter 30 anos em Portugal”, com as chamadas “Casa Branca corrida das primeiras-damas”, “Mendes vs Menezes As histórias dos dois rivais” e “No ateliê de Paula Rego”. “Ucranianos dizem adeus a Portugal” (Radar) uma notícia de Emília Caetano baseada em dados do SEF, da Embaixada Ucraniana em Lisboa e num relatório da OCDE segundo o qual “já só resta metade desta que tem sido uma das maiores comunidades estrangeiras entre nós”. A notícia indica que partiram sobretudo os menos qualificados e que o declínio da imigração não acontece apenas no caso dos ucranianos, estando relacionado com o “lento crescimento da economia portuguesa” e que “agora vêm sobretudo os familiares dos que já cá estão”.

“Figuras de 2007” a capa de 20 de Dezembro é acompanhada pelas chamadas “Crime no Porto – por dentro dos superdragões”, “Low Cost – o que está a mudar na guerra dos aviões”, “Nuno Santos – o desafio de mudar a SIC” e o destaque para a oferta de um cartão para download de uma música de Natal. “Falhar na areia” (secção Sociedade), uma pequena reportagem de João Pacheco sobre a chegada de imigrantes marroquinos à costa algarvia, surge após se ter falado muito sobre a situação de Espanha e os receios de que a situação se possa estender a Portugal. O jornalista (Abril de 2008), que trabalha para a Visão como colaborador pago à peça, recorda que tinha acabado de regressar de férias quando recebeu o telefonema do editor da sociedade, Paulo Chitas, propondo-lhe que fosse naquele momento para o Algarve fazer o artigo sobre “o primeiro barco com imigrantes clandestinos que chegou ao Algarve” (idem). Apesar de se encontrar cansado, diz que acabou por aceitar porque percebeu que o assunto era importante. Porquê? “Porque é histórico, por ser o primeiro. Se aquilo acontecesse todas as semanas a Visão não mandaria lá ninguém. Tal como em Espanha, morrem pessoas todos os dias nos barcos e não se fazem reportagens sobre todas” (idem). O artigo acabaria por conter apenas citações de entidades oficiais, pois o jornalista refere que lhe foi vedado o acesso aos imigrantes (idem).

#### **4.7. 2008 - O pouco original racismo e a descoberta dos marroquinos iguais a nós**

“Guia para poupar – sem mudar o seu estilo de vida” surge como a capa de 17 de Janeiro, com as chamadas “Comportamento: Racistas, nós? Histórias de discriminação que nos envergonham”, “Entrevista – Alberto Costa – Não vivemos numa República de procuradores” e o destaque para “Sebastião Salgado - África Selvagem - 2º portfólio”. “Menos iguais do que os outros” (Sociedade), o artigo referido na chamada de capa, é uma reportagem de Luís Ribeiro que parte do caso de ciganos de Pombal que a autarquia realojou num bairro, vedando-lhes o acesso à zona dos edifícios vizinhos, apresentando depois o de outras vítimas de xenofobia como os sikhs, um casal guineense, um angolano e um cazaque. “A sociedade portuguesa tem fama de tolerante mas o racismo continua vivo entre nós. A Visão foi à procura das suas vítimas, os ‘cidadãos de segunda’ – pessoas humilhadas no emprego, discriminadas no acesso à habitação, feridas na sua dignidade. Racistas, nós?”, começa por questionar a entrada do artigo. Nas histórias que apresenta, a discriminação surge por parte de instituições oficiais, como a polícia, e de cidadãos vulgares. Entre os casos que já haviam merecido anteriormente destaque mediático, surge o do imigrante cazaque de ascendência russa que recebeu uma proposta de um homem que o queria contratar para assassinar a mulher. O mais insólito é que o homem supostamente não o conhecia; terá achado que seria um assassino profissional apenas devido à sua nacionalidade e ao estigma associado. No artigo Sergue Pryada, o imigrante cazaque exprime a sua estupefacção pelo sucedido, referindo que “a comunicação social tem uma grande responsabilidade na forma como os imigrantes são tratados”. O artigo integra uma curta entrevista ao Alto-Comissário para a Imigração e o Diálogo Intercultural, Rui Marques, intitulada “O racismo subtil é o pior”. Rui Marques diz que existem actualmente menos casos do que há umas décadas, mas com o aumento da imigração, que passou a representar pelo menos 5 por cento da população, são de esperar mais casos de xenofobia e racismo.

Luís Ribeiro (Abril de 2008) diz que a ideia para o artigo lhe surgiu por, durante vários trabalhos que fez sobre bairros problemáticos de Lisboa, se ter apercebido da enorme dificuldade que pessoas de ascendência africana têm em conseguir sequer uma entrevista de emprego. O racismo ainda existente e a reacção em cadeia que provoca levaram-no a procurar histórias de discriminação. Refere que uma das dificuldades em trazer para as revista artigos sobre a imigração é conseguir encontrar ângulos diferentes, que não tenham sido já apresentados na Visão ou em

outros órgãos de comunicação. “Se me perguntares, o racismo, parece menos original porque já foi tratado em todo o lado, o que há de original (neste artigo), ou se calhar não é original mas é interessante, estarmos no século XXI e continuarmos a ter casos que mais parecem do século XIX” (idem).

“Porque ficamos viciados” , de 14 de Fevereiro, é outra capa a partir de um artigo da Time, com as chamadas “Reportagem especial: A história dos Marroquinos expulsos de Portugal”, “Entrevista Luís Amado: ‘O Estado tem de ser reconfigurado’” e o destaque para a oferta de um dvd. “Os ‘náufragos’ da Culatra” (14 de Fevereiro, Mundo), artigo referido na capa, é uma reportagem de João Pacheco que surge na sequência de “Falhar na Areia”. Na altura, as autoridades tinham impedido o acesso aos imigrantes, e a Visão decidiu enviar o jornalista a Marrocos para contar a história deles. O editor da secção Sociedade, Paulo Chitas (Março de 2008), realça o facto da Visão ter sido a única publicação a enviar um repórter para cobrir o acontecimento que diz ter-se imposto pela sua “virulência mediática”: “... os marroquinos que embarcaram num barquinho de madeira e que atravessaram o Mediterrâneo e foram desaguar na costa algarvia (...) a forma como a informação foi sonogada aos órgãos de comunicação social portugueses, como aqueles homens e mulheres não tiveram a oportunidade de contar a sua versão da história (...) Depois porque achamos... Porque há um empenhamento político. Há uma visão da sociedade portuguesa na Visão, como há em todos os jornais acho eu, que justifica algum empenhamento político nas questões da imigração, porque são questões relacionadas com os direitos humanos, com os direitos fundamentais, que levantam questões de contornos humanos delicados que justificam do nosso ponto de vista tratar do assunto, porque consideramos ser um assunto de interesse público” (idem).

Sem revelar as suas identidades, o artigo refere estes indivíduos e o contexto que os leva a imigrar. O jornalista (Pacheco, Abril de 2008) diz que lhe foi solicitado que contasse a história deles, o que sentiram e passaram no barco, mas que optou por uma abordagem um pouco diferente. “Eu acho que não adiantava nada ao assunto estar a perder caracteres a explicar como é que as pessoas combatem o frio, como estão não sei quantas horas num barco sem ir à casa de banho. Esse tipo de detalhes mais humanitários (...) Se eu caísse na historiazinha esvaziava o significado histórico e político que aquilo teve (...) claro que na reportagem passam pequenas

histórias, mas o que me interessa é o todo. Que se perceba que aquele grupo, em primeiro lugar, não eram criminosos, e, em segundo, que têm o mesmo tipo de objectivos materiais que nós temos, nós portugueses” (idem, ibidem) . João Pacheco diz que procurou desfazer a imagem folclórica dominante: Quis “explicar que aquelas pessoas estão muito próximas de qualquer jovem que vejas aí em Portugal do que os portugueses estão à espera. Têm o mesmo tipo de desejos e o mesmo tipo de cultura, basicamente. E depois interessava-me perceber porque é que eles tinham vindo e não propriamente como é que eles tinham vindo. Isso para mim não é a grande história” (idem, ibidem).

Questionado se o seu ponto de partida foi essa percepção de que os leitores da Visão terão sobre o assunto, respondeu: “Sim, sim, claro. Eu quando escrevo num blogue dos ‘Precários Inflexíveis’ escrevo de uma forma, quando escrevo para a Visão escrevo de outra e quando escrevo um comunicado de imprensa escrevo de outra e estou a falar contigo ainda de outra forma. É óbvio que o leitor da Visão, em primeiro lugar, não tem obrigação nenhuma de estar minimamente interessado naquilo que eu lhe quero contar. Por isso o início tem de ser minimamente interessante. E em segundo, não tem obrigação nenhuma de ter alguma vez ouvido falar de imigração ilegal ou de saber que Marrocos não é um país cheio de terroristas da Al Qaeda...” (idem, ibidem).

“Semana de 65 horas – Condenados a trabalhar mais? – o impacto do novo código do trabalho nas nossas vidas” é a capa de 26 de Junho, com as chamadas “Espectáculo – o lado sério do Gato Ricardo”, “Verão ‘low cost’ – 25 ideias para gastar menos” e os destaques para a oferta do guia do Algarve e para a venda de um jogo para PC.

“Palavras de Esperança” (26 de Junho, Sociedade) é um artigo de Luís Ribeiro sobre a visita do Presidente ucraniano. A pretexto do encontro de Victor Iushchenko com imigrantes, refere a actual situação dos ucranianos em Portugal, cujo desemprego aumentou 2,7 vezes entre 2001 e 2006, segundo os dados da OCDE que apontam para que a taxa de desemprego entre os imigrantes de leste seja “agora de 8,3 por cento, enquanto a média nacional se fica pelos 7,6 por cento”. O artigo cita as palavras de incentivo de Iuschenko, que disse ter-se o primeiro-ministro português referido a este grupo como superior aos restantes imigrantes: “José Sócrates disse-me que os ucranianos são os mais talentosos dos imigrantes e que Portugal precisa

deles”, afirmação que surge num momento de êxodo dos ucranianos. Ainda de acordo com a OCDE, o artigo refere que restam apenas 41 872, após terem chegado a atingir os 150 mil, apontando a par da crise o facto da Ucrânia ir receber conjuntamente com a Polónia em 2012 o Campeonato Europeu de Futebol e necessitar de trabalhadores para a construção dos estádios e outras infra-estruturas como elemento que estaria a aumentar a saída de ucranianos.

“Como vamos sair da tempestade financeira” é a capa de 16 de Outubro, com as chamadas “Casa Pia – O que fazem hoje as vítimas”, “Entrevista – as convicções da ministra”, “Ministério – Afinal quem paga o Magalhães”, “À mesa com Miguel Esteves Cardoso” e “Grande reportagem: Transnistria, o último reduto da União Soviética”. “Imigrantes vindimados” (secção Sociedade) é uma reportagem de Patrícia Posse sobre a exploração de imigrantes romenos nas vindimas no Douro. “Sem contratos de trabalho, seguro de acidentes ou descontos para a Segurança Social. Assim se cortam algumas uvas no Douro”, refere a entrada, por baixo de uma foto de um homem loiro a segurar uma caixa de vindima com a legenda: “Quais direitos? Muitos romenos trabalham nas vinhas sem qualquer vínculo, vítimas de empreiteiros gananciosos”. O texto começa com a história dos imigrantes romenos transportados de madrugada para as vindimas em carrinhas sobrelotadas, e que trabalham sem ser pagos. Destaca depois a história de um deles, Hrid, aliciado pelo irmão a vir para Portugal, onde viveria em casas sobrelotadas e sem condições. Nunca tratou dos papeis para se legalizar. Trabalhou ilegalmente, foi despedido, e ameaçado pelo patrão com uma arma apontada à cabeça. À cunhada, o patrão disse que “só lhe pagava se namorasse com ele”. O artigo contextualiza a situação referindo que, para fazer face à falta de mão-de-obra no Douro, muitas quintas recorrem a empreiteiros agrícolas. O presidente da Câmara de Santa Marta de Penaguião refere que a situação de ilegalidade interessa a ambas os lados, “porque o trabalhador prefere não fazer descontos, para ganhar um pouco mais”, afirmando que apenas uma pequena parte se encontra legal.

É referido que a exploração de romenos ocorre também através dos seus conterrâneos que têm a sua situação pessoal legalizada, através de esquemas de subcontratação e subarrendamento de habitações.

“Presidente Obama – o mundo já começou a mudar” é a capa de 6 de Novembro, com as chamadas “Nacionalização – Os esquemas obscuros de Oliveira e

Costa no BPN” e “Sousa Tavares – As aventuras de Miguel sem medo” e o destaque “Grátis - Livro ‘Mares e Oceanos + um bilhete de criança para o zoo”. “Professoras do sexo” (secção Sociedade) é uma reportagem de José Mascarenhas sobre prostituição em apartamentos sobretudo de brasileiras. A entrada indica que na maioria são sul-americanas, mas só muito adiante é referido a sua emigração do Brasil para Portugal.

#### 4.8. Primeiras conclusões em torno dos artigos

Os artigos da Visão sobre imigrantes em Portugal surgem marcados pelo contexto específico do Estado-nação português, cuja estrutura institucional e normativa estabelece uma diferença entre os ‘de dentro’ (os cidadãos nacionais ou mesmo os estrangeiros que por serem do Espaço Schengen podem viver e trabalhar livremente em Portugal) e os ‘de fora’ (que necessitam de vistos).

Este é o quadro dentro do qual ocorrem os acontecimentos que a revista reporta, mas é também onde os artigos se irão mover. O Nós e o Outros vindo da supra-estrutura do Estado-nação tem uma correlação directa com a “comunidade imaginada” desenvolvida através do investimento emocional dos diferentes indivíduos, que fornece alicerces psíquicos de segurança e confiança, conferindo o sentimento de pertença a uma cultura comum, a uma identidade nacional, num processo em que padrões e conceitos são interiorizados na infância e por isso facilmente se tornam naturalizados, em certa medida até invisíveis, e onde, como refere Vale de Almeida (2004), os imigrantes, como minorias étnicas, surgem na condição de inferioridade ou mesmo de subalternidade,. Essa relação de poder está por trás dos factores que originam os artigos e moldará também a forma como eles serão desenvolvidos, uma vez que irão interagir com esses códigos comuns.

De 2000 para 2001, o número de imigrantes a residir legalmente em Portugal cresceu 68%, continuando a aumentar nos anos seguintes, com o crescimento acentuado dos imigrantes do Leste Europeu (em especial dos ucranianos, que durante um curto período chegariam mesmo a ser o maior grupo), mas também dos brasileiros, seguindo-se a diminuição da entrada de imigrantes e o êxodo de alguns, nomeadamente ucranianos.

Entre 2002 e 2008, a Visão abordou o assunto procurando dar a conhecer esses novos grupos e as mudanças estruturais que eles trouxeram, mas fê-lo jogando

com as percepções que atribui aos seus leitores, operando dentro da teia de relações de poder em causa.

A generalidade dos artigos procuram transmitir uma imagem positiva dos novos imigrantes, realçando o seu contributo para a melhoria da vida da generalidade dos portugueses e denunciando situações de discriminação e de injustiça de que são alvo.

Inúmeros artigos, em especial da secção Portugal, surgem na sequência de iniciativas institucionais, como é o caso de alterações legislativas, visitas presidenciais ou actos eleitorais, procurando abordar esses assuntos com reportagens que dão conta da difícil situação daqueles que são afectados por esse quadro. Os dados de organizações oficiais ou independentes, seja o ACIME ou a Gulbenkian, também estão por detrás de diversos artigos, ou, mesmo que os não tenham originado, são frequentemente utilizados para apresentar um quadro mais geral daquilo que aparece nas reportagens.

Dentro do formato *newsmagazine*, a Visão privilegia a reportagem, onde a estratégia frequente é os jornalistas escolherem determinados actores que surgem como o rosto de um grupo. A escolha é feita frequentemente em consonância com os dados de académicos e de entidades oficiais, mas também de acordo com a percepção dos jornalistas sobre esses grupos. Por vezes os artigos partem da visão dominante sobre o assunto, para depois a modificar após o contacto com o terreno, levando os leitores nessa viagem.

Há também diversos artigos que surgem devido à observação directa dos jornalistas, ocorrida durante a realização de reportagens que acabam por dar origem a outras, ou nas suas vivências quotidianas fora da actividade profissional, como se verifica na origem de “Os sem abrigo que vieram do frio”, que partiu da situação observada pela directora-adjunta, Cláudia Lobo, junto a sua casa.

Rosa Ruela referiria por seu lado (Maio de 2008) que o facto de ter morado perto da Avenida Almirante Reis a levou a ter ideias para diversos artigos, enquanto a situação de afastamento do seu quotidiano dessa realidade (pela mudança de casa, mas também por as instalações da Visão ficarem numa área empresarial isolada de localidades) tem o efeito oposto.

A propósito da sua reportagem sobre a nova realidade multicultural da escola António Sérgio, Isabel Nery (Junho de 2008) diz que a ideia inicial foi fazer

um retrato de uma escola de hoje, cuja multiculturalidade entra em contraste com a memória de “quando nós andávamos na escola”, onde “no máximo, o mais parecido que tinha com imigração eram os colegas vindos das ex-colónias”. A percepção do modo como o assunto será recebido pelos leitores é feita com recurso à perspectiva pessoal, à ligação do jornalista a essa cultura comum e aos estereótipos que nela circulam.

A jornalista (idem) ficou impressionada com os bons resultados escolares, em especial dos imigrantes de Leste, e viu ali uma oportunidade de desmistificar a ideia do “imigrante que só traz problemas”. Nery considera que a chegada dos imigrantes de Leste abriu uma “porta”, criou uma “espécie de abertura mental que permitia que se falasse doutras coisas em relação à imigração”, desmontar a perspectiva de “superioridade/inferioridade”. Ao mesmo tempo, que se mostra consciente de que há vários factores envolvidos (entre eles “a história das colónias”), a jornalista acredita que as características das anteriores vagas de imigrantes dos PALOP contribuíram para criar essa perspectiva, e que o novo tipo de imigração veio “aumentar a auto-estima dos portugueses” (idem).

Ao referir na entrevista a intenção de desmontar o estereótipo existente em relação ao imigrante, acaba por argumentar que essa possibilidade existia, porque ia no sentido de um outro estereótipo que ganhava então força entre os portugueses (logo, era uma ideia que estavam predispostos a aceitar), o da superioridade cultural dos de leste, em contraponto especialmente com os imigrantes dos PALOP ou mesmo do Brasil (o que, como vimos, não corresponde inteiramente aos factos, pois estes grupos também desempenham com frequência em Portugal funções inferiores às que tinham no seu país de origem e ao seu nível de qualificação). Apesar de saber que os estereótipos em causa correspondem a uma visão simplificada da realidade, a jornalista acaba em certa medida por aderir a eles no seu discurso, algo que evita contudo no artigo (que procura desmontar a associação dos africanos à violência e aos gangues) parecendo ter em conta que aí um entendimento flexível dos estereótipos facilmente desapareceria, aumentando a estigmatização dos africanos.

A relação com a hierarquização dos imigrantes no quadro do mundo lusófono, que recorre à lógica colonial referida por Igor Machado (2006), aparece em vários momentos na forma de valorização positiva das características dos novos imigrantes, embora o contraponto com as características dos restantes imigrantes não

surja explicitamente.

Por outro lado, em vários momentos é dado conta da existência de maiores preconceitos dos portugueses em relação aos africanos, no âmbito de reportagens sobre imigrantes de Leste ou brasileiros.

Estes dois ‘grupos’, sendo os que registaram o maior número de entradas e saídas no nosso país no período em análise, têm uma posição preponderante no número de artigos que lhes são dedicados. O factor novidade contribui para a sua maior presença, em especial no caso dos imigrantes de Leste, perante os quais havia uma maior curiosidade entre a generalidade dos portugueses. Em 2004, a Visão enviou mesmo um jornalista à Ucrânia, para uma reportagem destinada a dar a conhecer as famílias destes novos imigrantes. Posteriormente surgiram diversas reportagens sobre os “novos brasileiros”.

Os africanos, sem o factor novidade, tiveram muito menor presença. Obikwelu foi uma das excepções, mas, embora se mencionasse a sua relação com a imigração africana, surge não dentro do retrato de um grupo, mas antes como um perfil particular, o de uma história de sucesso. O artigo acentua a dramatização da sua história, “alguém que sentiu na pele o calvário que é ser imigrante africano na Europa” (algo muito presente no imaginário social da sociedade civil) mas que conseguiu tornar-se no “novo ídolo do atletismo português”.

“Crianças com três metros de altura”, outra reportagem sobre uma escola frequentada por filhos de imigrantes, elogia a riqueza cultural adjacente, apresentada como um fenómeno único “só possível entre nós”, fruto da “sensibilidade portuguesa (a que nos levou ao convivencialismo e não ao colonialismo)”. É, contudo, o único caso em que o discurso jornalístico da Visão adere directamente às ideias do lusotropicalismo, procurando jogar com a auto-estima dos portugueses, que apresenta como povo especial, supostamente tolerante e não racista.

Conforme começámos por assinalar, em linha com o conceito naturalizado no senso comum, regra geral os imigrantes com boas condições económicas não são enquadrados como imigrantes. É o que acontece em “O mundo dos ‘algarveans’”, sobre ingleses residentes no Algarve. O mesmo se verifica em “I love Portugal”, a reportagem sobre “os cidadãos da União Europeia que escolheram o nosso país para viver”, onde o termo imigrantes só aparece numa infografia com dados do SEF. No caso de “Jovens, cultos e apaixonados”, os estrangeiros que vêm viver para Portugal

“não em busca de melhores condições de trabalho, mas de melhores condições de vida” são enquadrados como “imigrantes de um novo género”. O facto de escaparem à categoria naturalizada, trazendo algo de novo em relação à percepção dominante, passa mesmo a ser um dos principais pontos de interesse do artigo, e o ângulo em que este é apresentado.

Embora num contexto diferente, também o artigo de Alexandra Correia “Cascais de todas as cores” procura jogar com o inesperado de apresentar uma realidade que contradiz a percepção dominante (que “os meninos da linha” afinal não são apenas os “Bernardos, os Diogos e os Manueis Marias”), com um surpreendente leque de imigrantes de nacionalidades diferentes, com situações económicas e sociais muito diversas, alguns dos quais muito longe da situação de inferioridade associada à imigração.

O perfil dos jornalistas, a sua sensibilidade e as suas convicções, influem nas sugestões de artigos e no modo como estes são desenvolvidos. Nery (Junho de 2008) referirá que a ideia para o artigo “Retalhos da vida de um médico” lhe surgiu por conjugar duas áreas sobre as quais gosta de trabalhar (saúde e imigração) e ao mesmo tempo pelo facto de o prestígio da Gulbenkian poder ser utilizado numa valorização positiva dos imigrantes.

Na sequência das mudanças em curso da Lei da Nacionalidade, Alexandra Correia procura na reportagem “Filhos de uma pátria menor” evidenciar que, apesar de não serem legalmente reconhecidos como tal, na verdade os indivíduos em causa não são imigrantes: “São chamados imigrantes de segunda ou terceira geração. Falso. Nascidos em solo luso, nunca imigraram para parte nenhuma”.

Correia (Julho de 2008) referiu a sua proximidade com os imigrantes como um “banho de realidade” que acaba por se reflectir no seu trabalho. No caso de Luís Ribeiro, a proximidade, nomeadamente com os ucranianos, surgiu em sequência dos trabalhos desenvolvidos para a Visão, que acabariam por dar origem a outros, como frequentemente acontece.

Rosa Ruela (Maio de 2008) disse que fez questão de escolher uma foto das meninas de véu islâmico a jogarem matraquilhos para criar um choque entre o que é diferente, exótico, e o que nos é extremamente familiar. Procurando jogar com as primeiras impressões que o artigo iria provocar nos leitores, remete para os estereótipos disponíveis, neste caso mais uma vez mais com a estratégia de cruzar

vários estereótipos e fazê-los entrar em choque, no sentido de alterar a percepção dos conceitos naturalizados inerentes nas imagens. Estas são utilizadas para captar à partida a atenção do leitor. A jornalista referiu ter procurado o efeito da atracção pela diferença, o que a levou a escolher para actores do seu artigo aqueles “que os portugueses, eventualmente, olhariam mais de lado”, ou seja um Outro marcadamente distinto do Nós.

Em relação ao artigo “Os nossos brasileiros”, a preocupação de Ruela foi que alguns dos retratados fossem ao encontro do estereótipo, que fossem facilmente identificados como “o brasileiro que tu conhecesses de todos os dias”. Em ambos os casos a estratégia da jornalista passou pelo facto de o primeiro contacto, o julgamento rápido dos leitores, ser feito com os estereótipos disponíveis.

A tentativa de jogar com a suposta percepção dos leitores é marcada pela diferente sensibilidade de cada jornalista, dando azo a que ocorram processos de transferência dos estereótipos interiorizados, uma projecção que também se verifica quando estes tentam ir ao encontro do que é pretendido pelos seus editores.

A periodicidade semanal e a opção de acompanhar os assuntos que estão a marcar a ‘actualidade’, leva a que os artigos da Visão se debrucem sobre assuntos já bastante abordados pelo outros media, criando a necessidade de encontrar outras perspectivas que forneçam aos seus leitores algo de novo. Este factor, cruzado com a postura e a sua identidade associada à tolerância a à defesa dos direitos humanos, faz com que frequentemente procure desmontar pânico morais, como se verifica em “Negócios da China” ou em “Pode a explosão francesa repetir-se em Portugal?”, que publicado na sequência dos distúrbios ocorridos em França e do destaque do ‘arrastão’ de Carcavelos (ambos com características próximas dos eventos mediáticos atrás referidos). O caso gerou uma onda de notícias e atenção sobre essas comunidades entre a generalidade dos media. Pouco tempo depois, surgiria na Visão “Cova da Moura II”, sobre o litígio entre vários grupos de imigrantes residentes naquele bairro.

Após o grande impacto e a dramaticidade que tiveram as imagens mediáticas de imigrantes africanos que continuamente chegavam à costa das Canárias em condições infra-humanas, a Visão prestou grande atenção ao caso de marroquinos que foram dar à costa Algarvia, enviando mesmo posteriormente dois repórteres a Marrocos para dar seguimento à cobertura do assunto.

Ao longo do período analisado, verifica-se uma diminuição dos artigos sobre a imigração em Portugal, o que se deve em parte à diminuição da entrada de imigrantes no país. Mas apesar do decréscimo, no período em questão o número continuou ainda a aumentar, pelo que a diminuição dos artigos estará mais ligada à perda do factor novidade junto da generalidade dos media. Como constatámos, a Visão procura cruzar as suas histórias com o que está a marcar a actualidade, o que condiciona fortemente a sua agenda.

Como se pode constatar pelas capas, prevalecem as histórias de sucesso, artigos utilitários de lazer, assuntos que tenham uma implicação directa nas vidas dos leitores ou os que dominaram a actualidade. De modo geral, os artigos sobre imigrantes em Portugal não se enquadram nessas características, e como tal têm reduzido destaque.

Mesmo quando se lhes dedica mais espaço, é raro esse tipo de assuntos ter grande destaque. O único artigo que abordava o assunto imigração em Portugal que deu capa foi o artigo “Mulheres vendidas” que surgia dentro da óptica do crime.

## **5. A REDACÇÃO DA VISÃO**

Para a sua produção semanal, a Visão conta com uma equipa de 66 jornalistas, entre os quais 4 directores, 11 editores, 4 fotógrafos e 8 correspondentes do estrangeiro. A este número somam-se ainda diversos colaboradores, alguns numa base regular, outros mais pontual. O site da Visão também é criado por elementos desta equipa. Contudo, não é contudo abrangido nesta tese por se tratar de uma plataforma bastante distinta da revista, que durante o período em análise ainda é largamente elaborada com notícias da agência Lusa (à semelhança do que acontece na generalidade dos sites jornalísticos nacionais).

Situada no edifício da zona de Paço de Arcos, onde se encontram todas as outras publicações do grupo Impresa (exceptuando a SIC), a redacção da Visão funciona em *open space*, com a distribuição dos jornalistas organizada em torno das diferentes secções da revista. (Existe ainda a delegação do Porto com bastante menor dimensão e que por isso a dinâmica de funcionamento não é centrada nesta lógica de diferentes secções.) Além dos jornalistas, encontram-se, nesse mesmo piso os gráficos e infográficos, enquanto a gerência e os departamentos de marketing e publicidade se situam noutras zonas do edifício.

A actual direcção, nomeada pela administração da empresa, é composta pelo director Pedro Camacho e pelos directores-adjuntos Áurea Sampaio, Cláudia Lobo e Rui Tavares, os quais têm distribuídas entre si as diferentes secções. Existe ainda o gabinete editorial com três editores. O funcionamento de cada secção é coordenado entre o director-adjunto e o respectivo editor. Além dos editores, existem 3 editores-adjuntos, que rotativamente são responsáveis pelo fecho de cada edição.

Três jornalistas destacam-se na produção de artigos nesta área: Alexandra Correia (a quem foi atribuída a cobertura do tema imigração na secção Portugal), com 7; Luís Ribeiro (da secção Sociedade), com 6; Rosa Ruela (designada para acompanhar o tema imigração na secção Sociedade), com 5. Depois surge Henrique Botequilha (Sociedade), com 4, Patrícia Fonseca e Isabel Nery, com 3, João Pacheco, Francisco Galope, Tiago Fernandes, Miguel Judas e Paula Serra com 2. 22 jornalistas participaram em apenas um artigo.



Fotografia de Bruno Rascão/Visão

A equipa da Visão em 2005, ainda com Céciles Monteiro como director

Apesar de a redacção funcionar com uma lógica de distribuição dos jornalistas por secções, dentro das quais são atribuídas algumas áreas temáticas aos diferentes jornalistas, essa distribuição está longe de ser fixa, variando segundo diversas circunstâncias, entre elas os interesses de cada jornalista e a sua proximidade com determinado assunto em determinado momento.

A maioria dos jornalistas tem entre os vinte e os quarenta anos. A média de idades sobe e ultrapassa muitas vezes essa idade no caso dos elementos da direcção, que ascenderam a esse lugar em geral após terem começado como jornalistas redactores. A maioria dos entrevistados tem formação na área das Ciências Humanas, não apenas no curso de Comunicação Social, mas também de História, Filosofia, Relações Internacionais ou Literatura.

O trabalho de campo, foi baseado na redacção de Paço de Arcos e por isso a generalidade dos entrevistados reside na área da Grande Lisboa, embora muitos sejam oriundos de outras áreas do país.

A Visão é publicada às quintas-feiras. O fecho de edição ocorre com dois dias de antecedência. Às quartas-feiras têm lugar as reuniões para preparação da edição seguinte.

### **5.1. As reuniões**

Na reunião de editores, é feita uma coordenação dos trabalhos em curso nas diferentes secções. É o momento onde se procura estabelecer uma ligação entre os diferentes espaços da revista, no sentido que esta siga determinada linha editorial, pensada estrategicamente em relação aos assuntos que estão a marcar as agendas da generalidade dos media.

Ali é discutido qual será o tema de capa. Quais serão as apostas, os assuntos que é pertinente acompanhar e aqueles a que se deve dar menos espaço ou deixar de lado.

Começa por ser distribuído o plano da edição que se está a preparar, com o número de páginas e apresentação dos temas de abertura, assim como os restantes trabalhos previstos para as diferentes secções, descritos pelos respectivos editores em breves linhas: do que se trata, o contexto e o que o torna pertinente e interessante para publicação, factores que normalmente corresponderão ao ângulo específico com que

o assunto será apresentado no artigo. É também apresentada uma lista mais genérica, dos trabalhos previstos para esse mês nas diferentes secções.

Em geral, há demasiados assuntos para o espaço disponível em cada edição, pelo que directores e editores têm de fazer uma escolha do que será publicado nessa semana, o que ficará de fora e que espaço será reservado para cada secção e para os diferentes artigos.

É dada especial atenção aos números de vendas das anteriores edições e a que capas parecem ter resultado melhor ou pior. Esse dado surge aliás como o mais importante indicador dos interesses dos leitores da Visão, e é apresentado frequentemente também nas reuniões de secção.

Como atrás referi, apenas me foi permitido assistir a uma reunião de editores. Estavam presentes onze pessoas, entre directores, editores e elementos do conselho editorial. Nessa reunião, o factor exclusividade de uma entrevista ao director de programas da SIC, Nuno Santos, assim como a hipótese de ser a primeira publicação a avançar com um artigo sobre as mudanças na estação, fez com que o assunto se tornasse prioritário, do mesmo modo que foi criticado o espaço excessivo concedido a uma entrevista com um músico que havia dado entrevistas a outras publicações.

Para além de os editores terem feito uma apresentação dos temas que tinham em curso, receberam diversas indicações de temas a que deviam estar atentos. Foram também sugeridos novos assuntos, assim como o ângulo e secção que os deveria acompanhar.

Foi-me referido que actualmente as reuniões de editores são mais curtas e pragmáticas do que noutros tempos, com menos lugar para a discussão e surgimento de novas ideias.

Grande parte das ideias para artigos começam por ser apresentadas nas reuniões de secção (no caso de secções de pequena dimensão, o processo resume-se por vezes a conversas entre o editor e os jornalistas). “O que nós tentamos é que as ideias surjam nas reuniões das várias editorias, independentemente de nós também podermos ter ideias. Pretende-se que as ideias sejam discutidas. Da parte das editorias tem que haver esse trabalho, para quando nos chegarem a nós já estarem mais ou menos trabalhadas. Depois, dar um ângulo ou modificar o ângulo, ou achar que aquilo não é só uma ideia de Sociedade, de Economia ou de Portugal, tem que ser

misturada e ter as várias editoriais a trabalhar naquilo”, explica o director adjunto, Tavares Guedes (Novembro de 2008).

“Essa discussão parte de cada secção.... e depois o editor discute com o director da área responsável, no meu caso Sociedade, Mundo e Visão Sete. Discute se vale a pena ou não apostar nisto. Às vezes há ideias que uma pessoa pode achar que são de uma página e chegamos à conclusão que devemos é trabalhá-la para ser a abertura, uma capa, numa edição mais tarde” (idem, ibidem).

Tradicionalmente uma das secções com maior destaque dentro da linha editorial da Visão, a Sociedade conta com doze jornalistas, mais três numa base de colaboração eventual, enquanto a secção Portugal conta com oito. À semelhança do formato da reunião de editores, também nas de secção os diferentes elementos – no caso jornalistas redactores – vão apresentando sucessivamente as suas propostas para novos artigos e os trabalhos em curso. Apresentação que dá azo a discussões entre diferentes elementos.

Como atrás já foi referido, os artigos sobre a Imigração em Portugal surgem na Visão apenas ocasionalmente, e em 2008 verificou-se a sua diminuição. Em conversas ocasionais ou durante as entrevistas, várias vezes me foi referido que, ao contrário do que pretendia para o meu trabalho, não iria encontrar uma linha editorial específica em relação a artigos sobre imigração em Portugal, no sentido de ‘agora vamos publicar mais temas sobre esse assunto...’, e que esta é determinada por outros factores não directamente ligados à imigração. Mas o que eu pretendia era justamente observar o modo como o tema se insere dentro de lógicas editoriais mais gerais.

A presença nestas reuniões, em especial da secção Sociedade, da discussão e do *brainstorming*, do qual surgem muitas ideias para a criação de novos artigos, foi essencial no meu trabalho, permitindo-me ter outra perspectiva de um processo com o qual já estava muito familiarizado.

Chegou acontecer sair de uma reunião da Visão para em seguida entrar numa reunião do meu jornal, o que, embora tratando-se de secções diferentes (no Expresso era a Cultura), fez sobressair a dualidade de papéis em que me encontrava: num caso como académico exterior à instituição, embora ligado inevitavelmente à lógica jornalística, no outro como elemento de uma equipa cujos membros conhecia há bastante mais tempo e com os quais tinha outro tipo de relação, o que permitia ter

consciência de um tipo de dados que na Visão não me eram tão perceptíveis. Se na Visão estava especialmente atento ao modo como as sugestões surgiam, como eram moldadas ou não, no Expresso estava mais consciente da teia de relações pessoais e profissionais ali existentes.

Durante as reuniões a que assisti, foram apresentadas na Sociedade três propostas de artigos relacionados com a imigração em Portugal, e uma na secção Portugal (para além de ter sido aí referida a questão das políticas mais restritivas da União Europeia em relação à imigração). Nenhuma delas chegaria a concretizar-se. Não é de excluir que a minha presença possa ter contribuído para suscitar o tema – por o lembrar, e por eu ser eventualmente encarado pelos jornalistas que o sugeriram como um factor que favoreceria a aprovação pelo editor.

Na dinâmica das reuniões de secção, os jornalistas tentam persuadir os seus editores a ‘comprar’ as ideias. Independentemente de serem efectivos ou pagos à peça, o objectivo é conseguir que o artigo seja aprovado, de preferência com o maior tamanho e destaque possíveis, o que conferirá aos seus autores um eventual reconhecimento e progressão na carreira. Para tal, têm de ser persuasivos a respeito da importância do assunto.

Isto não exclui que, em alguns casos, os próprios jornalistas comecem por apresentar determinado tipo de assunto como sendo de importância relativa, não merecendo grande destaque. A propósito de um estudo que estava a ser divulgado, Isabel Nery sugeriu um artigo sobre “o mito dos imigrantes relacionado com a violência, com a criminalidade”. A jornalista justificava a apresentação genérica da ideia com o ângulo ainda pouco preciso, por ainda não ter tido tempo para estudar melhor os dados, mas que “quanto mais não seja dava uma micro (notícia breve)”.

A direcção e os editores escolhem os jornalistas pelas suas capacidades e características, entre as quais os seus interesses e convicções pessoais, que os tornam mais aptos para determinados tipos de assunto.

O facto de serem colocados em determinada área que passam a acompanhar, confere uma semi-especialização (a especialização é frequentemente encarada no jornalismo como algo negativo, como levando a que se passe facilmente a falar para especialistas e a perder a capacidade de se colocar na perspectiva da generalidade do público). A teia de relações, o contacto com fontes habituais, a observação que estabeleceram para determinado artigo, começam depois a fornecer

ideias para artigos posteriores.

Muitas das sugestões apresentadas partem de artigos de outros órgãos de comunicação, o que acontece ainda mais com os jornalistas mais jovens (no caso da secção Portugal, este factor tem um pouco menos de peso por estar mais ligado à actividade política e institucional, mas mesmo aí também está bastante presente). Os artigos de publicações estrangeiras podem dar origem a artigos na Visão ou como exemplos de ideias ou fornecer ideias transponíveis para a realidade nacional. Os artigos publicados nos media portugueses surgem como uma indicação do que está a marcar a actualidade e que importa por isso abordar, sem no entanto repetir o que já foi feito noutra lado.

O tipo de publicação que é a Visão - a periodicidade semanal, com o fecho antecipado de dois dias antes de ir para as bancas - aumenta a necessidade de antecipar tendências, descobrir novos assuntos ou, o que acontece mais frequentemente, pegar em acontecimentos que estão a marcar a actualidade noticiosa e apresentá-los de uma forma mais contextualizada, que traga dados novos ou dê ao assunto um ângulo inédito.

O ângulo que pretendem apresentar na sua história, aquilo que lhe irá conferir a sua perspectiva específica, de preferência 'única', é algo que se procura logo desde o início da formulação da ideia e que irá ser questionado no processo de apresentação com o editor e direcção. A novidade surge como o factor central para o interesse do artigo, mas tem de ter algo mais que supostamente desperte a curiosidade do leitor.

Muitas das ideias apresentadas acabam por não ser aceites, algumas são transformadas em pequenos artigos, outras ficam a borbulhar durante longos períodos, até acabarem por ser aceites e concretizadas, muitas vezes quando o assunto se cruza com algum tema que surgiu na actualidade e se pensa ser pertinente apresentá-lo naquela altura.

O potencial de um artigo é medido pelo interesse que se prevê suscitar no leitor. O facto de o tema causar polémica, despertar curiosidade, acender a discussão durante a reunião, joga facilmente a seu favor. O processo implica um jogo de projecção e alternância entre diversas identidades e papéis. Os jornalistas, por um lado têm uma maior proximidade e conhecimento dos assuntos que tratam do que a generalidade dos leitores. São produtores dos artigos, e como tal estão numa posição

diferente. Mas por outro lado, partilham da mesma cultura e papéis, em múltiplas dimensões: como pais, filhos, adeptos de determinado tipo de *hobby*, sujeitos de uma condição laboral precária ou efectiva... E fazem uso recorrente destas suas dimensões culturais e identitárias, na tentativa de se colocarem na situação dos leitores, muitas vezes conscientes da dificuldade que isso representa.

Pegando numa ideia apresentada anteriormente pelo editor-adjunto João Plácido Júnior sobre “como é crescer em Portugal”, João Luz sugeriu um artigo sobre “como é ser um adolescente chinês, paquistanês, ucraniano (em Portugal). Como vêm a juventude em Portugal, como se cresce cá sendo de uma cultura completamente diferente”. O ângulo apresentado deu lugar a troca de argumentos entre vários jornalistas, com Rosa Ruela a considerar que na verdade não há assim tantas diferenças, e que perspectiva de João Luz se devia à falta de contacto com os jovens em questão, ao estar fechado dentro da “sua bolha”.

Este jogo de alternância, o situar-se dentro e fora da perspectiva dos diferentes actores envolvidos – os protagonistas dos artigos, os seus públicos, o próprio jornalista, mas também os outros jornalistas - dá aliás azo a inúmeros momentos de ironia em torno dos preconceitos e estigmas inerentes à discussão, conscientes de que os seus artigos vão mover-se dentro desses factores. Frequentemente a ironia surge também em torno do papel redutor dos media neste processo, muitas vezes em relação aos media mais populares, outras também em autocrítica.

O contacto directo, em especial durante os trabalhos de reportagem, confere aos jornalistas uma proximidade com os actores dos seus artigos. Isso acontece menos com editores e directores, os quais no entanto fazem uso da experiência adquirida ao longo da sua carreira, nas fases em que se dedicavam mais à reportagem. Ao mesmo tempo, procuram fazer a ponte entre a história particular e o contexto mais geral em que será apresentada, num cenário de excesso de informação, em que as histórias terão que ter pontes suficientemente fortes para com os leitores de modo a conseguirem quebrar a barreira da indiferença.

“Já fizemos algumas coisa sobre casais multiculturais? A minha ideia era - embora agora a imigração esteja em baixa – ver as relações que foram sendo estabelecidas, pormenores, há coisas muito engraçadas...”. Foi deste modo que Luís Ribeiro apresentou a ideia que acabou por não ser concretizada.

Durante uma reunião da secção Portugal, Tiago Fernandes propôs um artigo acerca de o INEM estar a recrutar médicos no Uruguai, após ter utilizado médicos espanhóis. Uma história cujo ângulo seria qualquer coisa como “United Colours dos Médicos”. O jornalista referiu que a ideia não seria fazer uma coisa muito institucional. Uma colega acrescentou ser interessante se pudessem enquadrar a história com números gerais, outro referiu o interesse pela curiosidade de “ir buscar médicos ao fim do mundo” e por o Uruguai ter grandes laços culturais com Portugal. O facto de poder causar surpresa junto dos leitores, especialmente por ser acompanhado por um dado que lhe conferiria uma inesperada proximidade, surge aqui como parte do potencial da história. Apesar de o lado institucional fazer parte da génese da secção, há uma contínua tentativa de encontrar abordagens que fujam a essa perspectiva.

A propósito da disputa para a liderança do PSD, os jornalistas comentavam que se vencesse determinado candidato valeria a pena abrir a secção com o assunto, por ser mais apelativo aos leitores, o que já não acontecia com os restantes, embora considerassem que estes pudessem ter projectos políticos mais fortes. Outra sugestão apresentada nessa reunião: os motoristas do poder – histórias de motoristas que trabalharam para inúmeros líderes – apresentada como o tipo de história “para ler na praia”.

Por ocasião do pedido de sugestões para artigos de Verão, o editor da Sociedade elogiou o trabalho feito no ano anterior, em que conseguiram arranjar uma série de temas “leves”, de acordo com o que pretendiam para o género de leitura descontraída de quem está de férias, mas sem ser *silly*.

O alinhamento editorial da Visão parece andar em torno dessa linha de compromisso. É uma *newsmagazine*, logo ter uma leitura mais ligeira (factor que tende a acentuar-se face à tendência generalizada da generalidade dos media), muitas vezes um *digest* dos acontecimentos da semana. Mas, sendo uma publicação de referência, a identidade não se deve aproximar dos tablóides e revistas mais populares.

Durante uma das reuniões da sociedade, o editor referiu a ideia de fazerem um artigo com uma lista das piores escolas do país. A ideia gerou polémica e contestação por parte de alguns, que consideraram ser um “ângulo perigoso”, pois iria aumentar o estigma em torno dessas escolas, com outros a defenderem que seria

importante para a denúncia da situação.

Para além das reuniões, a coordenação dos trabalhos em curso decorre também em diversas conversas paralelas entre os jornalistas e o respectivo editor, entre os editores e os directores, e entre os editores e a equipa gráfica, cuja importância é determinante e cada vez maior, com as sucessivas remodelações gráficas e a utilização crescente de infografias e outros meios técnicos.

Os jornalistas apresentam os assuntos conscientes de que possuem algum poder de intervenção sobre a opinião pública, e a sua posição ideológica está presente nas decisões sobre os artigos que fazem ou não.

A tentativa de perceber os interesses dos leitores surge também no campo cruzado das relações entre os jornalistas e os editores e restantes superiores hierárquicos. Os jornalistas tentam perceber qual a ideia dominante em relação a esse assunto, de que modo devem apresentar as suas propostas para terem maior probabilidade de serem aceites.

Os trabalhos são depois desenvolvidos em parceria com os fotógrafos destacados para os diversos trabalhos. Ao contrário do que acontece com os jornalistas redactores, os fotógrafos não têm distribuição por áreas. O editor de fotografia Gonçalo Rosa da Silva diz que se tenta que seja o mesmo a acompanhar cada trabalho do principio ao fim, e que idealmente quando parte para o terreno já deve ter algumas directrizes sobre o que é pretendido, o ângulo, o tipo de artigo (reportagem, perfil...), a secção e o espaço que deverá ocupar. “Idealmente é sempre discutido primeiro, para depois não haver surpresas” (Rosa da Silva, Março de 2009) refere.

Das imagens captadas é feita uma primeira selecção por parte do editor e do fotografo, quer de fotografias para o artigo em questão, como para as que irão para o arquivo. É a partir daí que editores e jornalistas autores dos artigos em questão seleccionam o que irá ser publicado. O fotografo Luís Barra (Janeiro de 2009) realçou por seu lado o trabalho em equipa quando estão fora em reportagem, do contacto com as fontes, da ultrapassagem de eventuais dificuldades, assim como na percepção do que observam.

## 5.2. A perspectiva dos jornalistas, dos directores, dos editores e dos redactores

Em 2001, falando a propósito do êxito da Visão em entrevista à revista Media XXI (citada no artigo “Nascimento e ascensão das *Newsmagazines*”), o

director Cáceres Monteiro enumerava os três objectivos com que eram criadas as capas da revista: “Em primeiro lugar, reforçar a marca da revista, pois a capa tem de estar de acordo com o espírito da publicação. Em segundo, vender a revista. Por último, informar ou divertir o leitor, pois a capa pode ilustrar um tema tanto sério como mais leve”. Cáceres referia também que apesar da Visão apostar em capas com temas internacionais, eles só resultam quando estão ligados “à actualidade, à emoção ou ao drama”; o mesmo se aplica à “Economia ou às tricas políticas” que para resultarem necessitam de estar ligadas ‘a personalidades ou fórmulas de sucesso’”.

Questionado sobre avaliação que faz do modo como têm acompanhado o assunto imigração, o actual director, Pedro Camacho (Março de 2008), considerou que o têm “tratado de forma equilibrada, atendendo ao tipo de revista que somos, ao espaço que temos e à variedade enorme de assuntos que tratamos”, de forma “razoável dentro dos nossos condicionalismos”. Camacho considera que “o leitor português não se interessa muito pelo tema, porque não é urgente na sociedade portuguesa” (idem). “Tem picos. De vez em quando aparecem crises, que tornam o assunto mais falado” mas, regra geral, está “secundarizado” (idem).

Paulo Pena (Março de 2008) que entrou para a Visão em 1999 e é editor da secção Portugal desde 2007 considera que apesar de a imigração ser sempre um assunto com interesse “por várias razões sociológicas do país”, conheceu um pico em 2002 e 2003 pelo facto de por essa altura ter mudado muito em Portugal, com o surgimento de “imigrantes com qualificações acima da média nacional, vindos de sítios onde não era habitual” e que isso “provocou alguma curiosidade nas pessoas”, curiosidade essa que entretanto se tem vindo a esbater, nomeadamente pela saída de muitos imigrantes de Leste.

Pena (idem) diz que procuram também interessar pela leitura desses temas os próprios imigrantes que sabem ler português, referindo a esse propósito os imigrantes brasileiros. Apesar de não ter dados sobre o surgimento de um número significativo de leitores brasileiros, refere que pouco tempo antes uma edição com uma capa sobre o Brasil teve um pico de vendas, o que acredita ser um indicador nesse sentido, pois não é comum acontecer com uma capa de um tema internacional.

Paulo Chitas (Março de 2008) editor da Sociedade desde 2005 (função que já tinha desempenhado entre 1999 e o ano 2000), acredita que o tema “tem mais eco junto dos jornalistas (da Visão) do que do público em geral. O microcosmos da

redacção da Visão é muito mais sensível às questões da imigração do que a sociedade portuguesa. Aí, eu acabo por funcionar como um freio a algumas sugestões dos jornalistas. Que por causa das suas convicções políticas, ideológicas ou de outra natureza qualquer, acho que dão ao assunto uma importância que na verdade ele depois não tem na sociedade portuguesa” (idem). Quanto ao modo como afere essa importância, refere: “Afiro sempre indirectamente (...) Através dos números que descrevem a posição por nacionalidade da população residente em Portugal, que dizem que 5 por cento é estrangeira. Pelo clima de tensão social que exista relacionado com a vida dessas comunidades em Portugal. Pela importância que têm no debate político. É assim que eu afiro. Uma aferição que, como qualquer outra, é subjectiva. Estou consciente disso” (idem).

Também Chitas diz que o assunto está a perder “emotividade” e interesse junto dos leitores, mas afirma que há novos ângulos por abordar, relativizando o facto de poder à partida não ser muito apelativo junto dos leitores: “A Visão está habituada a tratar há muitos anos temas que não têm *sex-appeal* nenhum, que nós tentamos transformar em coisa apelativas (...) Tentamos humanizar as histórias, contar histórias particulares de pessoas e indivíduos” (idem).

Quanto aos artigos da Visão onde ingleses a viverem em Portugal nunca são referidos como imigrantes, parece que só na altura em que lhe é referido esse dado se dá conta, acabando por referir que essa perspectiva corresponde “ao lastro social” existente, no sentido que por imigrante se pensa imediatamente em pessoas socialmente mais desfavorecidas, “com menos recursos económicos, financeiros e de educação” (idem). Afirma não ter um cuidado obsessivo em “cair no politicamente correcto, que lava a imagem que temos de imigração como acontece em publicação anglo-saxónicas ou francesas” (idem). Defende que a ideia dominante tem algum fundamento e portanto não se deve “utilizar uma linguagem asséptica e lavada, que retira muito da realidade às coisas” (idem).

O director-adjunto Rui Tavares Guedes (Novembro de 2008) justifica a tendência actual de diminuição de artigos sobre imigração na Visão com o desaparecimento do “factor novidade” e a diminuição da chegada de imigrantes, ao mesmo tempo que refere que “numa altura de crise, desemprego, depois ainda vir falar de imigrantes que é mais um assunto na mesma.... se calhar os imigrantes agora é um tema que pode sair. Porque isto é uma revista, tem de ter alguns temas que

chamamos magazinescos... para não ser tudo no mesmo registo”.

A dificuldade em conseguir a aprovação de artigos mais deprimentes foi referida por vários jornalistas. A avaliação dos jornalistas sobre o modo como a Visão tem coberto o tema e a abertura dos editores para o assunto não é consensual. A atribuição do prémio “Imigração e Minorias Étnicas – Jornalismo pela Tolerância” a três jornalistas da Visão foi por vezes referida a esse propósito, contribuindo junto de muitos para formar a sua opinião positiva quanto à actuação da revista nesta matéria. Muitos revelaram alguma dificuldade em fazer essa avaliação, especialmente em termos quantitativos, pelos artigos sobre imigração em Portugal surgirem dispersos ao longo do tempo entre inúmeros outros.

Patrícia Fonseca (Março de 2008) considera que a cobertura do tema imigração em Portugal efectuada pela sua secção é fraca, referindo que quando se acha que o assunto é mais *down* tem dificuldade em passar, em especial, porque como esses temas já são muito comuns noutras secções. “Cabe à (secção) Sociedade aligeirar mais a coisa”, “é mais fácil entrar uma história sobre uma estrela qualquer ou sobre uns ténis *Nike*” (idem). Diz que é um equilíbrio difícil de encontrar e que a revista tem passado por diversas fases, consoante o perfil dos vários editores, que a tendência tem sido de aligeirar os temas, mas que a fase em que isso se acentuou mais foi em 2004/2005 e que entretanto até já se atenuou um pouco. “Isto por vezes é frustrante, mas eu percebo, porque há um equilíbrio e tu não podes página à página estar sempre... Supostamente o perfil do nosso leitor não quer só *down, down, down*, tens de ter aqui uns *ups* e os *ups* não é bem aquilo que a gente mais gosta de fazer”. Refere que enquanto as publicações mais populares tendem fazer mais as notícias imediatas mais sensacionalistas, que retratam as comunidades de imigrantes de forma mais negativa, a uma publicação como a Visão cabe “mostrar as nuances”, “aprofundar as diferentes realidades” e “o porquê das coisas negativas”, “fornecer pistas” (idem).

Fonseca diz que a linha editorial mudou em relação ao princípio da revista, e que agora se tem apenas a oportunidade de fazer uma ou duas grandes reportagens por ano que não sejam temas *light* “porque eles têm a noção que também têm de ter outro tipo de coisas”, mas que o comum é procurarem temas “de moda, de comportamento, de figuras de televisão, de perfis...” (idem).

Rosa Ruela (Maio de 2008) jornalista que teve a área da Imigração na

secção Sociedade (da qual foi editora em diversos momentos anteriores ao período analisado nesta tese) diz “o nosso jornalismo”, incluindo o das *newsmagazines*, é “um jornalismo muito básico”, que dá especial realce à novidade “àquilo que ainda reparas, à superfície, ao que é diferente” e que o factor “novidade” fez com que houvesse muita receptividade para o tema por parte dos editores e que se não houve mais artigos foi por falta de ideias, de preguiça. Que embora não haja uma linha editorial muito determinada em relação à imigração, desde que as ideias de artigos puxem por essa diferença, “pelo folclore”, são facilmente aprovadas (idem).

Alexandra Correia (Julho de 2008), uma das vencedoras do prémio Imigração e Minorias Étnicas – Jornalismo pela Tolerância, diz que sempre houve bastante receptividade para o tema. Recorda que quando entrou na Visão, numa altura em que ainda se falava pouco na imigração, Cáceres Monteiro lhe disse: “‘Olha, está atenta, deram-me uma pista, andam para aí umas máfias russas’ e lembro-me de ir para o Algarve... Ainda era tudo muito escondido, mesmo os imigrantes de Leste ainda estavam a chegar” (idem).

Falando sobre o seu contacto com imigração fora da sua actividade profissional, referiu ter diversos amigos imigrantes, o gosto por ir ver espectáculos a associações de imigrantes, à Casa da Música de Cabo Verde, à Cova da Moura afirmando que isso “lhe dá um banho de realidade”: “As pessoas que não têm muito contacto há sempre a tentação de considerar o outro um estranho, o forasteiro, como se dizia antigamente, é sempre visto com receio (...) a mim influencia-me no sentido que me aproxima da realidade e limpa um pouco esses preconceitos que temos e aquela mania da generalização que toda a gente tem”. A propósito do artigo com que foi premiada recorda os amigos comentarem que “era um texto militante” (idem).

Também Luís Ribeiro (Abril de 2008), outro jornalista contemplado com o prémio, refere por algumas vezes esse lado de intervir, de denunciar situações, aquando da discussão na reunião sobre a ideia de uma lista com as dez piores escolas – afirmaria que denunciar esse tipo de coisas foi a motivação que o fez entrar no jornalismo. “Acho que os assuntos relacionados com a imigração são dos que mais tocam os meus colegas. Acho que qualquer pessoa gosta de fazer trabalhos de imigração porque são trabalhos com mais alma, se calhar. Primeiro achamos que estamos a trabalhar para ajudar a mudar alguma coisa. Estamos a ajudar pessoas a expor as situações (...) Trato o tema de uma forma quase apaixonada. Não podemos

ser objectivos nisto, porque não são histórias objectivas, são subjectivas” (idem).

Isabel Nery (Julho de 2008), a primeira jornalista da Visão a receber o prémio, indicou a experiência de ter estudado um ano na Alemanha como algo que a levou a encarar o contacto entre vários povos como algo de positivo (a proximidade dos portugueses com a emigração é referida por vários como um factor que pode criar mais proximidade e empatia dos leitores para com os artigos sobre imigração). Embora considere haver alguma resistência da direcção em ter a imigração como tema principal, diz que tem encontrado abertura em todos os editores que teve em relação a ele (idem).

Nery (idem) afirma que provavelmente terá pouco interesse para os leitores uma vez que não é escolhido para capa, mas que começa a interessar quando implica com a vida das pessoas: “Será que a tua zona é segura? Que a escola dos teus filhos é multicultural?... Entrou no nosso dia-a-dia e as pessoas passaram a estar mais atentas a esse tipo de temas”. No entanto, afirma também que o factor novidade da chegada dos imigrantes de leste já passou, e por isso o interesse tem vindo a esmorecer.

Como já foi atrás referido, as capas e as vendas são um dos principais indicadores dos temas que resultam mais junto dos leitores. Esses elementos são frequentemente referidos nas reuniões, e feita a comparação com a concorrência, em especial a Sábado (a Visão encomenda também um estudo anual sobre o perfil dos leitores de ambas as publicações que lhe serve como referência).

A esse propósito, Nery (idem) referia a “ditadura das audiências” existente nas televisões, onde o número de espectadores pode ser controlado ao minuto, o que tem levado a um resvalar para notícias mais populares, enquanto na imprensa ainda resta espaço para artigos com menos *sex-appeal*, embora não em lugar de destaque.

Henrique Botequilha (Julho de 2008), jornalista da Visão até 2007 (altura em que saiu para integrar a Agência Lusa), diz que com a saída de Cáceres Monteiro (em 2005) a revista teve “uma deriva editorial durante algum tempo, fruto do desaparecimento de uma personalidade tão forte, com uma fortíssima intuição jornalística (...) Depois dessa tal deriva editorial veio a remodelação da Visão, uma remodelação com uma forte componente gráfica, com uma escolha mais cuidadosa de temas, porque os tempos já não estavam para brincadeiras. A Sábado já tinha nascido e estava a fazer uma concorrência muito apertada e o mercado estava complicado, a crise andava à solta, o mercado publicitário a descer e a partir desse instante entram

em jogo outros critérios. Não dá para correr em riscos em temas que não sejam facilmente vendáveis”.

Apesar desses novos critérios, Botequilha refere que a identidade da Visão, que passa pela defesa da tolerância, permanece, até como factor que a distingue da sua rival: “A Sábado durante muito tempo, não se via um negro lá dentro (nos artigos da revista). Dá que pensar. Na Visão isso seria impensável” (idem).

A ideia do jornalismo como devendo ter uma contribuição no combate aos preconceitos e às situações de injustiça esteve sempre presente nas entrevistas. O tema da tese reportou os jornalistas para essa perspectiva, em especial porque associavam automaticamente os imigrantes a alguém que afluíu a Portugal devido à sua difícil situação económica, a pessoas que se encontrem numa posição de inferioridade. A postura ideológica de procurar mostrar a imigração como algo positivo decorre da visão dominante do padrão representacional da imigração como algo desestruturador, ameaçador e deprimente.

A ideia dominante de que os jornalistas têm uma missão a cumprir nesse âmbito surge acompanhada por uma outra, de que a sua possibilidade de actuação é limitada por uma série de constrangimentos, nomeadamente o reduzido espaço da revista destinada a cobrir um leque de assuntos muito abrangente.

Esta posição é defendida pelos directores e editores, que avaliam positivamente a cobertura do assunto pela Visão, tendo em conta todos os seus constrangimentos. Nas entrevistas, foram eles que pareceram por vezes mais preocupados quanto à imagem da Visão estavam a transmitir para fora, sendo que essa imagem resulta em boa parte da linha editorial por eles criada.

Os jornalistas redactores manifestaram uma posição mais crítica em relação à cobertura da Visão. A possibilidade de intervir, de se apaixonarem por causas, foi referido como algo motivador para a sua actividade, manifestando por vezes insatisfação em relação ao papel que acham que deviam estar a cumprir. A maioria acabou contudo por mostrar compreensão face às decisões editoriais, nomeadamente em relação ao aligeiramento dos artigos da revista, como sendo algo inevitável face ao actual contexto mediático e às opções necessárias para a sobrevivência da publicação.



**Fotografia de Gonçalo Rosa da Silva/Visão**

*O open space da redacção da Visão*

## 6. CONCLUSÃO

A actualização da Visão, assim como da generalidade dos media nacionais, contribui para a manutenção de uma identidade nacional, na medida em que actualizam a narrativa, introduzindo novos dados dentro do corpus de informação comum. Essa actualização confere no entanto algum campo para a alteração de estereótipos e conceitos naturalizados.

Conscientes de que a alteração em curso do mapa da imigração em Portugal fornecia novos dados para a narrativa, lhes permitia uma actualização da intriga, os jornalistas da Visão procuraram interagir nesse processo.

As oscilações no modo como a categoria Imigrantes em Portugal é apresentada ilustra a relação dos jornalistas com os estereótipos, muitas vezes tentando desmontá-los, noutras estando tão dentro deles (o contexto em que os artigos surgem parece por vezes determinante para que tal aconteça) que só quando esse facto é referido é que parecem se dar conta.

O editor da Sociedade Paulo Chitas (Março de 2008) diz que, apesar de ter algum cuidado em relação à questão, não é adepto de uma linguagem “politicamente correcta”, “asséptica”, que “limpe a realidade”, defendendo que esses conceitos têm alguma correspondência com a realidade.

A estratégia de manter uma proximidade em relação à perspectiva da generalidade dos leitores é o motivo frequentemente apresentado no jornalismo contra a especialização. Uma proximidade, que poderá não estar necessariamente em consonância mas pelo menos que se cruze com a realidade dos leitores, é algo activamente procurado.

Mas como nota Datam e Karts (Libes & Curam, 1998), o facto de virem do coração do *establishment*, não invalida que os fragmentos narrativos presentes nos eventos mediáticos não possam surgir também como mobilizadores de solidariedades comuns.

O editor Paulo Chitas (Março de 2008) diz existir uma maior “sensibilidade” para com o assunto Imigração em Portugal (no sentido do interesse na defesa dos seus direitos e da sua valorização como algo positivo) dentro do “microcosmos” da Visão do que o interesse da generalidade da sociedade Portuguesa e que acaba por isso por funcionar como “freio” em relação ao número de artigos publicados sobre o assunto.

Comparando as sondagens aos portugueses sobre imigração e as entrevistas efectuadas aos jornalistas da Visão, estes últimos têm claramente uma perspectiva de maior tolerância e aceitação dos imigrantes do que a maioria da população.

Mas é curioso também ter em conta que o perfil dos leitores da Visão se situa justamente entre os mais tolerantes em relação à imigração, logo mais receptivos à mensagem que veiculam. Mas a questão também pode ser colocada de modo inverso, de que foi essa postura ideológica da Visão que a terá aproximado desse tipo de leitores.

A cobertura mediática estabelece inevitavelmente uma simplificação, a perda da compreensão individualizada dos outros. Os media têm de particularizar face à complexidade da realidade que reportam, mas os estereótipos não têm de se tornar algo de rígido. Contudo, o consumo cada vez mais rápido e disperso de informação tem levado ao reforço da simplificação da informação e à sua tabloidização. Na disputa pelas audiências, os media tendem a ir cada vez mais ao encontro das ideias pré-estabelecidas, agir em consonância com os julgamentos rápidos dos seus leitores, ou a criar narrativas facilmente apelativas.

A mudança ocorrida no jornalismo português nas últimas décadas, referida por Adelino Gomes<sup>1</sup>, tem uma correlação directa com as mudanças na Visão. O pendur para um jornalismo politicamente empenhado, na defesa de determinado tipo de valores, não desapareceu, mas passou a estar integrado na maior preocupação com a captação de audiências, transformando-se numa mais-valia, parte da marca da Visão.

Os critérios jornalísticos cruzam-se com os de entretenimento, no sentido de criar um produto facilmente apelativo, numa época em que tanto a crise dos media como a aproximação do seu rival mais directo, a Sábado, a levam “a correr menos riscos”.

Estes factores surgem na relação entre os jornalistas e os seus superiores hierárquicos, no modo como apresentam as sugestões de artigos no sentido de serem mais facilmente aceites. A aposta editorial em temas menos deprimentes, conjugada com a preocupação social da publicação, abre espaço para histórias de imigração

---

<sup>1</sup> Jornalismo “revolucionário” nos anos de 1970, jornalismo “partidário” nos de 1980 e “publicitário” nos de 1990, referiu Adelino Gomes (pág. 5)

positivas. Ainda assim, grande parte das histórias de imigração da Visão denunciaram situações de desfavorecimento, e não tiveram grande destaque.

A cobertura do tema surge num quadro de competição e interacção entre os vários grupos. O fraco interesse que o assunto teria junto do grupo dominante, nessa perspectiva negativa da imigração, mais do que condicionar o modo como esses grupos são referidos, leva a que sejam muitas vezes eliminados do espaço de representação comum.

O tema imigração em Portugal não será à partida dos mais apelativos para os leitores da Visão, uma vez que a generalidade deles não se insere nesse grupo. Tem algum espaço, mas apenas esporadicamente, e o único artigo que teve direito a capa apenas focava o assunto lateralmente. Tinha como tema principal o tráfico sexual, situado dentro do âmbito do crime e do sexo, o que o tornava mais “vendável”. As profundas alterações com a chegada de novos grupos de imigrantes durante o período em questão suscitaram contudo a curiosidade e abriram também espaço para a apresentação desses novos imigrantes.

A opção editorial pelas histórias de sucesso está bem presente nas escolhas de capa, com destaque para figuras conhecidas e para as “estrelas que nos fazem sonhar”. Há também uma clara aposta em temas utilitários, como as recorrentes capas de destinos de férias. Prioridades que levam a que esse tipo de temas facilmente passa à frente de outros, que não têm lugar no espaço da revista (determinado pela publicidade angariada).

Também muito presentes estão os temas que marcam a agenda das generalidades dos media. O estatuto editorial da Visão refere a intenção de dar “uma ampla cobertura dos mais importantes e significativos acontecimentos nacionais e internacionais”. Há uma clara preocupação de cruzar os temas da revista com os temas da “actualidade”, no sentido de saciar a curiosidade dos leitores em relação aos assuntos aos quais já foram introduzidos por outros media, satisfazendo a necessidade desse ritual de lhes fornecer dados que lhes permitam actualizar-se na partilha de uma cultura comum.

A agenda mediática surge como algo exterior, mas, ao mesmo tempo, há também consciência por parte dos jornalistas do seu campo de intervenção, de marcarem a actualidade, introduzindo novos dados, novos assuntos. Fundamental aliás para a afirmação da marca.

A Visão está inserida num contexto mediático português que tem sido caracterizado por uma tendência para a maior tabloidização, ao qual a revista não é alheia.

Ainda que não muito frequentes, os artigos sobre imigração em Portugal tiveram no período em análise uma presença mais forte, para a qual contribuiu o maior destaque que o assunto teve nesse período junto da generalidade dos portugueses e dos media. A maior receptividade de editores e directores, como assunto que urgia tratar, levou a que pudesse ser para aí encaminhados diversos temas vindos de outras áreas (como por exemplo o artigo sobre distúrbios psiquiátricos ou a reportagem sobre o ambiente existente no Metropolitano de Lisboa), o que terá provavelmente menor tendência a acontecer. Alguns assuntos do mesmo género podem mesmo continuar a ser tratados, mas não enquadrados como de imigração.

A diminuição da entrada de imigrantes, mas também o cenário de crise e logo a menor receptividade para o assunto referida pelo director adjunto Rui Tavares Guedes, contribui para que os imigrantes em Portugal tenham actualmente uma menor presença nas páginas da Visão, o que se deverá continuar a verificar num futuro próximo.

O modo como é criada a categoria imigrantes em Portugal na Visão é marcado por todos esses constrangimentos. E se a obsessão com as audiências é determinante no modo como são escolhidos e desenvolvidos os artigos, esse factor não se esgota apenas em critérios comerciais, pois, caso não consigam quebrar a barreira da indiferença, acabam por não cumprir a sua função informativa e da eventual alteração de mentalidades pretendida.

Como jornalista, tendo a compreender a estratégia de abordar o assunto em função dos conceitos dominantes sobre a imigração em Portugal, procurando ir ao seu encontro, para depois com eles interagir. Mas a observação e análise que efectuei ao longo desta tese acabou por me chamar a atenção para até que ponto essa abordagem leva a ficar preso na concepção dominante. A imigração passa a ser sinónimo de situação de inferioridade – de outro modo não seria imigração – que urge combater numa perspectiva de solidariedade. Mas por sua vez, transforma-a em algo supostamente deprimente e desinteressante, logo fica remetida para uma presença discreta no espaço mediático. Ao mesmo tempo, o tentar adivinhar a percepção dos leitores facilmente leva a que os jornalistas projectem neles os seus próprios

preconceitos interiorizados, num processo que tende a passar totalmente despercebido se esses preconceitos existirem numa forma inconsciente.

A análise que comecei por efectuar do modo como os media portugueses tratam o assunto (ainda na fase embrionária da tese) facilmente me permite constatar que a Visão aborda o assunto Imigrantes em Portugal com uma maior preocupação em combater a intolerância e a estigmatização do que a generalidade dos media. Apesar disso, tende a não se afastar muito das concepções dominantes. Aliás, essa imagem de defesa da tolerância é construída muito em torno desse quadro de referência em que se insere.

Os jornalistas movem-se entre os conceitos naturalizados no senso comum, por vezes estando completamente imbuídos neles, outras tentando alterá-los. Existem inúmeras pressões e condicionamentos para que não se afastem demasiado dessas concepções, o que facilmente levaria ao repúdio da sua mensagem e a passarem a ser vistos como manipuladores da realidade, contrariamente à suposta objectividade jornalística.

## 7. BIBLIOGRAFIA

- Anderson, Benedict, 2005 (1983, 1991), *Comunidades Imaginadas. Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70
- Bauman, Gerd, 1999, *The Multicultural Riddle. Rethinking National, Ethnic, and Religious Identities*. Nova Iorque e Londres: Routledge
- Bauman, Zygmunt, 2001, *Comunidade. A busca por segurança no mundo actual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Beck, Ulrich e Anthony Giddens e Scott Lash, 2000, *Modernização Reflexiva. Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno*. Oeiras: Celta Editora
- Bhabha, Homi, 1997, *Of Mimicry and Man: the Ambivalence of Colonial Discourse* chap. 3 of *Tensions of Empire: Colonial Cultures in a Bourgeois World*, Cooper, Frederick & Ann Laura Stoler (ed.), Berkeley: University of California Press, pp 152-160
- Cadima, Francisco Rui (coord.), 2003, *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa*. Lisboa: Obercom
- Cardoso, Carla Rodrigues, Outubro 2007, *Nascimento e ascensão das newsmagazines* in Revista JJ – Jornalismo e Jornalistas, pág. 19 a 35
- Cardoso, Gustavo (coord.), 2007, *Anuário da Comunicação 2005-2006*. Lisboa: Obercom
- Cardoso, Gustavo (coord.), 2008, *Anuário da Comunicação 2006-2007*. Lisboa: Obercom
- Carneiro, Roberto (coord.), 2004, *Media, imigração e minorias étnicas*. Lisboa: ACIME
- Carneiro, Roberto (coord.), 2006, *Os Imigrantes e a População Portuguesa. Imagens Recíprocas*. Lisboa: ACIME
- Carneiro, Roberto, Primavera-Verão 2006, *Hibridação e aventura humana* in revista Comunicação e Cultura, pág. 37 a 55
- Carneiro, Roberto (coord.), 2008, *Media, imigração e minorias étnicas – 2005-2006*. Lisboa: ACIDI
- Castelo, Cláudia, 1998, «*O modo português de estar no mundo*». *O lusotropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento
- Cutileiro, José, 1973, *The Anthropologist in His Own Society*, in Proceedings of the 10<sup>o</sup> Annual ASA Conference. St. John's College, Oxford
- Devereux, James, 1967, *From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences*. Mouton: The Hague
- Giddens, Anthony, 1991, *Modernity and Self-Identity. Self and society in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press.
- Hall, Stuart, 1994 (1992), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio: D&P Editora
- Hannerz, Ulf, 1997, *Fluxos, fronteiras, híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional*.
- Held, David e Anthony McGrew, 2000, *Prós e contras da globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor
- Hobsbawm, Eric & Terence Ranger (org), 2002, 1997, *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Liebes, Tamar & James Curran (edit.), 1998, *Media, Ritual and Identity*. London: Routledge

- Machado, Igor José de Renó, 2004, *Estereótipos e preconceito na experiência dos imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*.
- Machado, Igor José de Renó, 2006, *Imigração em Portugal*.
- Mauch, James E. e Namgi Park, 2003, *Guide to the Successful Thesis and Dissertation. A Handbook for Students and Faculty*. New York: Marcel Dekker
- Pickering, Michael, 2001, *Stereotyping. The Politics of Representation*. New York: Palgrave
- Pontes, Luciana, 2004, *Mulheres brasileiras na mídia portuguesa*. Cadernos Pagu
- Silverstone, Roger e Myria Georgiou, 2005, *Editorial Introduction: Media and Migration Studies in Multicultural Europe*, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*. London: Routledge
- Srinivas, M. N., 1966, *Some Thoughts on the Study of One 's Own Society*, in *Change in Modern India*. Berkeley: University of California Press
- Strathern, Marilyn, 1987, *The Limits of Auto-anthropology*, in *Anthropology at Home*. Londres: Tavistock
- Vale de Almeida, Miguel, 2004, *Outros Destinos. Ensaio sobre antropologia e cidadania*. Porto: Campo das Letras

#### Fontes documentais

##### Artigos da Visão

- 7 de Junho de 2001, *Portugueses têm um fundo de racismo*. D. Januário Torgal Ferreira, pág. 15 a 17
- 7 de Março de 2002, suplemento O Estado da Nação, *Migrações*, pág. 31
- Cardoso, Mário Rui, 24 de Abril de 2002, *Chegaram os 'roms'*, pág. 130 a 131
- 29 de Maio de 2002, *O visitante indesejado. Refugiado*, pág. 52
- 29 de Maio de 2002, *Portugal a Leste. Imigração*, pág. 108 a 104
- Pena, Paulo e Rosa Ruela, 6 de Junho de 2002, *Imigrantes que futuro?*, pág. 40 a 46
- 6 de Junho de 2002, *Ministro defende 'imigração selectiva'*. Figueiredo Lopes, pág. 44 e 45
- 20 de Junho de 2002, *Europa, a fronteira selvagem*, pág. 62 a 68
- Vieira, Pedro, 20 de Junho de 2002, *Maus imigrantes, não! Cimeira de Sevilha*, pág. 70 a 72
- Vieira, Pedro, 27 de Junho de 2002, *Ilegais 'go home'!*, pág. 66 a 70
- Lourenço, Gabriela, Henrique Botequilha e Miguel Judas, 27 de Junho de 2002, *Portugal brasileiro*, pág. 94 a 98
- Judas, Miguel, 14 de Agosto de 2002, *Francis Obikwelu, raça africana*, pág. 80 a 81
- Serra, Paula, 26 de Setembro de 2002, *Passagem para Índia*, pág. 60 a 64
- Carvalho, Miguel, 3 de Outubro de 2002, *Um dia na vida de Portugal*, Braga, pág. 88 e 89
- Nery, Isabel, 21 de Novembro de 2002, *Retalhos da vida de um médico*, pág. 146 a 152
- Botequilha, Henrique, 13 de Fevereiro de 2003, *Máfias de Leste*, pág. 82 a 88
- Correia, Alexandra, 6 de Março de 2003, *Rejeitados*, pág. 40 a 48

- Sampaio, Áurea, 6 de Março de 2003, *‘Imigrantes não dão prejuízo ao Estado’ (Feliciano Barreiras Duarte)*, pág. 50 e 51
- Correia, Alexandra, 13 de Março de 2003, *Presidência aberta, Sampaio num país às cores*, pág. 44 a 46
- Serra, Paula, 21 de Março de 2003, *Iraquianos em Portugal. Imigrantes de luxo*, pág. 72 a 74
- Fernandes, Tiago, 21 de Março de 2003, *Casal luso-iraquiano. À espera do ataque*, pág. 75
- Roseta, Helena, 8 de Maio de 2003, *Então e os pais?*, pág. 130
- Pinto, Cesaltina, 8 de Maio de 2003, *As ‘mininas’ de Bragança*, pág. 94 a 97
- Fonseca, Patrícia, 18 de Junho de 2003, *O que é que a brasileira tem?*, pág. 100 a 106
- Correia, Alexandra e Paulo Pena, 10 de Julho de 2003, *Burlados pela defesa. Imigrantes*, pág. 56 a 58
- Miguel, João Dias, 24 de Julho de 2003, *Os índios de Monchique. Reportagem*, pág. 88 a 94
- Correia, Alexandra e Paulo Chitas, 2 de Outubro de 2003, *Portugal disfarça as rugas. Imigrantes*, pág. 120 e 121
- 16 de Outubro de 2003, *Quando as ‘meninas’ chegaram à cidade*, pág. 156 a 162
- Dacosta, Fernando e Marta Estêvão e Patrícia Correia, 16 de Outubro de 2003, *Crianças com três metros de altura*, pág. 120 a 125
- Ribeiro, Carla Alves e Rita Montez, 6 de Novembro de 2003, *Paraíso perdido*, pág. 144 a 150
- Luís, Filipe e Isabel Nery, Patrícia Fonseca, Rosa Ruela, Sara Sá, 16 de Outubro de 2003, *O país dos escândalos sexuais*, pág. 152 a 155
- Galope, Francisco, 13 de Novembro de 2003, *Os sem-abrigo que vieram do frio*, pág. 108 a 118
- Pinto, Cesaltina e Rosa Ruela, 29 de Janeiro de 2004, *A comunidade invisível*, pág. 66 a 73
- Fonseca, Patrícia, 5 de Fevereiro de 2004, *Almas feridas. Imigrantes*, pág. 84 e 85
- Ruela, Rosa, 26 de Fevereiro de 2004, *Escrita em dia. Media*, pág. 76 e 77
- 11 de Março de 2004, *De relance. Imigrantes*, pág. 22
- Barriga, Paulo, 15 de Abril de 2004, *África aqui tão perto – reportagem*, pág. 106 a 108
- Vieira, João Paulo e Paulo Santos, 15 de Julho de 2004, *O dilema de Pinto*, pág. 90 a 94
- Guedes, Rui Tavares, 26 de Agosto de 2004, *Nascido para voar. Francis Obikwelu*, pág. 76 a 81
- 24 de Junho de 2004, *Brasileiros serão a maior comunidade. Imigrantes*, pág. 36
- Guedes, Rui Tavares, 5 de Agosto de 2004, *Portugal Olímpico*, pág. 88 a 97
- Ribeiro, Luís, 23 de Setembro de 2004, *Uma favela portuguesa*, pág. 106 a 108
- Correia, Alexandra, 2 de Dezembro de 2004, *Como recebemos os imigrantes. Imigração*, pág. 76 e 77
- Quinn-Judge, Paul e Yuri Zarakovich, 2 de Dezembro de 2004, *A revolução laranja*, pág. 82 a 87
- Ribeiro, Luís, 2 de Dezembro de 2004, *‘Vin Povernuvsá’*, pág. 88 a 90

- Tavares, Sara, 13 de Maio de 2004, Caderno Roteiro Sete, *Histórias de Metro*, pág. 5 a 7
- Ribeiro, Luís, 23 de Dezembro de 2004, *De Portugal, com amor*, pág. 46 a 54
- Miguel, João Dias, 18 de Novembro de 2004, *Viktor contra Viktor. Ucrânia*, pág. 102 a 104
- Botequilha, Henrique, 4 de Novembro de 2004, '*Não há política de imigração na Europa*'. Roxane Silberman, pág. 13 a 15
- 4 de Novembro de 2004, *Sete anos de prisão para dono de bar. Prostituição em Bragança*, pág. 24
- 14 de Outubro de 2004, *Novos centros de apoio – Imigração*, pág. 47
- Galope, Francisco, 9 de Junho de 2005, *Clandestino involuntário. Imigração*, pág. 68
- Fernandes, Tiago e Ricardo Fonseca, 16 de Junho de 2005, *O maremoto de Carcavelos. Crime*, pág. 116 a 118
- Pena, Paulo, 14 de Julho de 2005, *Michael Moore à portuguesa. 'Arrastão'*, pág. 48
- Ribeiro, Luís, 16 de Junho de 2005, *Noites russas. Imigrantes*, pág. 132 a 134
- Correia, Alexandra, 14 de Julho de 2005, *Filhos de uma pátria menor*, pág. 36 a 40
- Fonseca, Patrícia, 21 de Julho de 2005, *Negócios da China*, pág. 108 a 116
- Ruela, Rosa, 22 de Setembro de 2005, *Um homem com uma missão. Rui Marques*, pág. 84 e 85
- Cardoso, Mário Rui, 6 de Outubro de 2005, *A salto. Espanha*, pág. 82
- Ruela, Rosa, 13 de Outubro de 2005, *Os 'nossos' brasileiros. Imigração*, pág. 112 a 118
- Botequilha, Henrique e Sónia Sapage, 10 de Novembro de 2005, *Teste à tolerância. Imigração*, pág. 76 a 78
- Lacerda, Isabel, 9 de Março de 2006, *Jovens, cultos e apaixonados. Imigração*, pág. 90 a 92
- Júnior, J. Plácido, *Cova da Moura, parte II. Justiça*, pág. 88 a 90
- 4 de Maio de 2006, *SEF 'expulsa' 300. Ilegais*, pág. 36
- Ruela, Rosa, 15 de Junho de 2006, *Ganhar raízes. Educação*, pág. 90 a 92
- 24 de Agosto de 2006, *À espera da 'grande invasão'? – Imigração*, pág. 28
- Faustino, Susana Lopes, 31 de Agosto de 2006, *Cultura imigrante*, pág. 7
- Fonseca, Patrícia e Joana Fillol e Joana Loureiro, 5 de Outubro de 2006, *I love Portugal*, pág. 96 a a 102
- Fonseca, Ricardo com Mário David Campos, 16 de Novembro de 2006, *Imigrantes. Os inconformados*, pág. 94 a 100
- Botequilha e Isabel Marques da Silva, Isabel Nery e Tiago Fernandes, 1 de Março de 2007, *As novas escravas*, pág. 100 a 110
- Nery, Isabel, 22 de Março de 2007, *Sociedade das Nações*, pág. 146 e 147
- Galope, Francisco e Maria da Luz Correia, 24 de Maio de 2007, *O mundo dos 'algarveans'*, pág. 116 a 123
- Correia, Alexandra, 16 de Agosto de 2007, *Cascais de todas as cores*, pág. 34 a 40
- Caetano, Emília, 20 de Setembro de 2007, *Ucranianos dizem adeus a Portugal. Imigração*, pág. 19

- Duarte, Feliciano Barreiras, 14 de Junho de 2007, *A nova Lei da Imigração*, pág. 60
- Duarte, Feliciano Barreiras, 19 de Julho de 2007, *Natalidade: um desafio para o futuro*, pág. 52
- Galope, Francisco, 23 de Agosto de 2007, *Marinha intercepta clandestinos. Imigração*, pág. 17
- Duarte, Feliciano Barreiras, 6 de Setembro de 2007, *As migrações no mundo*, pág. 70
- Pacheco, João, 20 de Dezembro de 2007, *Falhar na areia*, pág. 114 a 116
- Ribeiro, Luís, 17 de Janeiro de 2008, *Menos iguais do que os outros*, pág. 74 a 81
- Ribeiro, Luís, 26 de Junho de 2008, *Palavras de esperança. Imigração*, pág. 100
- Pacheco, João, 14 de Fevereiro de 2008, *Os 'náufragos' da Culatra*, pág. 72 a 77
- Mascarenhas, José, 6 de Novembro de 2008, *Professoras do sexo*, pág. 104 a 108
- Posse, Patrícia, 16 de Outubro de 2008, *Imigrantes vindimados. Trabalho*, pág. 130 e 131

#### Entrevistas:

- Almeida, Patrícia, jornalista da secção Sociedade, Maio de 2008
- Barra, Luís, fotógrafo, Janeiro de 2009
- Botequilha, Henrique, ex-jornalista da secção Sociedade, Julho de 2008
- Camacho, Pedro, *publisher* e director, Março de 2008
- Correia, Alexandra, jornalista da secção Portugal, Julho de 2008
- Chitas, Paulo, editor da secção Sociedade, Março de 2008
- Dias de Almeida, editor da secção Cultura, Fevereiro de 2009
- Fonseca, Patrícia, jornalista da secção Sociedade, Março de 2008
- Galope, Francisco, jornalista da secção Portugal, Julho de 2008
- Nery, Isabel, jornalista da secção Sociedade, Junho de 2008
- Pacheco, João, jornalista *freelancer* que colabora habitualmente para a secção Sociedade, Abril de 2008
- Pena, Paulo, editor da secção Portugal, Março de 2008
- Ribeiro, Luís, jornalista da secção Sociedade, Abril de 2008
- Rosa da Silva, Gonçalo, editor fotográfico, Março de 2009
- Ruela, Rosa, jornalista da secção Sociedade, Maio de 2008
- Tavares Guedes, Rui, director-adjunto, Novembro de 2008
- Vasconcelos, José Carlos, coordenador do Gabinete Editorial, Novembro de 2008